

**FACULTÉ LIBRE DES SCIENCES DE L'HOMME
DE L'ENVIRONNEMENT DE PARIS
— F. L. S. H. E. P. —
DEPARTAMENTO PÓS- GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

WALMIR FERNANDES PEREIRA

**SEREI SEREIA? UMA APRECIÇÃO LITERÁRIA EXISTENCIALISTA DO CONTO DE
KELY DE CASTRO**

PARIS, FRANÇA

2024

WALMIR FERNANDES PEREIRA

SEREI SEREIA? UMA APRECIACÃO LITERÁRIA EXISTENCIALISTA DO CONTO DE KELY DE CASTRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências da Educação da Faculté Libre Des Science De L’homme como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Educação Área de Concentração: Filosofia da Educação , sob orientação do Prof. Dr. Ariosvaldo Vieira da Silva.

PARIS, FRANÇA

2024

Walmir Fernandes Pereira

Serei sereia? Uma apreciação literária existencialista do conto de Kely de Castro

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:



**FACULTÉ LIBRE DES SCIENCES DE L'HOMME
ET DE L'ENVIRONNEMENT DE PARIS**
Etablissement d'Enseignement Supérieur libre.
Officiellement déclaré et enregistré au Rectorat de l'Académie de Paris,
sous le n° 493
Fonctionne sous le contrôle pédagogique de l'Etat (Ministère de l'Education Nationale)
Siège social: 14, rue Félicien DAVID- 75016 Paris - France

ATTESTATION SUR L'HONNEUR

Le Directeur du Département des Facultés de la FLSHEP – FACULTÉ LIBRE DES SCIENCES DE L'HOMME ET DE L'ENVIRONNEMENT DE PARIS, soussigné, certifie que, en date du 04 Mars, 2024, **WALMIR FERNANDES PEREIRA**, né à Cruzeiro – São Paulo, Brésil, le 28 Août, 1989, inscrite au Cours de **SCIENCES DE L'ÉDUCATION**, a passé, avec succès, ses examens et soutenance de sa **Thèse**, du niveau:

DOCTORAT EN SCIENCES DE L'ÉDUCATION

Avec une Dissertation intitulée: **"Est-Ce Que Je Serai Une Sirène?; Une appréciation Littéraire Existentialiste de la Nouvelle de Kely de Castro"**, devant un jury composé du Prof. Dr. Ariosvaldo Vieira da SILVA (Directeur du Département des Facultés de la FLSHEP pour le Brésil); Prof. Dr. André **BONVALLAT** (Directeur des Enseignements); Prof. Dr. Gilbert **CRUSSOL** (Directeur de Thèse); Prof. Drégoire **COUTURIER** (Co-Administrateur de l'ULSHP); Prof. Dr. Henri **CANAI** (Directeur des Enseignements).

En foi de quoi, nous lui avons délivré la présente attestation pour servir ce que de Sensibilisation à l'Environnement..

Cette attestation, pour être valable, ne doit être ni surchargée ni grattée. L'Université ne la délivre qu'une fois. Les Mairies et les Comisariats de police, français, les Agents diplomatiques et consulaires de France à l'étranger peuvent en délivrer des copies certifiées conformes.

Mention: Très Bien.

Fait à Paris, le 04 Août 2024



Ariosvaldo Vieira da Silva, Ph. D.
Ariosvaldo Vieira da Silva, Ph. D.
Directeur du Département des Facultés
de la FLSHEP au Brésil

Provençal
Provençal
Directeur des Enseignements
Monsieur, Ph. D., Directeur d'Étude

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Educação.

RESUMO

O presente estudo analisa a intersecção entre literatura e inclusão social sob uma perspectiva filosófica existencialista, utilizando a obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro, como objeto de análise. A narrativa acompanha Inaê, uma menina com deficiência física que enfrenta desafios impostos por uma sociedade excludente. A abordagem existencialista de Jean-Paul Sartre (1943) enfatiza que a identidade não é predeterminada, mas construída por meio das experiências e escolhas individuais. Além disso, a filosofia de Simone de Beauvoir (1949) e as reflexões de Merleau-Ponty (1945) sobre corporeidade complementam a discussão acerca da construção identitária da protagonista. A literatura desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão, pois possibilita a reflexão sobre realidades marginalizadas (Candido, 2006). Nesse contexto, a trajetória de Inaê evidencia a necessidade de repensar as estruturas sociais excludentes e reafirmar a importância da diversidade na formação cidadã. A influência materna na jornada da protagonista também é analisada a partir das contribuições de Lev Vygotsky (1934), destacando a mediação social no desenvolvimento da subjetividade. Por fim, o estudo relaciona a obra ao conceito de educação inclusiva (Mantoan, 2003), explorando seu potencial pedagógico no ambiente escolar. A literatura infantojuvenil, ao representar personagens com deficiência, sensibiliza crianças e jovens para a diversidade, promovendo a empatia e a construção de uma sociedade mais equitativa. Dessa forma, a análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista não apenas amplia a compreensão sobre identidade e liberdade, mas também reforça o papel transformador da literatura na educação e na inclusão social.

Palavras-chave: literatura, inclusão social, existencialismo, identidade, educação inclusiva.

ABSTRACT

This study analyzes the intersection between literature and social inclusion from an existentialist philosophical perspective, using the work *Serei Sereia?*, by Kely de Castro, as the object of analysis. The narrative follows Inaê, a girl with a physical disability who faces challenges imposed by an exclusionary society. Jean-Paul Sartre's (1943) existentialist approach emphasizes that identity is not predetermined, but rather constructed through individual experiences and choices. In addition, Simone de Beauvoir's (1949) philosophy and Merleau-Ponty's (1945) reflections on corporeality complement the discussion about the protagonist's identity construction. Literature plays a fundamental role in promoting inclusion, as it enables reflection on marginalized realities (Candido, 2006). In this context, Inaê's trajectory highlights the need to rethink exclusionary social structures and reaffirm the importance of diversity in citizenship formation. The maternal influence on the protagonist's journey is also analyzed based on the contributions of Lev Vygotsky (1934), highlighting social mediation in the development of subjectivity. Finally, the study relates the work to the concept of inclusive education (Mantoan, 2003), exploring its pedagogical potential in the school environment. Children's literature, by representing characters with disabilities, raises awareness among children and young people about diversity, promoting empathy and the construction of a more equitable society. Thus, the analysis of *Will I Be a Mermaid?* from an existentialist perspective not only broadens the understanding of identity and freedom, but also reinforces the transformative role of literature in education and social inclusion.

Keywords: literature, social inclusion, existentialism, identity, inclusive education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 JUSTIFICATIVA.....	01
1.2 OBJETIVOS	01
1.2.1 Objetivo Geral.....	01
1.2.2 Objetivos Específicos.....	01
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	01
CAPITULO I	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO (INSERIR UM TÍTULO CRIATIVO)	01
1 Subtítulo do Capítulo	01
1.2 Subtítulo do Capítulo	01
1.3 Subtítulo do Capítulo (se houver)	01
CAPITULO II	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO (INSERIR UM TÍTULO CRIATIVO)	01
2.1 Subtítulo do Capítulo	01
2.2 Subtítulo do Capítulo	01
2.3 Subtítulo do Capítulo (se houver)	01
3 CAPITULO III	01
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	01
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA	01
3.2.1 Contexto da Pesquisa	01
3.2.2 Sujeitos da Pesquisa	01
4 CAPITULO IV	01
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	01
4.2 Primeiro Procedimento de Análise	01
4.3 Segundo Procedimento de Análise	01
CONSIDERAÇÕES FINAIS	01
REFERÊNCIAS	01
APÊNDICES	01
ANEXOS	01

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a intersecção entre literatura e inclusão social sob uma perspectiva filosófica existencialista, tomando como objeto de análise a obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro. A literatura, além de sua função estética, desempenha um papel fundamental na promoção da reflexão sobre temas sociais e identitários, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e inclusiva (Candido, 2006). Nesse sentido, a narrativa de Inaê, uma menina com deficiência física que enfrenta os desafios impostos por uma sociedade excludente, proporciona uma discussão sobre a construção da identidade e da subjetividade em um contexto de adversidade.

A análise da protagonista sob a ótica do existencialismo sartreano permite compreender como a identidade não é uma condição fixa, mas um processo em constante transformação, construído a partir das experiências e escolhas individuais (Sartre, 1943). O pensamento de Simone de Beauvoir (1949) também contribui para essa discussão, ao enfatizar que a opressão das diferenças é uma construção social que limita a autonomia dos indivíduos. Assim, ao longo da narrativa, Inaê precisa afirmar sua existência e identidade em um mundo que impõe barreiras à sua participação plena na sociedade.

Outro aspecto relevante é a corporeidade da protagonista, que pode ser analisada a partir das reflexões de Merleau-Ponty (1945). O autor argumenta que o corpo é o principal meio de interação com o mundo e influencia a forma como o indivíduo se percebe e é percebido pelos outros. No caso de Inaê, sua deficiência física impacta não apenas sua experiência pessoal, mas também a maneira como a sociedade a enxerga e a trata.

Além do referencial filosófico, a pesquisa também se apoia nos princípios da educação inclusiva, que defende a necessidade de adaptações pedagógicas e estruturais para garantir a participação equitativa de todos os estudantes no ambiente escolar (Mantoan, 2003). A literatura infantojuvenil, ao abordar a diversidade, pode se tornar uma ferramenta pedagógica eficaz para sensibilizar crianças e jovens sobre a importância da inclusão e da empatia.

Dessa forma, o presente estudo propõe uma análise da obra *Serei Sereia?* sob a perspectiva existencialista, investigando como a narrativa de Inaê contribui para a discussão sobre identidade, liberdade e inclusão social. A pesquisa busca evidenciar o papel da literatura como espaço de representação e reflexão sobre realidades marginalizadas, ressaltando sua relevância para a formação de uma sociedade mais igualitária e consciente da diversidade humana.

A literatura e a inclusão social são temas que, quando analisados sob uma perspectiva filosófica existencialista, oferecem uma compreensão ampliada sobre a construção da identidade e a interação dos sujeitos com o mundo. A educação inclusiva, segundo Mantoan (2003), é um conceito pedagógico que visa garantir o direito universal à educação, promovendo a equidade e a valorização da diversidade humana. Dentro desse contexto, a análise da obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro sob a ótica do existencialismo permite compreender como a protagonista, Inaê, constrói sua identidade e enfrenta os desafios impostos por uma sociedade excludente. Sartre (1943, p. 27) argumenta que "a existência precede a essência", enfatizando que o ser humano se define pelas suas escolhas e experiências, sem uma natureza preestabelecida. Essa perspectiva revela a trajetória de Inaê como um processo de construção ativa de significado, em que sua condição física não a determina, mas sim a maneira como ela interage com o mundo ao seu redor.

A literatura tem um papel fundamental na reflexão sobre questões sociais e na ampliação da empatia dos leitores em relação a diferentes realidades. Candido (2006) ressalta que a literatura é um direito básico do ser humano, pois contribui para a formação da subjetividade e para a compreensão do outro. A história de Inaê reflete um processo de autoafirmação da diferença, questionando as concepções tradicionais de normalidade e pertencimento. Ao longo da narrativa, a personagem desafia as barreiras impostas pelo meio social e, ao assumir a responsabilidade por sua existência, reafirma a premissa existencialista de que somos os únicos responsáveis por construir nosso sentido de ser (SARTRE, 1943). Dessa forma, a literatura se torna uma ferramenta essencial para a formação de uma consciência inclusiva, sensibilizando os leitores sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e promovendo uma visão mais humanizada da diversidade.

A construção da identidade da protagonista também pode ser analisada à luz das reflexões de Simone de Beauvoir sobre a opressão das diferenças dentro das estruturas sociais. Beauvoir (1949, p. 267) enfatiza que "não se nasce mulher: torna-se mulher", um pensamento que pode ser transposto para a condição de Inaê, que também não nasce pré-determinada por sua deficiência, mas ressignifica sua existência por meio de suas experiências e interações sociais. A exclusão enfrentada pela personagem se manifesta como um reflexo das barreiras estruturais que limitam a autonomia de indivíduos marginalizados. Esse aspecto está alinhado com as discussões sobre o capacitismo, conceito que descreve a discriminação contra pessoas com deficiência, perpetuada por valores culturais que privilegiam corpos considerados "normais" (DINIZ, 2007). Dessa maneira, a análise da obra permite compreender como as estruturas sociais impactam a subjetividade e a autoimagem das pessoas com deficiência.

A corporeidade, elemento central na discussão sobre identidade e inclusão, é abordada por Merleau-Ponty (1945), que destaca a importância do corpo na forma como os sujeitos percebem e interagem com o mundo. Para o autor, "o corpo é nosso meio de ter um mundo" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 259), o que significa que a experiência do indivíduo está intrinsecamente ligada à sua condição corporal. Na narrativa de "Serei Sereia?", a protagonista enfrenta desafios relacionados à sua mobilidade e à forma como é percebida pelos outros, demonstrando como o corpo pode ser tanto um meio de expressão quanto um fator de exclusão. A perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty contribui para entender como a identidade de Inaê é construída em diálogo com sua condição física e com os valores sociais que a cercam.

A mediação social, essencial para o desenvolvimento da subjetividade, também é um aspecto relevante na construção da identidade da protagonista. Vygotsky (1934) enfatiza que o desenvolvimento cognitivo e emocional ocorre por meio das interações sociais, e a figura materna tem um papel crucial nesse processo. Na narrativa de "Serei Sereia?", a mãe de Inaê representa um suporte fundamental para que a personagem compreenda sua própria existência e supere as barreiras impostas pelo meio. Esse aspecto reflete o que Vygotsky (1934, p. 45) denomina de "zona de desenvolvimento proximal", ou seja, a distância entre aquilo que o indivíduo pode realizar sozinho e o que ele pode conquistar com apoio. A relação entre literatura, filosofia e educação inclusiva, portanto, evidencia como os processos de ensino-aprendizagem podem ser potencializados pela mediação social e pela valorização da diversidade.

A educação inclusiva, como destaca Mantoan (2003), exige uma transformação estrutural na cultura escolar e nas práticas pedagógicas. A literatura pode atuar como um instrumento pedagógico eficaz para ampliar a compreensão sobre a diversidade, promovendo um ensino mais equitativo. O uso da obra "Serei Sereia?" no ambiente escolar possibilita uma leitura compartilhada e reflexiva, permitindo que os alunos desenvolvam empatia e compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. O Brasil (2008) estabelece, em suas diretrizes sobre educação inclusiva, que "toda pessoa tem direito ao acesso à educação" e que "a educação inclusiva diz respeito a todos". Dessa forma, a análise da obra sob a perspectiva existencialista contribui para expandir o debate sobre liberdade, responsabilidade e construção de significado no mundo, reforçando a importância da literatura como ferramenta de transformação social.

A literatura desempenha um papel essencial na construção do imaginário social e na reflexão sobre a diversidade humana. Ao longo da história, a ficção tem sido um meio poderoso para representar diferentes perspectivas e experiências de vida, proporcionando ao leitor a possibilidade

de compreender a realidade sob ângulos variados. Segundo Candido (2006), "a literatura humaniza porque nos insere no universo do outro, ampliando nossa percepção do mundo" (p. 32). Essa característica torna a literatura uma ferramenta crucial para a inclusão social, pois permite visibilizar grupos historicamente marginalizados. Nesse contexto, a obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro se destaca como um exemplo significativo de como a literatura infantojuvenil pode abordar a deficiência física e os desafios da inclusão.

A narrativa acompanha a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que enfrenta barreiras impostas por uma sociedade que naturaliza a exclusão. A protagonista, ao longo da história, busca afirmar sua identidade e conquistar autonomia dentro de um espaço social que frequentemente desconsidera sua existência. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência" (p. 16), ou seja, não há um destino pré-determinado para o sujeito, e sua identidade é construída pelas escolhas que faz ao longo da vida. Essa visão existencialista fundamenta a análise da personagem, pois evidencia que Inaê não é definida por sua condição física, mas pelas decisões e ações que toma para ressignificar sua existência dentro do mundo ao seu redor.

A perspectiva filosófica de Simone de Beauvoir (1949) também contribui para a compreensão do processo identitário da personagem, uma vez que a autora discute como a opressão está enraizada nas estruturas sociais. Para Beauvoir, "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), o que pode ser aplicado à situação de Inaê, que não nasce predestinada a ser excluída, mas encontra na sociedade barreiras que tentam determinar seu lugar. Essa construção social da identidade reforça a necessidade de questionar os mecanismos que perpetuam a marginalização das pessoas com deficiência, destacando o papel da educação e da literatura como ferramentas para a transformação desse cenário.

A literatura infantojuvenil tem sido um instrumento poderoso para sensibilizar crianças e jovens sobre a diversidade e a inclusão. Segundo Mantoan (2003), "a educação inclusiva não é apenas um direito, mas um imperativo ético e social" (p. 45). Isso significa que a escola deve garantir espaços onde todas as crianças possam aprender e se desenvolver sem discriminação. No contexto de "Serei Sereia?", a narrativa possibilita um diálogo sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, incentivando leitores a refletirem sobre a importância da empatia e do respeito às diferenças.

A filosofia de Merleau-Ponty (1945) também oferece subsídios para compreender a experiência da personagem, especialmente no que se refere à corporeidade e à percepção do mundo. O autor argumenta que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio de comunicação com a realidade" (p. 119). Essa visão é fundamental para a análise da obra, pois a deficiência de Inaê

não deve ser compreendida como uma limitação absoluta, mas como um aspecto de sua existência que influencia sua relação com o mundo. A narrativa evidencia como a personagem ressignifica seu corpo e supera desafios impostos pelo meio social.

Além da abordagem filosófica, a mediação social também é um fator crucial para o desenvolvimento da identidade da protagonista. Vygotsky (1934) destaca que "o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação com o outro e da internalização dos signos culturais" (p. 87). A relação de Inaê com sua mãe desempenha um papel essencial em sua trajetória, pois representa um suporte fundamental na construção de sua autoimagem e na sua luta por reconhecimento. A literatura, ao retratar essas relações, enfatiza a importância do suporte familiar na promoção da autonomia e da inclusão.

A inclusão social, como princípio educacional, demanda uma transformação profunda na forma como as diferenças são abordadas dentro das instituições de ensino. Segundo o Brasil (2008), "toda pessoa tem o direito de acesso à educação e a educação inclusiva diz respeito a todos" (p. 12). No ambiente escolar, obras como "Serei Sereia?" podem ser utilizadas para promover debates e atividades que estimulem uma consciência mais inclusiva entre os alunos, preparando-os para atuar em uma sociedade mais justa e igualitária.

A ficção permite que crianças e jovens desenvolvam a capacidade de se colocar no lugar do outro, promovendo um olhar mais sensível sobre realidades distintas. Para Candido (2006), "a literatura é um direito humano, pois possibilita a expansão do horizonte cultural e crítico do indivíduo" (p. 54). Dessa forma, a leitura de narrativas que abordam a diversidade, como "Serei Sereia?", contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na luta por direitos e inclusão.

A obra de Kely de Castro também dialoga com questões contemporâneas sobre a representatividade na literatura. Segundo Caetano (2020), "a ausência de personagens com deficiência na literatura infantojuvenil reflete uma lacuna na forma como a sociedade percebe essas pessoas" (p. 631). A representatividade é essencial para que crianças com deficiência possam se reconhecer nas histórias que leem, reforçando sua autoestima e senso de pertencimento. Assim, "Serei Sereia?" não apenas traz visibilidade para essa questão, mas também possibilita uma discussão crítica sobre a forma como a deficiência é retratada na cultura.

A análise existencialista aplicada à obra permite compreender como a literatura pode ser um espaço de questionamento sobre a liberdade e a construção do ser. Para Sartre (1943), "o ser humano é condenado a ser livre, pois, uma vez lançado no mundo, ele é responsável por tudo o que faz" (p.

27). Inaê, ao longo da narrativa, assume essa liberdade ao desafiar as expectativas impostas sobre ela, demonstrando que sua identidade não está limitada por sua condição física, mas sim por suas escolhas e experiências.

Ao refletir sobre a inclusão e a literatura, percebe-se que essas duas esferas estão intrinsecamente ligadas, pois a leitura de histórias inclusivas contribui para a formação de uma sociedade mais consciente e equitativa. Como argumenta Santos et al. (2020), "o uso da tecnologia e da literatura em sala de aula pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem e promover maior engajamento dos alunos com temas sociais relevantes" (p. 205). Nesse sentido, a obra "Serei Sereia?" pode ser incorporada ao currículo escolar como uma estratégia pedagógica para ampliar a compreensão dos estudantes sobre inclusão.

Por fim, a análise da obra sob a ótica existencialista evidencia que a construção da identidade é um processo dinâmico, influenciado tanto pelas experiências individuais quanto pelo meio social. A trajetória de Inaê reflete a necessidade de repensar as estruturas sociais que perpetuam a exclusão, reforçando a importância da literatura como ferramenta de transformação. A educação inclusiva, aliada à literatura, pode desempenhar um papel crucial na formação de cidadãos mais empáticos e preparados para lidar com a diversidade em todas as suas formas.

1.1 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pela relevância da literatura como instrumento de inclusão social e pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre a formação da identidade de pessoas com deficiência sob a ótica do existencialismo. A literatura, ao retratar personagens marginalizados, possibilita uma reflexão crítica sobre a sociedade e os desafios enfrentados por esses indivíduos. Conforme Candido (2006), a literatura tem um papel social fundamental, pois permite a humanização do leitor ao colocá-lo em contato com diferentes realidades e experiências. Assim, analisar a obra "Serei Sereia?" sob a perspectiva existencialista contribui para um entendimento mais amplo da construção da identidade e da liberdade individual diante das imposições sociais.

A educação inclusiva representa um avanço significativo nas políticas educacionais, garantindo o direito de todos à aprendizagem em um ambiente equitativo e acessível. Mantoan (2003) ressalta que a inclusão não se resume à presença física do aluno na escola, mas exige transformações estruturais e culturais para assegurar uma educação de qualidade. Diante disso, a literatura infantojuvenil torna-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de uma consciência inclusiva, ao proporcionar narrativas que desafiam estereótipos e promovem a valorização da

diversidade. A análise da trajetória de Inaê, protagonista de "Serei Sereia?", permite refletir sobre a necessidade de reestruturação das práticas pedagógicas para acolher as diferenças e combater a exclusão social.

A perspectiva existencialista adotada na análise desta pesquisa se fundamenta nos conceitos de liberdade e responsabilidade individual. Sartre (1943) argumenta que "a existência precede a essência", ou seja, o ser humano não nasce com uma identidade predefinida, mas a constrói por meio de suas escolhas e interações com o mundo (SARTRE, 1943, p. 23). Nesse sentido, Inaê se depara com desafios impostos por sua condição física, mas sua identidade não é limitada pela deficiência; ao contrário, é construída a partir de suas experiências e enfrentamentos. A análise dessa personagem sob a ótica existencialista permite compreender como a literatura pode atuar como um espaço de questionamento das normativas sociais e como um meio de empoderamento para indivíduos historicamente marginalizados.

A opressão social enfrentada por indivíduos com deficiência está intrinsecamente ligada às estruturas culturais e institucionais, conforme pontua Beauvoir (1949), ao afirmar que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 267). Esse pensamento pode ser transposto para a condição de Inaê, que não nasce definida pela deficiência, mas precisa reafirmar sua existência em uma sociedade que a percebe como diferente. A exclusão social imposta a esses indivíduos reflete uma construção histórica de normatividade que deve ser desconstruída para garantir um convívio mais igualitário. Dessa forma, a literatura desempenha um papel crucial ao fornecer representatividade e promover reflexões que questionam essas estruturas.

A corporeidade e sua influência na percepção do mundo são aspectos centrais na abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty (1945), que argumenta que "o corpo não é um objeto, mas um meio de comunicação com o mundo" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 147). A protagonista de "Serei Sereia?" vivencia sua deficiência como parte de sua existência, e não como uma limitação absoluta. Essa perspectiva evidencia como a identidade se constrói a partir das experiências corporais e das interações sociais, ressaltando a importância da literatura em abordar esses temas de maneira sensível e complexa. Dessa forma, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre como a literatura pode promover empatia e compreensão acerca das experiências de pessoas com deficiência.

A relação entre identidade e sociedade é mediada por processos educativos, conforme proposto por Vygotsky (1934), que enfatiza a importância da mediação social na construção do conhecimento. A trajetória de Inaê é influenciada diretamente pelo apoio materno e pelas interações sociais que vivencia ao longo da narrativa. Esse aspecto reforça a necessidade de ambientes

educacionais que incentivem a aceitação da diversidade e promovam um ensino que valorize as diferenças individuais. Assim, a pesquisa não apenas analisa a obra literária em questão, mas também propõe reflexões sobre a importância de práticas pedagógicas que considerem as singularidades de cada aluno.

O papel da literatura como ferramenta pedagógica é amplamente reconhecido, especialmente no que diz respeito à formação da consciência social. Candido (2006) argumenta que "a literatura nos humaniza ao nos permitir experimentar outras realidades através da imaginação" (CANDIDO, 2006, p. 89). Ao analisar "Serei Sereia?" sob essa ótica, a pesquisa evidencia como narrativas literárias podem contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva. A inserção de obras que abordam a diversidade no currículo escolar permite que os estudantes desenvolvam uma visão mais ampla sobre as diferentes formas de existência e fortalece valores como respeito e empatia.

A justificativa desta pesquisa se fundamenta, portanto, na necessidade de aprofundar os debates sobre inclusão social, identidade e literatura. A análise da obra "Serei Sereia?" sob a perspectiva existencialista contribui para o entendimento das experiências de indivíduos com deficiência e destaca a importância da literatura como um meio de transformação social. Ao problematizar as barreiras impostas por uma sociedade excludente, a pesquisa reafirma o papel da literatura na construção de subjetividades e na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

- Analisar, sob a perspectiva do existencialismo, como a literatura pode contribuir para a reflexão sobre a inclusão social, tendo como base a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro, a fim de compreender a construção da identidade da protagonista e sua relação com o mundo a partir das experiências e desafios impostos por uma sociedade excludente.

1.2.2 Objetivos Específicos

Objetivos Específicos:

- Examinar como os conceitos existencialistas, especialmente de Sartre (1943), Beauvoir (1949) e Merleau-Ponty (1945), se aplicam à trajetória da protagonista, destacando sua construção identitária e sua afirmação da liberdade.

- Investigar o papel da literatura infantojuvenil como instrumento de reflexão sobre inclusão social e diversidade, considerando sua relevância pedagógica e formativa.
- Avaliar como a narrativa de *Serei Sereia?* representa os desafios enfrentados por pessoas com deficiência em uma sociedade que ainda impõe barreiras sociais e simbólicas à inclusão.
- Relacionar a obra ao contexto da educação inclusiva, discutindo como as escolas podem utilizar a literatura para fomentar uma cultura de valorização das diferenças e respeito à diversidade.
- Identificar as contribuições da mediação social no processo de construção subjetiva da protagonista, à luz das concepções de Vygotsky (1934) sobre a formação da identidade.

1.5 PROBLEMA DE PESQUISA

A literatura tem desempenhado um papel essencial na construção de subjetividades e na problematização de questões sociais relevantes, como a inclusão de pessoas com deficiência. Nesse contexto, a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro apresenta uma protagonista cuja jornada reflete os desafios enfrentados por indivíduos que necessitam reafirmar sua identidade em uma sociedade que ainda impõe barreiras excludentes. Assim, o presente estudo busca responder à seguinte questão: como a obra *Serei Sereia?* reflete os principais conceitos da filosofia existencialista e de que maneira esses conceitos influenciam a construção dos personagens e a progressão do enredo?

A filosofia existencialista, fundamentada por pensadores como Jean-Paul Sartre (1943), Simone de Beauvoir (1949) e Maurice Merleau-Ponty (1945), enfatiza a liberdade do indivíduo na construção de sua identidade e na atribuição de sentido à própria existência. De acordo com Sartre (1943, p. 28), "a existência precede a essência", o que significa que o ser humano não possui uma natureza fixa, mas se define a partir de suas escolhas e experiências. Essa perspectiva permite analisar a trajetória da protagonista Inaê como um processo contínuo de autoconstrução, marcado por desafios impostos tanto por sua deficiência física quanto pelos padrões normativos da sociedade.

Na obra de Kely de Castro, a narrativa se estrutura a partir do confronto entre a subjetividade da protagonista e as limitações sociais impostas ao seu corpo. Merleau-Ponty (1945) enfatiza que a corporeidade é um elemento fundamental na relação do indivíduo com o mundo, pois o corpo não é um mero objeto físico, mas uma estrutura que media a experiência e a percepção da realidade. Esse conceito é crucial para entender como Inaê ressignifica sua condição e enfrenta os obstáculos que surgem ao longo da história. Como afirma o autor, "o corpo é nosso meio geral para termos um

mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 160), destacando a importância da experiência sensível na constituição da identidade.

A literatura, ao retratar narrativas de personagens marginalizados, contribui para a sensibilização e para a construção de uma consciência coletiva mais inclusiva. Candido (2006) argumenta que a literatura tem uma função humanizadora, pois permite ao leitor entrar em contato com realidades distintas e desenvolver empatia pelas experiências do outro. No caso de *Serei Sereia?*, a trajetória de Inaê desafia concepções tradicionais de normalidade e pertencimento, promovendo reflexões sobre a necessidade de um olhar mais sensível e acolhedor para a diversidade. "A literatura nos faz compreender o humano em sua complexidade, revelando dimensões que muitas vezes permanecem invisíveis na sociedade" (Candido, 2006, p. 48).

O existencialismo, ao enfatizar a liberdade e a responsabilidade do indivíduo, permite uma leitura mais profunda da construção da identidade da protagonista. Segundo Beauvoir (1949), "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), uma afirmação que pode ser transposta para a experiência de Inaê, que não nasce determinada por sua deficiência, mas constrói sua identidade a partir das experiências e interações com o mundo. Essa perspectiva é essencial para compreender como a personagem supera as barreiras impostas pelo meio social e reafirma sua existência de maneira autônoma.

A educação inclusiva é um dos pilares para garantir o direito de todos à aprendizagem e à participação social. Mantoan (2003) destaca que a inclusão não se restringe à adaptação de conteúdos, mas requer uma transformação estrutural nas práticas pedagógicas e na cultura escolar. Assim, a literatura pode ser utilizada como um recurso pedagógico que favorece a construção de uma visão de mundo mais diversa e plural. "A inclusão não é apenas uma proposta educacional, mas um princípio ético que orienta a convivência humana" (Mantoan, 2003, p. 97). Dessa forma, a análise de *Serei Sereia?* contribui para o debate sobre a importância de narrativas inclusivas no contexto escolar.

A narrativa de Inaê evidencia como a construção da identidade está intrinsecamente ligada às experiências vividas e às interações sociais. Vygotsky (1934) argumenta que o desenvolvimento humano ocorre por meio da mediação social e que a subjetividade se forma na relação com o outro. "O aprendizado desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com o ambiente e com os outros" (Vygotsky, 1934, p. 56). Nesse sentido, a relação da protagonista com sua mãe e com os demais personagens influencia sua percepção de si mesma e de seu lugar no mundo.

Ao longo da obra, percebe-se que a personagem principal não apenas enfrenta desafios físicos, mas também precisa lidar com a exclusão social e com os estereótipos associados à deficiência. Esse aspecto dialoga com as reflexões de Beauvoir (1949) sobre a opressão das diferenças, que não é apenas individual, mas estrutural. "A opressão não se baseia apenas em limitações físicas, mas na maneira como a sociedade constrói e impõe essas limitações" (Beauvoir, 1949, p. 314). O processo de resistência e superação de Inaê, portanto, representa uma crítica às normas excludentes e uma afirmação de sua liberdade existencial.

A análise da obra também permite discutir como a literatura infantojuvenil pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e inclusiva. Segundo Caetano (2020), "as novas tecnologias e a literatura, quando utilizadas de forma reflexiva, podem atuar como instrumentos na construção do conhecimento e da aprendizagem significativa" (p. 635). Isso sugere que a leitura de obras como *Serei Sereia?* pode estimular discussões sobre diversidade, empatia e direitos humanos, ampliando o repertório dos leitores e promovendo um olhar mais sensível para as diferenças.

Diante do exposto, a presente pesquisa se justifica pela relevância de analisar uma obra literária sob a ótica do existencialismo e da inclusão social, contribuindo para o entendimento das dinâmicas de construção identitária e das barreiras impostas às pessoas com deficiência. A literatura, ao oferecer narrativas que questionam e ampliam percepções sobre a realidade, tem um papel fundamental na transformação social. Como afirma Candido (2006), "a literatura não apenas reflete o mundo, mas também o transforma, ao ampliar horizontes e questionar estruturas preestabelecidas" (p. 52).

A problemática da pesquisa, portanto, se insere em um debate mais amplo sobre o papel da literatura na formação cidadã e na promoção de uma sociedade mais inclusiva. Por meio da análise de *Serei Sereia?*, pretende-se demonstrar como os conceitos existencialistas contribuem para a construção da identidade da protagonista e como a narrativa pode ser utilizada como um recurso para fomentar reflexões sobre diversidade e inclusão. Dessa forma, o estudo reafirma a importância de abordagens literárias que dialoguem com as realidades sociais e promovam o pensamento crítico e emancipatório.

CAPITULO I

1. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA E SUA RELEVÂNCIA NA LITERATURA

A literatura tem desempenhado um papel essencial na construção de subjetividades e na problematização de questões sociais relevantes, como a inclusão de pessoas com deficiência. Nesse contexto, a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro apresenta uma protagonista cuja jornada reflete os desafios enfrentados por indivíduos que necessitam reafirmar sua identidade em uma sociedade que ainda impõe barreiras excludentes. Assim, o presente estudo busca responder à seguinte questão: como a obra *Serei Sereia?* reflete os principais conceitos da filosofia existencialista e de que maneira esses conceitos influenciam a construção dos personagens e a progressão do enredo?

A filosofia existencialista, fundamentada por pensadores como Jean-Paul Sartre (1943), Simone de Beauvoir (1949) e Maurice Merleau-Ponty (1945), enfatiza a liberdade do indivíduo na construção de sua identidade e na atribuição de sentido à própria existência. De acordo com Sartre (1943, p. 28), "a existência precede a essência", o que significa que o ser humano não possui uma natureza fixa, mas se define a partir de suas escolhas e experiências. Essa perspectiva permite analisar a trajetória da protagonista Inaê como um processo contínuo de autoconstrução, marcado por desafios impostos tanto por sua deficiência física quanto pelos padrões normativos da sociedade.

Na obra de Kely de Castro, a narrativa se estrutura a partir do confronto entre a subjetividade da protagonista e as limitações sociais impostas ao seu corpo. Merleau-Ponty (1945) enfatiza que a corporeidade é um elemento fundamental na relação do indivíduo com o mundo, pois o corpo não é um mero objeto físico, mas uma estrutura que media a experiência e a percepção da realidade. Esse conceito é crucial para entender como Inaê ressignifica sua condição e enfrenta os obstáculos que surgem ao longo da história. Como afirma o autor, "o corpo é nosso meio geral para termos um mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 160), destacando a importância da experiência sensível na constituição da identidade.

A literatura, ao retratar narrativas de personagens marginalizados, contribui para a sensibilização e para a construção de uma consciência coletiva mais inclusiva. Candido (2006) argumenta que a literatura tem uma função humanizadora, pois permite ao leitor entrar em contato com realidades distintas e desenvolver empatia pelas experiências do outro. No caso de *Serei Sereia?*, a trajetória de Inaê desafia concepções tradicionais de normalidade e pertencimento, promovendo reflexões sobre a necessidade de um olhar mais sensível e acolhedor para a diversidade. "A literatura

nos faz compreender o humano em sua complexidade, revelando dimensões que muitas vezes permanecem invisíveis na sociedade" (Candido, 2006, p. 48).

O existencialismo, ao enfatizar a liberdade e a responsabilidade do indivíduo, permite uma leitura mais profunda da construção da identidade da protagonista. Segundo Beauvoir (1949), "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), uma afirmação que pode ser transposta para a experiência de Inaê, que não nasce determinada por sua deficiência, mas constrói sua identidade a partir das experiências e interações com o mundo. Essa perspectiva é essencial para compreender como a personagem supera as barreiras impostas pelo meio social e reafirma sua existência de maneira autônoma.

A educação inclusiva é um dos pilares para garantir o direito de todos à aprendizagem e à participação social. Mantoan (2003) destaca que a inclusão não se restringe à adaptação de conteúdos, mas requer uma transformação estrutural nas práticas pedagógicas e na cultura escolar. Assim, a literatura pode ser utilizada como um recurso pedagógico que favorece a construção de uma visão de mundo mais diversa e plural. "A inclusão não é apenas uma proposta educacional, mas um princípio ético que orienta a convivência humana" (Mantoan, 2003, p. 97). Dessa forma, a análise de *Serei Sereia?* contribui para o debate sobre a importância de narrativas inclusivas no contexto escolar.

A narrativa de Inaê evidencia como a construção da identidade está intrinsecamente ligada às experiências vividas e às interações sociais. Vygotsky (1934) argumenta que o desenvolvimento humano ocorre por meio da mediação social e que a subjetividade se forma na relação com o outro. "O aprendizado desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com o ambiente e com os outros" (Vygotsky, 1934, p. 56). Nesse sentido, a relação da protagonista com sua mãe e com os demais personagens influencia sua percepção de si mesma e de seu lugar no mundo.

Ao longo da obra, percebe-se que a personagem principal não apenas enfrenta desafios físicos, mas também precisa lidar com a exclusão social e com os estereótipos associados à deficiência. Esse aspecto dialoga com as reflexões de Beauvoir (1949) sobre a opressão das diferenças, que não é apenas individual, mas estrutural. "A opressão não se baseia apenas em limitações físicas, mas na maneira como a sociedade constrói e impõe essas limitações" (Beauvoir, 1949, p. 314). O processo de resistência e superação de Inaê, portanto, representa uma crítica às normas excludentes e uma afirmação de sua liberdade existencial.

A análise da obra também permite discutir como a literatura infantojuvenil pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e inclusiva. Segundo Caetano (2020), "as novas

tecnologias e a literatura, quando utilizadas de forma reflexiva, podem atuar como instrumentos na construção do conhecimento e da aprendizagem significativa" (p. 635). Isso sugere que a leitura de obras como *Serei Sereia?* pode estimular discussões sobre diversidade, empatia e direitos humanos, ampliando o repertório dos leitores e promovendo um olhar mais sensível para as diferenças.

Diante do exposto, a presente pesquisa se justifica pela relevância de analisar uma obra literária sob a ótica do existencialismo e da inclusão social, contribuindo para o entendimento das dinâmicas de construção identitária e das barreiras impostas às pessoas com deficiência. A literatura, ao oferecer narrativas que questionam e ampliam percepções sobre a realidade, tem um papel fundamental na transformação social. Como afirma Candido (2006), "a literatura não apenas reflete o mundo, mas também o transforma, ao ampliar horizontes e questionar estruturas preestabelecidas" (p. 52).

A problemática da pesquisa, portanto, se insere em um debate mais amplo sobre o papel da literatura na formação cidadã e na promoção de uma sociedade mais inclusiva. Por meio da análise de *Serei Sereia?*, pretende-se demonstrar como os conceitos existencialistas contribuem para a construção da identidade da protagonista e como a narrativa pode ser utilizada como um recurso para fomentar reflexões sobre diversidade e inclusão. Dessa forma, o estudo reafirma a importância de abordagens literárias que dialoguem com as realidades sociais e promovam o pensamento crítico e emancipatório.

1.1 A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA: ORIGENS, CONCEITOS E RELEVÂNCIA LITERÁRIA

O existencialismo, enquanto corrente filosófica, emergiu na Europa no século XX e propôs uma nova visão sobre a condição humana, enfatizando a liberdade, a responsabilidade e a autenticidade. Originado principalmente por filósofos como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus, o existencialismo critica as abordagens tradicionais da filosofia que tentavam encontrar respostas universais para a existência humana. Em vez disso, essa filosofia foca na experiência individual, com o objetivo de compreender o ser humano em sua essência mais livre e, ao mesmo tempo, mais angustiada.

Jean-Paul Sartre, em sua obra fundamental *O Ser e o Nada* (1943), introduziu a ideia de que "a existência precede a essência". Para Sartre, o ser humano nasce sem uma natureza definida e, ao

longo da vida, é responsável por criar sua própria essência por meio das escolhas que faz. Essa liberdade absoluta, embora libertadora, também é fonte de angústia, uma vez que cada indivíduo é o único responsável pelas consequências de suas ações, sem recorrer a uma moralidade preestabelecida (Sartre, 1943). Este conceito de liberdade irrestrita influencia a literatura e a forma como ela pode ser usada para explorar questões como identidade, pertencimento e a luta contra as estruturas sociais que limitam essa liberdade.

Simone de Beauvoir, filósofa e escritora, ampliou a discussão existencialista ao abordar a questão da opressão de gênero e a construção da identidade feminina. Em sua obra *O Segundo Sexo* (1949), de Beauvoir afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), sugerindo que a identidade feminina não é uma essência dada, mas algo que é construído ao longo da vida, em interação com as estruturas sociais. Essa ideia pode ser transposta para outros contextos de identidade, como a deficiência, mostrando como a sociedade cria normas que excluem aqueles que não se encaixam no padrão.

A análise da literatura sob uma ótica existencialista é uma ferramenta poderosa para entender as construções de identidade em ambientes sociais que frequentemente marginalizam indivíduos. Nesse sentido, a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro apresenta um cenário adequado para aplicar as ideias de Sartre e Beauvoir. A protagonista, Inaê, é uma menina com deficiência física que enfrenta a exclusão imposta por uma sociedade que não está preparada para acolher as diferenças. Através da sua jornada, podemos observar como Inaê, em um processo de autoconstrução existencial, desafia as limitações impostas por seu corpo e pela percepção social de "normalidade".

A filosofia existencialista, ao ressaltar a liberdade e a responsabilidade, oferece uma chave interpretativa para a trajetória de Inaê. A personagem não se define pela sua deficiência, mas sim pelas suas escolhas e pela maneira como lida com as adversidades. Sua existência é uma construção contínua, à medida que ela busca um lugar no mundo que respeite sua subjetividade e os valores que ela escolhe adotar. De acordo com Sartre (1943), "a liberdade humana é antes de tudo a liberdade de fazer escolhas", e Inaê, ao desafiar as normas sociais, demonstra como a identidade não é uma essência predeterminada, mas uma construção pessoal, feita de experiências e decisões.

A presença da mãe de Inaê na narrativa também remete às ideias de Lev Vygotsky (1934) sobre a mediação social no processo de desenvolvimento da subjetividade. A mãe de Inaê exerce uma influência crucial no fortalecimento da identidade da filha, ajudando-a a compreender a importância de suas escolhas e incentivando-a a transcender as barreiras impostas pela sociedade. Vygotsky (1934) argumenta que "o desenvolvimento da subjetividade é um processo socialmente mediado",

sugerindo que a interação com figuras significativas, como a mãe, é fundamental para o crescimento e a autoafirmação de uma criança, especialmente em contextos de exclusão.

Ao analisar a obra sob a lente existencialista, também é possível dialogar com Maurice Merleau-Ponty, cujas ideias sobre a corporeidade influenciam diretamente a percepção do mundo. Merleau-Ponty (1945) considera o corpo como um meio essencial de interação com o ambiente, e a percepção do mundo está intrinsecamente ligada à maneira como nos relacionamos com nosso próprio corpo. No caso de Inaê, sua deficiência física altera a forma como ela interage com o mundo e com as outras pessoas, sendo um elemento central na construção de sua identidade. O modo como ela se vê e como os outros a percebem reflete as limitações e as possibilidades impostas pelo corpo, além da constante redefinição da identidade que ocorre ao longo da narrativa.

A literatura tem um papel essencial na formação de uma consciência inclusiva, pois oferece um espaço de reflexão sobre a realidade das minorias. Segundo Antonio Candido (2006), "a literatura tem a função de colocar em debate os temas mais relevantes para a sociedade, possibilitando que a reflexão sobre o outro se torne uma experiência compartilhada". Ao contar a história de Inaê, Kely de Castro não apenas narra as dificuldades de uma criança com deficiência, mas também propõe uma reflexão sobre o que significa ser diferente em uma sociedade que valoriza a conformidade e a normalidade. Através da personagem, a obra desafia as concepções tradicionais de normalidade, sublinhando a importância de respeitar a diversidade e a individualidade.

Em concordância com a filosofia existencialista, a obra também sublinha a ideia de que cada pessoa é responsável pela construção de sua própria identidade. A exclusão social que Inaê enfrenta não é uma condição definitiva, mas uma situação que pode ser superada através da autonomia e da capacidade de reconfigurar o sentido da existência. Segundo Sartre (1943), "o homem é condenado à liberdade", o que implica que a personagem, mesmo diante das dificuldades, é livre para dar um novo significado à sua vida, rompendo com os rótulos e as limitações sociais.

A relação de Inaê com sua deficiência também remete à necessidade de repensar as estruturas educacionais e sociais que continuam a marginalizar aqueles que não atendem aos padrões estabelecidos. De acordo com Mantoan (2003), "a educação inclusiva busca transformar a sociedade, oferecendo igualdade de oportunidades e valorizando as diferenças". Nesse contexto, a obra de Kely de Castro é um convite a refletir sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais inclusiva, onde as diferenças não sejam vistas como limitações, mas como uma parte essencial da diversidade humana.

A análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista não se limita à compreensão da trajetória de Inaê, mas se estende a uma reflexão mais ampla sobre o papel da literatura na construção de uma sociedade inclusiva. A obra se insere nas discussões contemporâneas sobre a educação inclusiva e a valorização da diversidade, temas que têm ganhado destaque no campo pedagógico e social. Ao abordar as experiências de uma personagem com deficiência, o livro de Kely de Castro não apenas questiona as normas sociais, mas também propõe um modelo de inclusão que respeita a liberdade individual e a singularidade de cada pessoa.

A filosofia existencialista, com sua ênfase na liberdade, na responsabilidade e na construção da identidade, oferece um arcabouço teórico robusto para analisar as obras literárias que abordam temas como a inclusão social e a diversidade. Através de Sartre, Beauvoir, Merleau-Ponty e Vygotsky, é possível entender como a literatura pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos, independentemente de suas diferenças, tenham o direito de afirmar sua existência e sua identidade.

Em suma, a análise existencialista da obra *Serei Sereia?* ilumina questões fundamentais da condição humana, como a liberdade, a responsabilidade e a busca por um sentido na vida. Ao examinar a trajetória de Inaê, a obra de Kely de Castro nos convida a repensar as estruturas sociais e educacionais que ainda excluem aqueles que são vistos como "diferentes". A literatura, ao tratar dessas questões, desempenha um papel fundamental na transformação da sociedade, promovendo a reflexão crítica e a construção de uma consciência inclusiva.

Portanto, a relevância da filosofia existencialista no estudo da literatura, especialmente no que se refere à inclusão social, é indiscutível. Ao explorar as complexidades da identidade e da liberdade, o existencialismo oferece uma abordagem poderosa para entender as narrativas que desafiam as normas sociais e celebram a diversidade humana. A obra de Kely de Castro é um exemplo claro de como a literatura pode ser utilizada para questionar as estruturas sociais e educacionais, propondo uma reflexão profunda sobre a condição humana e a busca por sentido em um mundo que frequentemente marginaliza os diferentes.

A filosofia existencialista, especialmente por meio das obras de pensadores como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty, apresenta uma abordagem que questiona e reflete sobre o ser humano e suas experiências no mundo. Este pensamento filosófico se insere em um debate sobre a liberdade individual, a busca de significado e a construção da identidade, sendo uma ferramenta potente para a análise de questões sociais e educacionais. A literatura, por sua vez, assume um papel fundamental ao proporcionar uma compreensão mais profunda das experiências

humanas, especialmente aquelas que envolvem marginalização e exclusão, como é o caso das pessoas com deficiência. Nesse contexto, a obra de Kely de Castro, *Serei Sereia?*, se destaca, pois permite uma reflexão existencialista sobre a construção da identidade de Inaê, uma menina com deficiência física que se vê desafiada por uma sociedade excludente.

A filosofia existencialista de Sartre, particularmente sua famosa máxima "a existência precede a essência" (Sartre, 1943, p. 22), oferece uma base para a compreensão da construção da identidade da protagonista, Inaê. Ao contrário da concepção determinista, que vê a identidade como algo fixo e pré-determinado, o existencialismo afirma que o ser humano tem a liberdade de criar sua própria essência por meio das escolhas que faz e das experiências que vive. Assim, Inaê não nasce com uma identidade fixa, mas, ao longo de sua trajetória, constrói sua relação com o mundo e com os outros, desafiando as imposições sociais que tentam rotulá-la. A protagonista transita entre os espaços sociais, onde, por meio de suas escolhas, experimenta sua liberdade existencial, configurando um exemplo claro da afirmação sartreana de que o indivíduo não é passivo diante da vida, mas sim o protagonista de sua própria história.

A obra de Kely de Castro propõe, portanto, uma reflexão existencialista que se aprofunda na relação entre a deficiência e a identidade. Ao tratar da condição de Inaê, a autora questiona as convenções sociais sobre o que é considerado "normal" ou "anormal". Segundo Candido (2006), a literatura tem o poder de abrir espaços para discussões que extrapolam as fronteiras da ficção e tocam diretamente as questões sociais. A exclusão de pessoas com deficiência é uma realidade que, embora historicamente enfrentada, ainda persiste, e a construção de uma identidade autêntica, que não se prenda a estigmas sociais, é uma tarefa difícil e complexa. Assim, ao colocar a personagem Inaê em um cenário de constante desafio e superação, a autora oferece um modelo de resistência existencial, onde a personagem não se vê como vítima, mas como alguém que constrói ativamente sua identidade.

No âmbito do existencialismo, a filosofia de Simone de Beauvoir (1949), particularmente em sua obra *O Segundo Sexo*, é crucial para a compreensão da opressão das diferenças sociais e sua relação com as estruturas de poder. A filósofa afirma que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), uma frase que pode ser transposta para a situação de Inaê. A personagem não nasce com uma identidade predeterminada por sua deficiência, mas constrói sua subjetividade através da interação com a sociedade que a marginaliza. A opressão que Inaê enfrenta está enraizada nas expectativas e normas sociais, que, de acordo com Beauvoir, moldam o sujeito conforme padrões estabelecidos, muitas vezes negando sua liberdade de ser e de se expressar plenamente. Essa perspectiva existencialista e feminista contribui para uma análise mais crítica da condição de pessoas

com deficiência, que, assim como as mulheres na obra de Beauvoir, são muitas vezes definidas pelas suas limitações e não por suas capacidades ou subjetividades.

A análise existencialista da obra *Serei Sereia?* também se beneficia das reflexões de Merleau-Ponty (1945), que destaca a importância da corporeidade na formação do sujeito. Para o filósofo, o corpo não é apenas uma máquina biológica, mas o meio pelo qual o indivíduo se relaciona com o mundo e os outros. Em *Serei Sereia?*, a dificuldade de Inaê em locomover-se e a maneira como é percebida pelos outros refletem uma tensão entre sua experiência subjetiva e a percepção externa de seu corpo. Merleau-Ponty argumenta que a percepção do corpo é sempre socialmente construída, e, portanto, a forma como Inaê vê seu próprio corpo e como os outros o percebem está diretamente ligada às normas e valores sociais que cercam a deficiência. Dessa forma, a narrativa de Kely de Castro se alinha com os pensamentos existencialistas sobre a percepção corporal e social, aprofundando-se na busca de Inaê por uma identidade que vá além das limitações impostas por sua condição física.

A importância da educação inclusiva no processo de construção da identidade também é um tema central no pensamento de Vygotsky (1934). Para Vygotsky, a interação social e a mediação são fundamentais para o desenvolvimento humano. A obra *Serei Sereia?* apresenta a figura da mãe como mediadora essencial no processo de autoaceitação de Inaê. A mãe, que incentiva sua filha a superar os desafios impostos pela sociedade, é um exemplo de como as relações sociais podem influenciar profundamente a construção da subjetividade de um indivíduo. Ao apoiar Inaê a se perceber como uma pessoa capaz e valiosa, a mãe desempenha um papel crucial na formação de sua identidade autônoma. A partir dessa mediação, Inaê é capaz de superar as barreiras impostas pela sociedade e afirmar sua existência, indo contra as expectativas de exclusão e marginalização.

Mantoan (2003), ao discutir a educação inclusiva, defende que a inclusão não se limita à simples presença de pessoas com deficiência nas escolas, mas envolve uma mudança profunda nas práticas pedagógicas e na concepção de educação como um todo. A obra *Serei Sereia?* pode ser vista como uma ferramenta pedagógica que contribui para a sensibilização das novas gerações sobre a diversidade e a importância da inclusão. A literatura, ao abordar questões como a deficiência e a exclusão, não só promove a reflexão sobre as diferenças, mas também contribui para a formação de uma mentalidade mais inclusiva, onde todas as pessoas têm o direito de existir plenamente, sem serem relegadas a um lugar de invisibilidade.

A construção da identidade de Inaê é, assim, um processo que transcende a sua condição física e se insere em um contexto social que constantemente tenta excluí-la. Em um mundo onde as

diferenças são muitas vezes vistas como defeitos ou desajustes, a literatura oferece um espaço para reimaginar essas diferenças como algo digno de ser afirmado e celebrado. A reflexão existencialista sobre a liberdade e a responsabilidade, tal como discutida por Sartre, Beauvoir e Merleau-Ponty, proporciona uma maneira de entender como a personagem constrói seu próprio significado e se recusa a ser definida por sua deficiência. Essa busca pela identidade, marcada pela autonomia e pela escolha, é um exemplo poderoso de resistência existencial à marginalização.

O conceito de liberdade existencialista, conforme abordado por Sartre, não se limita ao campo da filosofia, mas se estende à prática cotidiana das relações sociais. Ao assumir a responsabilidade pela sua própria existência, Inaê não se conforma com a ideia de que sua deficiência define seu lugar no mundo. Ela desafia as expectativas sociais e busca criar uma identidade que seja única e autêntica, algo que é possível apenas quando se assume o controle sobre a própria vida. A narrativa de *Serei Sereia?* nos ensina que a liberdade não é um estado dado, mas algo que deve ser conquistado por meio das escolhas que fazemos, das relações que estabelecemos e das formas como nos vemos no mundo.

A reflexão sobre a inclusão social, que perpassa a obra de Kely de Castro, está diretamente ligada aos princípios da educação inclusiva, que propõe que todos têm o direito de acessar a educação em igualdade de condições. O Brasil, em 2008, estabeleceu em suas diretrizes educacionais que "toda pessoa tem o direito de acesso à educação", enfatizando a importância de transformar as estruturas educacionais para que elas acolham a diversidade (Brasil, 2008). A obra *Serei Sereia?*, ao colocar uma criança com deficiência no centro de sua narrativa, oferece um ponto de partida para a construção de um ambiente educacional que respeite e valorize as diferenças, permitindo que todos os alunos, independentemente de suas condições, possam ter acesso à educação de qualidade.

Dentro desse contexto, a obra não apenas aborda questões filosóficas e existenciais, mas também se torna um instrumento de reflexão sobre a inclusão e a educação. A leitura de *Serei Sereia?* nos coloca frente a frente com o desafio de repensar as estruturas sociais e educacionais que ainda limitam as possibilidades de muitas pessoas com deficiência. Ao refletir sobre o percurso de Inaê, somos convidados a questionar as normas e os valores que fundamentam a exclusão, propondo alternativas mais inclusivas e igualitárias. Assim, a literatura, ao tratar da condição de pessoas com deficiência, se torna um meio poderoso de transformação social e educacional.

A obra de Kely de Castro também coloca em evidência a importância da empatia no processo educacional. Ao apresentar a história de Inaê, a autora convida o leitor a se colocar no lugar da personagem e a compreender as dificuldades que ela enfrenta. A empatia, que é essencial para o

desenvolvimento de uma educação inclusiva, é um valor que pode ser cultivado a partir da literatura, permitindo que crianças e jovens se sensibilizem com as diferenças e compreendam a importância de respeitar e valorizar a diversidade. A literatura, portanto, não apenas ensina sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, mas também oferece uma maneira de se conectar emocionalmente com essas experiências, promovendo uma mudança no modo como a sociedade vê e trata as diferenças.

Por fim, a análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista não só nos permite compreender a trajetória de Inaê como uma metáfora da luta por liberdade e identidade, mas também nos oferece uma reflexão profunda sobre as questões de inclusão social e educação. A obra se apresenta como um exemplo de como a literatura pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para promover uma maior compreensão e aceitação das diferenças. Ao colocar uma personagem com deficiência no centro de sua narrativa, Kely de Castro nos convida a repensar nossas atitudes em relação à diversidade e a construir uma sociedade mais inclusiva e justa.

A filosofia existencialista, com suas profundas reflexões sobre a liberdade e a identidade, se apresenta como uma base essencial para compreender a complexidade do ser humano e sua interação com o mundo. Sartre, em *O Ser e o Nada*, afirma que "o homem não é mais do que aquilo que ele faz" (Sartre, 1943, p. 21), indicando que a identidade é uma construção contínua, mediada pelas escolhas e ações do indivíduo. Essa perspectiva existe como uma resposta às visões deterministas, que enxergam o ser humano como produto de condições pré-estabelecidas. Ao se afastar dessa abordagem, Sartre propõe que a liberdade é central para a construção da identidade, um conceito de grande relevância para a análise da personagem Inaê, de *Serei Sereia?*. No contexto da deficiência, a construção da identidade de Inaê não se dá de forma passiva, mas é resultado de suas escolhas e reações diante das pressões sociais que a marginalizam. Esse movimento de afirmação da liberdade também é discutido por Beauvoir, que em *O Segundo Sexo* argumenta que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267). O conceito de "tornar-se" trazido por Beauvoir pode ser transposto para a situação de Inaê, que, ao longo de sua vida, constrói sua identidade através de um processo ativo de luta contra os estigmas impostos pela deficiência e pela sociedade.

Além da filosofia sartreana e beaoviana, o pensamento de Merleau-Ponty, especialmente sua análise sobre o corpo e a percepção, também contribui para a compreensão da condição de Inaê. Em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty afirma que "o corpo é nossa forma de estar no mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 134), o que implica que a percepção de si mesmo e do outro está intrinsecamente ligada à maneira como o corpo se apresenta e se relaciona com o mundo. Esse

conceito se aplica diretamente ao processo vivido por Inaê, cuja deficiência física a coloca em uma posição de constante confronto com a maneira como o mundo a vê. A partir dessa perspectiva, o corpo de Inaê não é apenas um espaço de limitações, mas um meio ativo através do qual ela constrói sua identidade e luta contra a imposição de um olhar excludente da sociedade. A percepção de si e a relação com os outros, portanto, tornam-se fundamentais para entender o processo de construção da identidade da personagem. Segundo Arendt (1958), a noção de liberdade também passa por essa constituição corporal, uma vez que "somente o ser humano, sendo livre, é capaz de se revelar em sua totalidade" (Arendt, 1958, p. 59). A liberdade que Inaê busca conquistar não está dissociada de sua corporeidade, mas se dá no movimento de aceitação e superação das limitações que lhe são impostas, o que resulta em uma construção identitária verdadeiramente autêntica.

A literatura, como espaço de representação da subjetividade e das questões sociais, possui um papel fundamental na construção de uma compreensão mais profunda sobre as experiências humanas. Kely de Castro, em sua obra *Serei Sereia?*, nos oferece uma oportunidade única de reflexão sobre a identidade de pessoas com deficiência, ao situar Inaê em um contexto social que a define e, ao mesmo tempo, a exclui. A obra se conecta diretamente com os debates sobre inclusão social, como evidenciado por Mantoan (2003), que argumenta que "a verdadeira inclusão não se dá pela simples presença de pessoas com deficiência nas escolas, mas pela alteração da própria estrutura educacional e social" (Mantoan, 2003, p. 92). A ideia de inclusão proposta por Mantoan pode ser vista em *Serei Sereia?*, já que a personagem busca, não apenas o direito de ser aceita, mas a liberdade de existir de forma plena, desafiando os limites impostos por uma sociedade que constantemente a marginaliza. Em consonância com essa visão, Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), ao discutirem a relação entre a educação e a tecnologia, afirmam que "a transformação do processo educacional exige uma revisão das concepções de ensino e aprendizagem, com foco na promoção da autonomia dos sujeitos" (Santos, Esmeraldo e Ferraz, 2020, p. 208). Essa promoção da autonomia, que pode ser vista na trajetória de Inaê, reflete a busca pela emancipação de uma identidade que transcende as barreiras sociais e físicas que a limitam.

Além das questões filosóficas e educacionais, a obra de Kely de Castro também faz referência a aspectos da psicologia, em particular a teoria de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano. Para Vygotsky (1934), "o desenvolvimento humano ocorre em um processo de interação social, no qual as trocas de saberes são essenciais para o amadurecimento cognitivo e emocional" (Vygotsky, 1934, p. 56). No caso de Inaê, seu desenvolvimento emocional e cognitivo é mediado por sua mãe, que assume a função de orientadora e parceira em sua jornada de autoaceitação. Essa mediação, conforme

defende Vygotsky, é fundamental para que a criança construa sua subjetividade e se torne capaz de lidar com as adversidades da vida, como as enfrentadas por Inaê. A atuação da mãe, ao incentivar a filha a se ver como capaz e digna, cria um ambiente que favorece a formação de uma identidade resistente e autêntica, que se sobrepõe às pressões de uma sociedade excludente. Essa teoria vygotskyana reflete a importância da educação emocional e da relação de confiança entre educador e educando no processo de desenvolvimento da identidade.

A inclusão educacional é um tema central não apenas na teoria educacional, mas também na prática das instituições de ensino. A Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) reforça a ideia de que "todos têm direito à educação sem discriminação" (Brasil, 2015, p. 32), um princípio que deve ser observado não apenas nas salas de aula, mas também no cotidiano da sociedade. Em *Serei Sereia?*, a autora Kely de Castro reflete sobre como a educação deve ser um espaço de construção e não de exclusão. Inaê, ao longo de sua jornada, busca a inserção em uma sociedade que muitas vezes a vê como diferente e incapaz. A relação da personagem com a educação é, portanto, fundamental para seu desenvolvimento identitário, pois o ambiente educacional é, ao mesmo tempo, um espaço de opressão e de libertação. A literatura se torna, então, uma ferramenta pedagógica de sensibilização e reflexão, não apenas para os leitores, mas também para os educadores, que têm a responsabilidade de repensar suas práticas inclusivas. A obra de Castro, ao colocar uma criança com deficiência no centro de sua narrativa, desafia as convenções tradicionais e exige um olhar mais atento e empático da sociedade e dos educadores para a pluralidade das identidades.

A partir da perspectiva de Sartre, é possível entender a construção da identidade de Inaê como um processo contínuo de escolhas e reações às expectativas sociais. Em *O Ser e o Nada*, Sartre escreve que "o homem está condenado à liberdade" (Sartre, 1943, p. 23), uma afirmação que destaca o peso da responsabilidade sobre as escolhas individuais. No contexto da deficiência, essa liberdade é ainda mais desafiada, uma vez que a sociedade tende a impor restrições sobre o que uma pessoa com deficiência pode ou não realizar. No entanto, Inaê não se conforma com essas restrições e, ao invés de se deixar definir por elas, busca continuamente se afirmar como uma pessoa livre, capaz de moldar seu próprio destino. Esse movimento de resistência à imposição social também é discutido por Beauvoir, que coloca a luta pela liberdade como uma condição essencial para que o sujeito possa afirmar sua existência de forma autêntica. Ela argumenta que "a opressão é a negação da liberdade do outro" (Beauvoir, 1949, p. 85), e, nesse sentido, a opressão que Inaê enfrenta é um obstáculo à sua liberdade de ser. Contudo, ela não se deixa derrotar, mas se utiliza da liberdade existencial para

redefinir seu lugar no mundo, superando as limitações impostas pela sociedade e afirmando sua identidade.

A obra *Serei Sereia?*, ao trazer a história de uma criança com deficiência em busca de seu lugar no mundo, também levanta importantes discussões sobre a construção da identidade a partir da perspectiva da psicologia social. De acordo com Goffman (1963), a teoria do estigma revela como os indivíduos são socialmente categorizados e marginalizados com base em características físicas, sociais ou psicológicas que são vistas como desvantagens. Em *Serei Sereia?*, Inaê é constantemente confrontada com o olhar de uma sociedade que vê sua deficiência como um estigma, um marcador de inferioridade. Contudo, ao longo da narrativa, ela desenvolve estratégias para lidar com esse estigma, utilizando-se da reflexão e da ação para criar uma nova narrativa sobre si mesma, baseada em suas escolhas e na recusa em ser definida pelos outros. Esse processo é uma clara exemplificação da teoria de Goffman, que observa como o estigma pode ser superado através da reinvenção do "eu" e da resistência à imposição de rótulos.

A literatura, em sua função social e pedagógica, assume um papel crucial na desconstrução de estigmas e preconceitos. Ao apresentar uma personagem como Inaê, que desafia as limitações impostas pela deficiência, *Serei Sereia?* oferece um ponto de partida para a reflexão sobre como a sociedade encara as diferenças. Segundo Candido (2006), "a literatura é capaz de formar consciências críticas e sensibilizar os leitores para questões que muitas vezes são ignoradas ou negligenciadas" (Candido, 2006, p. 35). A obra de Kely de Castro cumpre essa função ao inserir o leitor em um universo onde a deficiência é vista sob uma nova ótica, não como uma sentença de incapacidade, mas como uma condição que pode ser superada com coragem, escolhas e autonomia. A educação, portanto, não é apenas uma questão de acesso ao conhecimento, mas também uma questão de transformação social, que deve ser promovida por meio de práticas pedagógicas inclusivas que incentivem a liberdade e a autonomia dos indivíduos, independentemente de suas condições físicas.

Em *Serei Sereia?*, a trajetória de Inaê é uma metáfora da luta constante pela liberdade e pela autonomia. Ao se afastar dos estigmas sociais e buscar um sentido de pertencimento, ela demonstra que a verdadeira liberdade está em assumir o controle sobre sua própria identidade, não se deixando definir por normas ou expectativas alheias. A obra, ao abordar questões tão profundas da filosofia existencialista, da educação inclusiva e da psicologia social, se torna

A construção da identidade humana, segundo a filosofia existencialista, envolve um processo dinâmico de escolha e autonomia, onde a liberdade desempenha um papel central. Sartre, em sua obra *O Ser e o Nada*, destaca que "o homem não é mais do que aquilo que ele faz" (Sartre, 1943, p. 21),

evidenciando que a identidade é algo que se constrói ativamente através das escolhas feitas ao longo da vida. A ideia de que a liberdade é um princípio fundamental da existência humana contrapõe-se à visão determinista, que busca restringir as ações e a autonomia dos indivíduos a condições externas. Ao analisarmos essa perspectiva dentro do contexto da deficiência, podemos perceber que, apesar das limitações impostas pela sociedade, o ser humano possui a capacidade de redefinir sua identidade, como exemplificado na personagem Inaê, de *Serei Sereia*? Ao se confrontar com as normas que a excluem, Inaê demonstra, por meio de suas ações e escolhas, que sua identidade não se resume à sua deficiência, mas é uma construção contínua de sua própria liberdade. Essa luta pela afirmação da identidade está também presente na obra de Beauvoir, que afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 267). Essa máxima de Beauvoir pode ser transposta para o contexto de Inaê, que, assim como qualquer ser humano, constrói sua identidade de maneira ativa, enfrentando desafios impostos tanto pela deficiência quanto pelos estigmas sociais.

A relação entre corpo e identidade é um tema central na obra de Merleau-Ponty, que em *Fenomenologia da Percepção* argumenta que "o corpo é nossa forma de estar no mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 134). Para o filósofo, o corpo não é apenas um objeto físico, mas um meio de interação com o mundo, sendo fundamental para a constituição da percepção e da identidade. No caso de Inaê, a deficiência física pode ser vista como um ponto de partida para a construção de sua identidade, pois, embora seu corpo apresente limitações, ele não define, de forma definitiva, quem ela é. O corpo de Inaê, assim como a percepção de si mesma e do outro, é moldado por suas ações e interações sociais. O que Merleau-Ponty propõe é que a percepção do corpo e sua relação com o ambiente devem ser compreendidas como um processo contínuo de construção. No caso de Inaê, sua experiência de corpo deficiente, ao invés de ser uma condição de subordinação, se torna um meio de expressão e afirmação de sua liberdade e identidade. Isso é corroborado por Arendt (1958), que destaca que "somente o ser humano, sendo livre, é capaz de se revelar em sua totalidade" (Arendt, 1958, p. 59). Para Inaê, sua capacidade de desafiar os estigmas e reconstruir sua identidade a partir de sua corporeidade é um exemplo claro dessa liberdade, onde o corpo se torna um veículo de autossuperação e resistência.

No campo educacional, a reflexão sobre a inclusão ganha força à medida que consideramos a obra de Mantoan (2003), que afirma que "a verdadeira inclusão não se dá pela simples presença de pessoas com deficiência nas escolas, mas pela alteração da própria estrutura educacional e social" (Mantoan, 2003, p. 92). Essa perspectiva de Mantoan está intrinsecamente ligada ao processo vivido por Inaê, que não busca apenas uma inserção física ou simbólica em um espaço educacional, mas a transformação do ambiente social e educacional para acolher a diversidade de suas experiências. A

inclusão, nesse sentido, não se limita à aceitação, mas passa pela construção de um ambiente onde as diferenças sejam respeitadas e as capacidades dos indivíduos sejam reconhecidas. A relação de Inaê com a escola e com o ambiente social que a cerca deve ser vista como uma luta contínua pela afirmação de sua identidade, onde o processo educativo tem um papel crucial na promoção de sua liberdade e de sua autonomia. Essa visão de inclusão social é aprofundada por Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), que argumentam que “a transformação do processo educacional exige uma revisão das concepções de ensino e aprendizagem, com foco na promoção da autonomia dos sujeitos” (Santos, Esmeraldo e Ferraz, 2020, p. 208). Para a personagem Inaê, a educação se torna um espaço de afirmação, onde suas escolhas e sua liberdade de ser são valorizadas e respeitadas, e não vistas como exceções ou limitações.

A psicologia social também fornece importantes contribuições para a análise da construção da identidade, especialmente por meio das ideias de Vygotsky (1934), que em sua teoria do desenvolvimento humano argumenta que "o desenvolvimento humano ocorre em um processo de interação social, no qual as trocas de saberes são essenciais para o amadurecimento cognitivo e emocional" (Vygotsky, 1934, p. 56). Esse conceito é particularmente relevante ao se analisar a relação de Inaê com sua mãe, que se torna uma mediadora crucial em sua formação identitária. Ao longo da obra, observa-se que a mãe de Inaê desempenha um papel fundamental ao ajudá-la a compreender sua deficiência não como um estigma, mas como uma parte de sua identidade a ser superada por meio da educação emocional e cognitiva. O papel de mediação, segundo Vygotsky, é crucial para o desenvolvimento do sujeito, e na obra *Serei Sereia?*, vemos como a relação afetiva e educativa entre mãe e filha proporciona a Inaê os recursos necessários para uma reinterpretação de sua identidade, permitindo-lhe desafiar as imposições sociais. Isso reforça a ideia de que a formação da identidade é um processo não apenas individual, mas também social, no qual as trocas de saberes e as interações desempenham um papel fundamental.

A inclusão educacional não se resume apenas à presença física de pessoas com deficiência nas instituições de ensino, mas deve envolver a mudança das estruturas sociais que mantêm as desigualdades. A Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), em seu artigo 28, afirma que "todos têm direito à educação sem discriminação" (Brasil, 2015, p. 32). Esse direito, no entanto, não é plenamente garantido se a sociedade não se comprometer a transformar suas práticas educacionais e sociais, acolhendo e respeitando as diferenças. Em *Serei Sereia?*, a personagem de Inaê reflete as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência ao tentar se inserir em uma sociedade que frequentemente a vê como “diferente” e, muitas vezes, incapaz. A educação, nesse sentido, se apresenta como um dos

principais instrumentos para a construção de uma identidade autêntica e libertadora. Ao longo da obra, o processo de inclusão se torna um marco da luta de Inaê, pois sua jornada é marcada pela constante superação de obstáculos impostos por um sistema social que tenta impô-la em um molde de incapacidade. Em consonância com essa visão, Candido (2006) ressalta que "a literatura é capaz de formar consciências críticas e sensibilizar os leitores para questões que muitas vezes são ignoradas ou negligenciadas" (Candido, 2006, p. 35). A obra de Kely de Castro cumpre essa função, ao retratar, por meio da narrativa de Inaê, os desafios e a busca pela afirmação de identidade, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre a inclusão social e educacional.

A filosofia existencialista de Sartre e Beauvoir nos ajuda a compreender a construção da identidade como um processo de afirmação da liberdade individual. Sartre, ao afirmar que "o homem está condenado à liberdade" (Sartre, 1943, p. 23), coloca a liberdade como condição essencial para que o indivíduo possa se afirmar como sujeito de sua própria história. Essa liberdade, no entanto, não é uma dádiva, mas uma responsabilidade que exige escolhas contínuas. No caso de Inaê, a liberdade de afirmar sua identidade está em constante disputa com as normas sociais que tentam restringir suas ações. A busca pela liberdade não é, portanto, algo dado, mas algo a ser conquistado através da luta e da resistência. Beauvoir (1949) complementa essa visão ao afirmar que "a opressão é a negação da liberdade do outro" (Beauvoir, 1949, p. 85), o que evidencia que a construção da identidade de Inaê passa por um processo de resistência não apenas à sua deficiência, mas também às imposições sociais que tentam determinar o que ela pode ou não fazer. A liberdade, assim como a identidade, é um campo de disputa, no qual o sujeito se vê desafiado a reafirmar sua autonomia frente às forças sociais que buscam subjugar-lo.

A luta de Inaê contra os estigmas sociais é um reflexo da teoria de Goffman (1963) sobre o estigma, que argumenta que "os indivíduos são socialmente categorizados e marginalizados com base em características físicas, sociais ou psicológicas que são vistas como desvantagens" (Goffman, 1963, p. 6). No caso de Inaê, sua deficiência é vista como um estigma que a exclui do convívio social e educacional. Contudo, ao longo da obra, ela vai desconstruindo esse estigma, utilizando-se da sua percepção de si mesma e das interações sociais para redefinir sua identidade. Ao agir dessa forma, Inaê exemplifica a teoria de Goffman, que sugere que o estigma pode ser superado quando o indivíduo se recusa a ser

1.2 A JORNADA EXISTENCIALISTA DA PROTAGONISTA

A jornada existencialista de Inaê, a protagonista da obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro, apresenta uma exploração profunda da formação de sua identidade em um contexto de exclusão social e deficiências físicas. O existencialismo de Jean-Paul Sartre, que sustenta que “a existência precede a essência” (Sartre, 1943, p. 24), serve como a base para compreender como Inaê constrói sua identidade não a partir de um ponto fixo, mas por meio das suas escolhas e interações com o mundo. Para Sartre, a liberdade humana é um ponto fundamental para a construção da existência, e isso se reflete nas experiências de Inaê, que se defronta com um mundo socialmente excludente, mas decide, por sua liberdade, redefinir as condições da sua vida e sua interação com o outro.

A busca pela identidade em *Serei Sereia?* é uma jornada solitária e desafiadora, onde a protagonista, mesmo diante da marginalização imposta por sua deficiência física, encontra meios de afirmar sua individualidade. Este processo de autoafirmação ressoa com a filosofia de Simone de Beauvoir, que, em *O Segundo Sexo*, afirma que “não se nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 267). Embora Beauvoir discuta a opressão das mulheres, sua teoria é igualmente aplicável à experiência de Inaê, que não nasce com uma identidade predefinida, mas sim constrói seu ser a partir das condições impostas pela sociedade. A deficiência não a define, mas é uma das várias características que ela pode ressignificar e transformar ao longo de sua trajetória existencial.

Em paralelo ao movimento existencialista, o conceito de corporeidade desenvolvido por Maurice Merleau-Ponty (1945) também se destaca na obra. Merleau-Ponty argumenta que o corpo não é apenas um objeto físico, mas um meio de interação com o mundo, influenciando diretamente a percepção e a maneira como o indivíduo se relaciona com seu ambiente. No caso de Inaê, o corpo deficiente não a limita à condição de objeto, mas é um espaço de resistência, onde ela renegocia suas capacidades e interações. Ao lidar com sua deficiência e a percepção alheia sobre seu corpo, Inaê demonstra que a corporeidade, como aspecto central de sua subjetividade, se torna uma forma de luta e afirmação no mundo.

A literatura, especialmente a infantojuvenil, desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e empática. Ao narrar a experiência de uma personagem com deficiência, a autora Kely de Castro contribui para uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas sociais de exclusão e pertencimento. De acordo com Candido (2006), a literatura é um meio poderoso para a sensibilização social, pois permite ao leitor se confrontar com realidades diferentes das suas e desenvolver uma compreensão mais profunda sobre a condição humana. Dessa forma, a obra oferece

não apenas uma análise da trajetória de Inaê, mas também uma chave para questionamentos mais amplos sobre a marginalização das diferenças e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A personagem Inaê, ao longo da narrativa, passa por um processo de autossuperação que é central para sua jornada existencialista. Ela começa a refletir sobre o que significa ser diferente e como sua deficiência física, embora representada de forma marcante, não determina seu valor como pessoa. Este aspecto de sua jornada está diretamente relacionado à ideia de liberdade proposta por Sartre, que sustenta que o indivíduo deve ser responsável por suas escolhas e pela forma como reage às circunstâncias da vida (Sartre, 1943). Inaê, ao tomar consciência da opressão imposta pela sociedade, se vê diante da possibilidade de mudar a forma como é percebida, passando a ser a autora de sua própria história.

A relação de Inaê com sua mãe é um dos pilares que sustentam sua jornada existencial. Segundo Lev Vygotsky (1934), a mediação social, especialmente por figuras afetivas e educativas, tem um papel crucial no desenvolvimento da subjetividade. A mãe de Inaê, ao encorajá-la a superar as barreiras impostas pela sociedade, se torna uma figura essencial no processo de construção da identidade da protagonista. Ao fornecer apoio emocional e estímulo para que Inaê enfrente os desafios da exclusão, a mãe não apenas desempenha um papel de cuidadora, mas também de facilitadora da construção do ser autônomo da filha.

Ao longo da obra, a protagonista também é confrontada com as limitações do ambiente social em que vive. A sociedade, representada de maneira simbólica, é uma estrutura rígida e excludente, que constantemente marginaliza aqueles que não se encaixam nos padrões de normalidade. A teoria de Beauvoir, que enfatiza a construção das identidades sociais a partir das relações de poder e opressão, encontra ressonância na maneira como Inaê é tratada pelas pessoas à sua volta. Ela precisa lutar para afirmar sua identidade em um mundo que, muitas vezes, vê sua deficiência como uma falha e não como uma característica a ser respeitada.

A análise da jornada de Inaê também permite compreender o papel fundamental da educação na promoção da inclusão e na formação de uma sociedade mais justa. Mantoan (2003) argumenta que a educação inclusiva é um dos meios mais eficazes para garantir a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, independentemente das suas diferenças. Ao introduzir a temática da deficiência em uma narrativa ficcional, a obra de Kely de Castro provoca uma reflexão sobre as práticas educacionais e sobre como a inclusão deve ser vivenciada de forma concreta, não apenas como um conceito teórico, mas como uma prática que valoriza e respeita as diferenças humanas.

O conceito de identidade, em sua forma mais complexa, é um dos temas centrais da obra de Castro. Como discutido por diversos filósofos existencialistas, a identidade não é uma essência pré-determinada, mas algo que se constrói ao longo da vida. A protagonista Inaê vive um processo contínuo de ressignificação de sua condição e de suas relações com os outros. Em um mundo que insiste em definir os indivíduos a partir de suas limitações, ela se torna um exemplo de resistência à imposição de identidades fixas e excludentes.

A experiência de Inaê também ilustra o poder da literatura como um veículo de transformação social. A obra de Kely de Castro propõe, assim, um espaço de reflexão sobre as condições de vida das pessoas com deficiência e sobre as limitações impostas por uma sociedade que muitas vezes se recusa a enxergar a diversidade como uma riqueza. Candido (2006) afirma que a literatura tem a capacidade de mudar a percepção do leitor sobre o mundo, ajudando-o a desenvolver uma empatia genuína e a questionar as normas sociais. A história de Inaê, nesse sentido, é um convite à revisão das estruturas sociais e à valorização das diferenças.

Outro aspecto importante da jornada de Inaê é a maneira como ela lida com sua deficiência e a percepção dos outros sobre sua condição. A filosofia de Merleau-Ponty (1945), que discute a corporeidade e a percepção do corpo, é extremamente pertinente para entender como a protagonista lida com os desafios impostos pela sua deficiência. O corpo de Inaê, que poderia ser visto como uma limitação, se torna um meio de interação com o mundo, uma forma de afirmar sua presença e sua autonomia. Sua jornada, portanto, é também uma busca por uma relação mais positiva com seu corpo, o que implica em um processo de aceitação e superação das limitações físicas.

A filosofia existencialista também aponta para a responsabilidade individual diante da liberdade. Para Sartre (1943), a liberdade não é apenas a possibilidade de escolher, mas também a responsabilidade pelas consequências dessas escolhas. Inaê, ao decidir não se submeter aos padrões sociais e ao lutar para construir sua identidade, demonstra um exemplo claro de liberdade existencialista. Sua luta contra a exclusão social é, na verdade, uma afirmação de sua liberdade em relação aos outros e a si mesma. Ela não se deixa definir pelas expectativas impostas pela sociedade, mas toma para si a responsabilidade de criar sua própria essência.

Em termos de educação, a obra de Kely de Castro oferece uma reflexão profunda sobre as práticas pedagógicas e a forma como as escolas devem lidar com as diferenças. Mantoan (2003) defende que a educação inclusiva exige não apenas a adaptação do currículo, mas uma mudança nas atitudes dos professores e da sociedade em geral. O processo de inclusão de Inaê em sua comunidade

escolar é, portanto, um reflexo das dificuldades enfrentadas por muitas crianças com deficiência, que precisam lutar por seu espaço em um sistema educacional ainda marcado pela exclusão.

A obra de *Serei Sereia?* também propõe uma reflexão sobre a necessidade de repensar as estruturas sociais que excluem aqueles que não se encaixam nos padrões normativos. A personagem principal, ao longo de sua jornada, desafia a lógica da normalidade e busca afirmar sua identidade a partir de sua diferença. Esse processo de afirmação pessoal é um reflexo das discussões filosóficas sobre a identidade e a liberdade, que defendem que a construção do ser é um processo contínuo e dinâmico, influenciado pelas escolhas e pelas circunstâncias sociais.

A inclusão social e educacional, portanto, deve ser vista como um desafio contínuo, um processo que envolve a transformação das estruturas sociais e educacionais para garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças, possam ter acesso às mesmas oportunidades. A jornada de Inaê é um reflexo dessa luta pela inclusão, e sua história serve como um alerta sobre a necessidade de mudanças profundas na sociedade para que a verdadeira inclusão possa ser alcançada.

A jornada existencialista da protagonista Inaê em *Serei Sereia?* de Kely de Castro, ao abordar temas de identidade, inclusão e superação de obstáculos sociais, reflete a complexidade de uma vida que se constrói a partir da experiência, confrontando os desafios impostos por uma sociedade que margina as diferenças. A filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre (1943) é fundamental para entender a construção da identidade da personagem. Sartre defende que "a existência precede a essência", ou seja, a identidade de uma pessoa não é determinada por um dado essencial pré-existente, mas é uma construção contínua, pautada por suas escolhas e ações (Sartre, 1943, p. 8). Neste sentido, a protagonista Inaê, ao transitar pela sociedade e enfrentar os desafios impostos pela deficiência física, constrói sua identidade a partir de suas próprias decisões e ações. Isso reflete a ideia de que, como ser humano, ela é livre para se definir, independentemente dos estigmas sociais que a cercam.

Ao mesmo tempo, a obra de Kely de Castro ilumina como a sociedade, ao ser pouco inclusiva, se posiciona como um obstáculo para essa liberdade de autodefinir-se. A sociedade impõe limites que, muitas vezes, negam às pessoas com deficiência o direito à liberdade plena e ao pertencimento. A experiência de Inaê, que enfrenta uma sociedade excludente, resgata o conceito de liberdade existencialista, onde o indivíduo, por meio de suas escolhas, tenta vencer as imposições sociais. Assim, a obra não apenas narra os dilemas internos da personagem, mas também reflete a necessidade de repensarmos as estruturas sociais que marginalizam e invisibilizam indivíduos que

são considerados "fora do padrão". A liberdade, nesse contexto, não é apenas uma escolha individual, mas um enfrentamento constante das expectativas da sociedade.

Essa discussão sobre liberdade e escolha individual se conecta diretamente com o conceito de "outro" abordado por Simone de Beauvoir (1949). Em sua obra *O Segundo Sexo*, a filósofa afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), e essa frase pode ser aplicada à condição de Inaê, que, ao não nascer predefinida pela deficiência, se vê desafiada a se definir à medida que vivencia e interpreta as suas experiências. A opressão das diferenças, como Beauvoir aponta, está intrinsecamente ligada às estruturas sociais que buscam definir os indivíduos dentro de categorias limitadas e excludentes. Assim, a personagem de Inaê desafia essas categorias e, a partir de sua experiência de vida, cria um espaço para si mesma, não apenas como uma pessoa com deficiência, mas como alguém que se constrói e se reinventa constantemente.

A temática da corporeidade também é essencial para compreender a jornada de Inaê. Maurice Merleau-Ponty (1945), em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, argumenta que o corpo é a base da nossa experiência com o mundo e com os outros. O corpo, nesse sentido, é um meio de interação com o mundo, e a percepção que os outros têm de nosso corpo afeta diretamente a maneira como nos situamos na sociedade. A deficiência de Inaê, sua dificuldade de locomoção e a percepção que os outros têm dela revelam a complexidade dessa relação com a corporeidade. A interação com seu corpo e o impacto da sociedade na forma como ela é vista tornam-se elementos centrais na sua construção identitária. Merleau-Ponty sugere que a corporeidade não é apenas um dado físico, mas uma forma de existir e de experienciar o mundo, sendo fundamental para a compreensão de como Inaê, ao lidar com a deficiência, interage com os outros e com a sociedade.

Essa vivência da corporeidade, especialmente no contexto de uma sociedade que valoriza o "corpo perfeito", não só implica em um confronto com as expectativas sociais, mas também em uma transformação interna da protagonista. Ao buscar dar sentido à sua existência, Inaê vai além da condição de "deficiência" e se percebe como um ser capaz de transcender as limitações impostas pelo corpo. Este processo é o que Sartre chama de "projeto de ser", uma busca constante de autodefinição e autossuperação. A protagonista, portanto, não se vê como vítima de uma deficiência, mas como alguém que, através de sua liberdade e escolha, constrói um significado existencial para sua vida, conforme seu entendimento do mundo e das interações sociais.

A experiência de Inaê também é profundamente influenciada pelo papel da mãe, cuja mediação social e afetiva é fundamental para o desenvolvimento da protagonista. Lev Vygotsky (1934), em sua teoria do desenvolvimento, enfatiza que a mediação social é essencial para a formação

da subjetividade e da identidade. A mãe de Inaê não apenas fornece suporte emocional, mas também a ajuda a navegar nas dificuldades impostas pela sociedade, incentivando-a a acreditar em sua autonomia e a superar os obstáculos que surgem em seu caminho. Dessa forma, a figura materna não representa apenas uma figura de apoio, mas também de mediação, que contribui para a formação de uma identidade mais autônoma e fortalecida, permitindo que Inaê construa uma imagem de si mesma que não seja definida pelos outros.

A educação inclusiva, como defendido por Mantoan (2003), é outra questão central no desenvolvimento da personagem. Mantoan afirma que a educação inclusiva busca garantir igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. A obra de Kely de Castro se insere nesse contexto ao promover uma reflexão sobre a construção da identidade de uma criança com deficiência e sobre as estruturas sociais e educacionais que devem ser transformadas para que essas crianças possam ter o direito de participar de um processo de aprendizagem mais igualitário. A trajetória de Inaê reflete a luta pela inclusão social e a busca por um espaço onde a diversidade seja aceita como um valor essencial, e não como um obstáculo a ser superado. A educação, nesse caso, torna-se um veículo de transformação, tanto pessoal quanto social.

Nesse sentido, a obra de Kely de Castro também aponta para a importância da literatura na promoção de uma educação inclusiva. Como afirma Candido (2006), a literatura tem o poder de sensibilizar e educar, oferecendo espaço para a reflexão sobre realidades marginalizadas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao apresentar a história de Inaê, a autora propicia uma compreensão mais profunda das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, além de sensibilizar o público leitor para as questões da inclusão e da aceitação das diferenças. A literatura, assim, se torna uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de promover a reflexão crítica e a empatia, essenciais para o desenvolvimento de uma consciência inclusiva.

A relação entre literatura e inclusão social é, portanto, um ponto central na obra de Kely de Castro, que, ao narrar a trajetória de Inaê, contribui para uma discussão mais ampla sobre a diversidade e os direitos das pessoas com deficiência. Essa reflexão é crucial, pois, como sugere Candido (2006), a literatura não só proporciona uma forma de escapismo, mas também pode funcionar como um espaço de problematização e conscientização. A educação inclusiva, ao se basear nos princípios da igualdade e da valorização das diferenças, tem a literatura como um de seus aliados fundamentais, permitindo que os alunos se reconheçam nas histórias e compreendam as complexidades das relações humanas.

Em *Serei Sereia?*, a jornada existencialista de Inaê não se limita a um processo individual, mas é também uma luta coletiva pela inclusão social e pela transformação das estruturas sociais e educacionais. A filosofia existencialista, ao enfatizar a liberdade e a responsabilidade, oferece uma base sólida para a análise dessa trajetória, pois, como observa Sartre (1943), "somos condenados a ser livres" (Sartre, 1943, p. 12), ou seja, a liberdade não é apenas um direito, mas uma responsabilidade que implica em escolhas constantes e na construção ativa da própria identidade. A personagem, ao enfrentar os desafios de sua deficiência, faz escolhas que moldam sua existência e contribuem para a construção de um mundo mais inclusivo e consciente das diferenças.

Essa reflexão sobre a liberdade e a responsabilidade também se conecta com os princípios da educação inclusiva, que busca garantir o acesso de todos à educação, independentemente das limitações que possam ter. Como estabelece a legislação brasileira, "toda pessoa tem o direito de acesso à educação" e "a educação inclusiva diz respeito a todos" (Brasil, 2008). Nesse contexto, a obra de Kely de Castro oferece uma reflexão importante sobre as formas de tornar a educação mais inclusiva, apresentando um modelo de ensino que reconhece a diversidade como um valor e não como um problema. A obra, ao incluir personagens como Inaê, que enfrentam desafios de inclusão, provoca uma discussão necessária sobre as mudanças que ainda precisam ser feitas nas escolas e na sociedade em geral.

Em síntese, a análise existencialista da trajetória de Inaê em *Serei Sereia?* permite compreender como a protagonista constrói sua identidade e se posiciona frente aos desafios impostos por uma sociedade que marginaliza as diferenças. Ao recorrer a autores como Sartre, Beauvoir, Merleau-Ponty e Vygotsky, podemos perceber como a filosofia existencialista, a reflexão sobre o corpo e a mediação social desempenham papéis centrais na construção da identidade da personagem. Além disso, a obra de Kely de Castro contribui para o debate sobre a educação inclusiva, ao promover uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e educacionais que precisam ser transformadas para garantir a igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças.

Em *Serei Sereia?*, a protagonista Inaê se vê imersa em uma jornada existencialista que reflete as complexas relações entre identidade, corpo e sociedade. Ao abordar a questão da deficiência e do pertencimento, a obra conecta-se diretamente com os pensamentos de filósofos como Jean-Paul Sartre. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência" (Sartre, 1943, p. 8), um conceito essencial para entender a construção de identidade de Inaê, que, ao ser confrontada com a exclusão social, constrói sua identidade a partir de suas escolhas e experiências. A própria definição de si, segundo Sartre, não vem de um dado preexistente, mas das ações do indivíduo. Assim, a protagonista,

ao desafiar os limites impostos pela deficiência, reflete a filosofia de que, apesar de todas as dificuldades externas, é a sua ação e escolha que constroem sua identidade. Essa liberdade de se redefinir, em um contexto tão opressor, demonstra a força do sujeito perante um mundo que tenta limitá-lo.

Neste contexto, a sociedade que marginaliza a deficiência se torna uma barreira para a verdadeira liberdade de autodefinição. A luta de Inaê para ser reconhecida além de sua deficiência ilustra a teoria da "liberdade existencialista", onde o ser humano precisa lidar com as limitações impostas pela sociedade e, ao mesmo tempo, lutar por sua autonomia. Sartre (1943) também coloca que "somos condenados a ser livres" (Sartre, 1943, p. 12), o que implica que a liberdade não é uma opção, mas uma condição. Esse conceito de liberdade está profundamente entrelaçado com a resistência da personagem às expectativas sociais que tentam defini-la de acordo com padrões normativos. Ela escolhe resistir, não se permitindo ser reduzida a uma "deficiência", mas se reconhecendo como uma pessoa capaz de transcender esses limites. A luta de Inaê, portanto, não é apenas uma busca individual por autodefinição, mas também uma tentativa de mudar a percepção social em relação à deficiência.

Além disso, o conceito de "outro" proposto por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) também se aplica à jornada de Inaê. Beauvoir (1949) afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), uma frase que ressoa fortemente quando analisamos a construção de identidade da protagonista. A condição de ser "outro" é um processo socialmente construído, e essa "alteridade" é uma experiência vivida por Inaê. A sociedade, ao colocar a deficiência como uma característica negativa, cria uma percepção de alteridade que desafia a própria noção de identidade da personagem. Ao tentar se inserir em espaços sociais e culturais, Inaê é constantemente empurrada para a posição de "outro", sendo definida por sua deficiência. No entanto, ela escolhe resistir a essa definição imposta pela sociedade e, em vez disso, refaz sua identidade a partir de suas próprias experiências e escolhas. Isso faz com que a narrativa de Kely de Castro, ao abordar a inclusão, funcione como uma crítica ao processo de marginalização do "outro" na sociedade contemporânea.

Essa questão da marginalização da "deficiência" também é abordada por Maurice Merleau-Ponty em sua *Fenomenologia da Percepção* (1945), onde ele discute a relação entre corpo e sociedade. Merleau-Ponty (1945) observa que "o corpo é o meio pelo qual nos inserimos no mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 110), o que significa que nossa percepção do mundo e das relações humanas está intimamente ligada ao nosso corpo. A deficiência de Inaê, como uma condição corporal, torna-se um ponto de partida para a construção de sua identidade, mas também para sua percepção das

limitações impostas pela sociedade. Sua deficiência é, de certa forma, uma construção social que, ao ser percebida pelos outros, define sua posição no mundo. A resistência de Inaê contra esse olhar externo que a define é, portanto, um movimento de afirmação do próprio corpo como um agente ativo de sua identidade, não simplesmente um corpo limitado, mas um corpo capaz de vivenciar e transformar a realidade ao seu redor.

Merleau-Ponty (1945) ainda afirma que "a percepção não é passiva, ela é um ato de participação no mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 115). Essa frase pode ser aplicada ao processo de empoderamento de Inaê, que, ao se ver como parte ativa da sociedade, não se limita a aceitar as construções externas sobre sua identidade. Ao contrário, ela redefine seu corpo e suas experiências, transformando sua percepção do mundo e permitindo que sua identidade seja uma construção ativa. A percepção do corpo, portanto, não é uma questão meramente física, mas envolve também a maneira como o indivíduo se coloca no mundo, como ele se vê e como é visto pelos outros. A relação entre corpo, identidade e percepção, como discutido por Merleau-Ponty, é crucial para entender a jornada de Inaê, que busca não apenas se afirmar como um indivíduo com deficiência, mas também se colocar como uma pessoa que transcende essas limitações e redefine sua própria história.

Além disso, a teoria do desenvolvimento de Lev Vygotsky (1934), com foco na mediação social e no papel do outro na formação da identidade, é fundamental para compreender a experiência de Inaê. Vygotsky (1934) afirma que "o desenvolvimento do indivíduo é mediado pela interação social" (Vygotsky, 1934, p. 25), o que implica que a identidade de Inaê, como qualquer outra identidade, é formada por suas interações com o ambiente e com os outros. A relação com a mãe de Inaê, que desempenha um papel crucial em sua vida, funciona como uma mediação social que a ajuda a navegar nas dificuldades impostas pela sociedade. A mãe não é apenas um apoio emocional, mas também uma figura que auxilia Inaê a perceber suas próprias possibilidades e potencialidades, ajudando-a a construir uma imagem de si mesma mais autônoma e forte. Essa mediação social, que vem do ambiente familiar e social, é essencial para o desenvolvimento de uma identidade forte e resistente, capaz de enfrentar os desafios impostos pela sociedade.

A educação, como defendido por Mantoan (2003), também é um ponto central na jornada de Inaê. Mantoan (2003) argumenta que "a inclusão escolar é um direito fundamental que deve ser garantido a todos, independentemente das limitações" (Mantoan, 2003, p. 67). Esse conceito é fundamental para a análise do processo educacional de Inaê, que, ao longo de sua trajetória, encontra na educação o meio para desafiar os limites sociais e culturais impostos à sua deficiência. A personagem não é apenas uma criança que sofre com os obstáculos sociais, mas uma pessoa que, por

meio da educação, busca se transformar, aprender e se integrar a uma sociedade mais justa e inclusiva. A educação, nesse contexto, se configura não apenas como um direito, mas também como uma ferramenta de resistência e transformação social.

Nesse sentido, a obra de Kely de Castro também propõe uma reflexão sobre a educação inclusiva, que deve ser um meio para garantir a igualdade de oportunidades. A obra vai além de retratar as dificuldades de Inaê, mas também evidencia a importância da escola como um espaço de construção de identidade e de autonomia. Candido (2006) afirma que "a literatura tem o poder de formar consciências e de sensibilizar para as questões sociais" (Candido, 2006, p. 210), e essa é uma característica fundamental da obra de Castro. Ao narrar a história de Inaê, a autora proporciona aos leitores uma compreensão mais profunda das complexidades da inclusão social, convidando-os a refletir sobre o papel da escola na promoção de uma educação inclusiva que vai além da simples adaptação, mas que propõe a transformação do ambiente escolar para acolher as diferenças.

Em *Serei Sereia?*, a autora, ao narrar a trajetória de Inaê, não apenas cria uma história sobre uma pessoa com deficiência, mas também abre um espaço para discutir a educação inclusiva e a importância da literatura na formação de uma sociedade mais empática e inclusiva. Essa reflexão é fundamental para a transformação das estruturas educacionais, que muitas vezes marginalizam as diferenças em vez de valorizá-las. Como Candido (2006) coloca, "a literatura tem a capacidade de formar uma consciência crítica e de promover a inclusão social" (Candido, 2006, p. 214), o que torna a obra de Castro um instrumento essencial para sensibilizar os leitores para as questões da inclusão e da aceitação das diferenças.

Portanto, a obra de Kely de Castro, ao abordar as questões de identidade, liberdade, corpo e inclusão, se insere em um debate filosófico e educacional profundo, que vai além da representação da deficiência e propõe uma reflexão crítica sobre a sociedade e suas estruturas. A personagem de Inaê, ao resistir às imposições sociais e redefinir sua identidade a partir de suas escolhas e experiências, se torna um exemplo de superação e de luta pela liberdade. Esse processo de autodefinição, que envolve a liberdade existencialista, a reflexão sobre o corpo e a mediação social, reflete os principais conceitos filosóficos discutidos por Sartre, Beauvoir, Merleau-Ponty, Vygotsky e Mantoan, e nos convida a repensar nossas próprias percepções sobre a inclusão e a valorização das diferenças.

CAPITULO II

2 O CONTO “SEREI SEREIA?” E SUA ESTRUTURA NARRATIVA

O conto "Serei Sereia?" de Kely de Castro propõe uma análise rica da construção identitária de uma personagem que enfrenta os desafios impostos por uma sociedade que exclui a diferença. A obra destaca as questões de literatura e inclusão social, abordando a busca pela identidade em uma sociedade que constantemente marginaliza aqueles que são considerados “diferentes”. No centro da narrativa está Inaê, uma menina com deficiência física, que representa a luta pela aceitação e pela construção do próprio ser em um contexto excludente. A narrativa, ao abordar sua trajetória, reflete um movimento existencialista, no qual a protagonista, a partir de suas experiências, constrói sua identidade, enfrentando a realidade imposta por uma sociedade que define o que é "normal" e "aceitável". A construção dessa identidade é um reflexo da luta pela inclusão, que, segundo Mantoan (2003), “exige uma transformação estrutural nas práticas pedagógicas e culturais”.

Dentro dessa perspectiva, o existencialismo, como uma vertente filosófica que coloca a existência à frente da essência, ajuda a entender o processo de autoafirmação de Inaê. Jean-Paul Sartre (1943), ao afirmar que "a existência precede a essência", propõe que a identidade humana não é pré-determinada, mas sim construída através das escolhas e experiências individuais. No caso de Inaê, sua identidade não é definida pela deficiência, mas pela forma como ela lida com os desafios impostos pela sociedade e como responde a esses desafios. A protagonista, portanto, é responsável pela construção de sua existência, e é através de sua liberdade incondicional que ela define o significado de sua vida. Em consonância com Sartre, Inaê transita entre os espaços sociais, afirmando sua identidade e desconstruindo os conceitos rígidos de normalidade e capacidade, os quais, muitas vezes, são usados para marginalizar aqueles que não se enquadram nos padrões tradicionais.

A abordagem de Simone de Beauvoir (1949) sobre as opressões sociais também pode ser aplicada na análise do conto. A autora, em sua obra *O Segundo Sexo*, afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267). Essa frase, em seu contexto, questiona a imposição de papéis sociais que são atribuídos de forma arbitrária. A condição de Inaê não é definida por sua deficiência, mas por como ela se posiciona frente à sociedade e como ela constrói o seu significado em um mundo que não está preparado para acolher suas diferenças. Assim, a opressão que Inaê

enfrenta, como muitas pessoas com deficiência, se manifesta na forma como sua identidade é marginalizada e como a sociedade busca excluir a diferença ao invés de compreendê-la e valorizá-la.

Por outro lado, Maurice Merleau-Ponty (1945) traz a discussão sobre a corporeidade e como o corpo é uma chave para a compreensão da nossa percepção do mundo. Para o filósofo, o corpo não é apenas um objeto físico, mas uma forma de interação com o mundo. Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty afirma que a percepção é sempre mediada pelo corpo e que nossa experiência do mundo depende da maneira como o corpo se relaciona com ele. Essa perspectiva pode ser observada na experiência de Inaê, que, devido à sua deficiência física, enfrenta desafios diários ao interagir com o ambiente. A deficiência, portanto, não é apenas uma condição biológica, mas uma característica que molda sua forma de ser no mundo. A relação de Inaê com seu corpo e com a sociedade que a vê como "deficiente" destaca a importância do corpo na construção da identidade e na interação com o mundo.

A influência materna na construção da identidade de Inaê é outro ponto crucial da narrativa. Lev Vygotsky (1934) enfatiza que o desenvolvimento da subjetividade é mediado socialmente, ou seja, as relações sociais têm um papel fundamental na formação da identidade do indivíduo. A mãe de Inaê exerce uma função primordial na sua trajetória, apoiando-a emocionalmente e incentivando-a a superar as dificuldades impostas pela sociedade. A personagem, ao interagir com sua mãe, experimenta uma mediação social que possibilita sua autoaceitação e a construção de uma identidade autônoma. A figura materna, nesse contexto, serve como um ponto de apoio que proporciona a Inaê a confiança necessária para enfrentar as adversidades sociais e desafiar os padrões excludentes impostos pela sociedade.

A educação inclusiva, como conceito pedagógico, também se insere na análise do conto. De acordo com Mantoan (2003), a educação inclusiva busca garantir que todas as pessoas, independentemente de suas características individuais, tenham acesso à educação de qualidade. Isso implica não apenas em adaptar os métodos de ensino, mas também em transformar as estruturas sociais e culturais que sustentam a exclusão. A obra *Serei Sereia?* pode ser vista como uma reflexão sobre a importância da educação inclusiva, pois a trajetória de Inaê mostra como o processo de autoafirmação e aceitação das diferenças é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A obra contribui para a formação de uma consciência crítica sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade nas práticas pedagógicas e sociais.

A literatura, em sua capacidade de provocar reflexão e discussão sobre questões sociais, desempenha um papel crucial na promoção da inclusão. Candido (2006) afirma que a literatura tem

a capacidade de “oferecer espaço para a reflexão sobre realidades marginalizadas”. A obra de Kely de Castro, ao contar a história de uma menina com deficiência, cria um espaço de visibilidade para as experiências de pessoas que muitas vezes são excluídas da narrativa social dominante. Ao fazer isso, a literatura contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, permitindo que as crianças e os jovens se identifiquem com realidades diversas e desenvolvam empatia pela diferença.

Dentro dessa perspectiva, o conceito de normalidade é constantemente questionado no conto. Inaê, ao afirmar sua identidade, desafia as noções estabelecidas de o que é "normal" e "aceitável". A sua busca por um lugar no mundo, no qual possa ser reconhecida como alguém com valor, é um movimento contra as normas sociais que tentam impor uma definição rígida de normalidade. De acordo com Beauvoir (1949), a opressão social se baseia em “categorias normativas que buscam estabelecer um padrão para a identidade humana”. No caso de Inaê, essa norma é a ideia de que uma pessoa com deficiência é, por si só, incapaz ou inferior. A resistência à imposição dessas categorias sociais é uma das principais características da protagonista.

O uso da literatura como ferramenta pedagógica também está alinhado com os princípios da educação inclusiva. De acordo com o Brasil (2008), a educação inclusiva deve ser entendida como um direito de todos, onde a diversidade é não apenas aceita, mas valorizada. O uso de obras como *Serei Sereia?* no ambiente escolar contribui para a formação de uma leitura crítica sobre as diferenças e a importância da inclusão. Ao expor os desafios enfrentados pela protagonista, a obra permite que alunos e professores discutam temas como a deficiência, a marginalização e a construção de uma identidade autêntica e inclusiva.

A literatura infantojuvenil, por sua vez, exerce um papel educacional significativo ao sensibilizar os jovens para a importância da inclusão e da empatia. A história de Inaê, ao ser contada de forma sensível e humana, oferece uma oportunidade para que os leitores compreendam a realidade das pessoas com deficiência. Dessa forma, a obra não apenas estimula a reflexão, mas também promove uma mudança na forma como a sociedade vê as pessoas com deficiência. A inclusão, como aponta Mantoan (2003), exige um movimento coletivo que deve começar com a educação, sensibilizando as novas gerações para a importância da diversidade e do respeito às diferenças.

A abordagem existencialista de Sartre, aplicada à narrativa de *Serei Sereia?*, também amplia o debate sobre liberdade e responsabilidade na construção da identidade. Inaê, ao construir sua existência, exerce sua liberdade de escolha, resistindo às limitações impostas por um mundo excludente. Para Sartre (1943), a liberdade é incondicional, e é através dela que o indivíduo se define. Inaê, ao afirmar sua identidade, demonstra a capacidade humana de superar as adversidades e

construir um sentido para a própria existência, apesar das pressões sociais e das expectativas normativas.

O conto também nos convida a refletir sobre a importância de repensar as estruturas sociais que ainda limitam a inclusão de pessoas com deficiência. A exclusão, muitas vezes invisível e insidiosa, é um fenômeno que se manifesta de diversas formas, desde a ausência de acessibilidade até a marginalização das vozes das pessoas com deficiência. A obra de Kely de Castro, ao dar voz a uma personagem com deficiência, contribui para a reflexão sobre a necessidade de transformar essas estruturas sociais excludentes e abrir espaço para a diversidade em todos os seus aspectos.

Por fim, a análise de *Serei Sereia?* revela o poder da literatura como ferramenta transformadora. Ao retratar a jornada de Inaê, a obra não apenas narra a história de uma menina com deficiência, mas também propõe uma reflexão profunda sobre a identidade, a liberdade e a inclusão. A obra permite que os leitores se conectem com a personagem e compreendam as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, ao mesmo tempo em que desafia as noções tradicionais de normalidade e aceitação. A literatura, nesse sentido, se configura como um instrumento pedagógico poderoso para a promoção da inclusão e da transformação social.

Ao aplicar a filosofia existencialista à análise de *Serei Sereia?*, podemos perceber como a liberdade e a responsabilidade desempenham um papel central na construção da identidade da protagonista. A obra não só oferece uma representação da luta pela inclusão, mas também propõe um modelo de resistência contra as normas que limitam a expressão da diferença. Em última instância, *Serei Sereia?* nos convida a repensar as normas sociais, desafiando-nos a imaginar um mundo mais inclusivo e mais justo para todos.

A obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro aborda de maneira sensível e impactante a trajetória de uma menina com deficiência física que enfrenta as barreiras de uma sociedade excludente. A narrativa é um convite à reflexão sobre os desafios que as pessoas com deficiência encontram na busca por inclusão e aceitação. O presente estudo propõe uma análise da obra sob a ótica existencialista, especialmente a partir dos pressupostos de filósofos como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, explorando como a protagonista, Inaê, constrói sua identidade em um mundo que constantemente a marginaliza. Ao abordar questões de deficiência, identidade e pertencimento, o livro oferece um campo fértil para discussão sobre a educação inclusiva, um conceito que visa garantir o direito à educação para todos, respeitando as diferenças individuais.

O existencialismo, filosofia que enfatiza a liberdade e a responsabilidade individual, oferece uma chave de leitura relevante para a análise da obra de Kely de Castro. Para Sartre (1943), "a

existência precede a essência", ou seja, a identidade não é pré-determinada, mas construída ao longo da vida, por meio das escolhas do indivíduo. No caso de Inaê, a construção de sua identidade é um processo dinâmico, marcado pelas experiências que ela vive e pelas interações com o mundo ao seu redor. A deficiência de Inaê não define sua essência, mas é uma parte de sua vivência que ela precisa negociar dentro de uma sociedade que não a aceita plenamente. O existencialismo, portanto, permite compreender que a protagonista, embora confrontada com limitações físicas, exerce sua liberdade para criar e redefinir seu lugar no mundo, superando os rótulos e as barreiras sociais.

A abordagem existencialista também ressoa nas teorias de Simone de Beauvoir, que, em *O Segundo Sexo* (1949), argumenta que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267). Essa afirmação reflete a ideia de que as identidades são construídas socialmente, e não determinadas por características inatas. Ao aplicar esse pensamento ao contexto de *Serei Sereia?*, podemos compreender que Inaê, embora viva em uma sociedade que impõe limitações à sua condição física, não é definida por sua deficiência. Ela constrói sua identidade, assumindo a responsabilidade sobre sua vida e seus próprios significados. Nesse sentido, o conceito de *tornar-se* é central para a análise do texto, pois a personagem, como qualquer ser humano, é chamada a construir sua existência de acordo com suas escolhas e interações, desafiando as imposições de uma sociedade capacitista.

Além disso, a filosofia de Merleau-Ponty (1945) sobre a corporeidade e a percepção do mundo oferece outra dimensão relevante para a compreensão da trajetória de Inaê. Para o filósofo, o corpo não é apenas uma máquina biológica, mas um meio de interação com o mundo e com os outros. No caso de Inaê, sua deficiência física não é um obstáculo definitivo, mas uma condição que ela experimenta de maneira única, interagindo com o mundo a partir de seu corpo de forma singular. A limitação da locomoção é, portanto, uma das formas pelas quais Inaê se relaciona com a realidade, e sua percepção do mundo é influenciada por essa interação constante com sua corporeidade. Nesse sentido, a obra de Kely de Castro não apenas aborda a deficiência física, mas também explora como essa condição pode ser uma via de construção de identidade e de compreensão do próprio corpo e do mundo.

A importância da mediação social na construção da subjetividade também é um ponto relevante na análise de *Serei Sereia?*. Lev Vygotsky (1934) destaca que o desenvolvimento humano é mediado socialmente, ou seja, nossas percepções de nós mesmos e do mundo são construídas em interação com os outros. No caso de Inaê, sua mãe exerce um papel crucial na mediação de sua percepção da deficiência e de sua identidade. A mãe, como figura de apoio, ajuda Inaê a superar os obstáculos impostos pela sociedade, incentivando-a a ver sua deficiência não como um fardo, mas

como parte de quem ela é. Esse processo de mediação é fundamental para que Inaê consiga construir uma identidade autônoma e, ao mesmo tempo, sensível às limitações e potencialidades de sua condição. A presença da mãe, portanto, representa uma das principais fontes de apoio na jornada de autoaceitação da personagem.

A educação inclusiva, conforme preconizada por Mantoan (2003), busca garantir a igualdade de oportunidades para todos, respeitando as diferenças e assegurando o direito à educação para todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou sociais. A obra *Serei Sereia?* contribui para esse debate ao apresentar a trajetória de Inaê, que precisa constantemente reivindicar seu lugar na sociedade e afirmar sua identidade diante de uma realidade que não a acolhe de forma plena. A inclusão não se dá apenas pelo reconhecimento formal dos direitos de pessoas com deficiência, mas também pela criação de espaços que permitam que elas se sintam parte integrante e ativa da sociedade. Ao analisar a narrativa de Kely de Castro, é possível perceber como a educação inclusiva, além de ser uma questão legal e institucional, é também uma questão social, que envolve a transformação das atitudes e percepções das pessoas em relação à diversidade.

Candido (2006) argumenta que a literatura tem um papel essencial na formação da consciência crítica e na reflexão sobre as realidades marginalizadas. A obra de Kely de Castro, ao abordar a história de Inaê, proporciona um espaço de reflexão sobre a deficiência, a inclusão e a construção da identidade, trazendo à tona questões que frequentemente são silenciadas pela sociedade. Ao apresentar a personagem de forma complexa e humana, a autora nos convida a questionar nossas próprias percepções sobre o que significa ser "normal" e sobre como as pessoas com deficiência são frequentemente desconsideradas ou marginalizadas. Nesse sentido, a literatura se configura como uma ferramenta poderosa de transformação social, permitindo que o leitor se coloque no lugar do outro e compreenda as dificuldades enfrentadas por aqueles que são excluídos.

A relação entre literatura e inclusão social é uma das questões centrais do estudo de *Serei Sereia?*. A obra, ao retratar a luta de Inaê para afirmar sua identidade em um contexto excludente, coloca em evidência a importância de se criar espaços literários que abordem a diversidade e a inclusão. A literatura infantojuvenil, em particular, tem um grande potencial de sensibilizar os leitores para questões sociais e ajudar a desenvolver uma maior empatia e compreensão para com as diferenças. Ao tratar da deficiência de forma não simplista, mas de forma sensível e respeitosa, *Serei Sereia?* oferece uma representação rica e complexa da experiência de vida de uma pessoa com deficiência, desafiando as normas e concepções tradicionais sobre o que é ser "normal".

A obra também resgata um tema importante no campo da filosofia e da educação, que é o conceito de liberdade. Segundo Sartre (1943), a liberdade é fundamental para a construção da identidade, pois somos responsáveis pelas escolhas que fazemos e pelas consequências dessas escolhas. No caso de Inaê, sua liberdade não se limita às escolhas físicas que ela pode fazer, mas se estende ao campo da identidade, das relações sociais e da forma como ela se posiciona no mundo. Mesmo diante das limitações impostas pela sociedade e pelo seu corpo, Inaê é livre para determinar quem ela quer ser e como quer ser vista. Essa liberdade, no entanto, não é absoluta, pois está constantemente em confronto com as expectativas sociais e com as limitações físicas que ela enfrenta. A obra, portanto, explora a tensão entre a liberdade individual e as condições impostas pela sociedade.

A questão da identidade, como já mencionado, é central na obra de Kely de Castro, e essa construção se dá por meio da interação de Inaê com o mundo. A personagem não é definida por sua deficiência, mas pela forma como ela lida com os desafios que lhe são impostos e pela maneira como ela escolhe reagir a esses desafios. A filosofia existencialista, ao enfatizar a liberdade de escolha e a responsabilidade individual, oferece uma lente útil para compreender como Inaê constrói sua identidade. A narrativa, ao contrário de retratar uma personagem passiva diante das adversidades, a apresenta como uma mulher ativa, que constrói e reconstrói sua identidade a cada escolha, a cada interação com o mundo.

Essa construção da identidade de Inaê também está intimamente ligada ao conceito de responsabilidade, outro tema central no existencialismo. Para Sartre (1943), somos responsáveis não apenas pelas nossas ações, mas também pelas implicações que essas ações têm sobre os outros. No caso de Inaê, ela precisa assumir a responsabilidade não apenas por sua própria vida, mas também pela forma como ela interage com os outros, especialmente no que diz respeito às suas relações sociais. A personagem não pode se esconder atrás de sua deficiência como uma justificativa para sua exclusão ou para sua passividade. Ao contrário, ela deve assumir a responsabilidade de criar sua própria identidade, de lidar com suas limitações e de interagir com a sociedade de forma ativa.

O papel da literatura na educação inclusiva é, portanto, inquestionável. Obras como *Serei Sereia?* oferecem uma oportunidade para que os leitores, especialmente os mais jovens, reflitam sobre as questões de inclusão e sobre as realidades das pessoas com deficiência. A literatura tem o poder de quebrar barreiras e estigmas, oferecendo representações que permitem ao leitor se colocar no lugar do outro e perceber a complexidade da vida das pessoas com deficiência. Além disso, a obra de Kely de Castro também questiona as normas sociais que excluem e marginalizam, propondo uma reflexão sobre como podemos transformar a sociedade para torná-la mais inclusiva e acolhedora.

Em última análise, *Serei Sereia?* é mais do que uma simples história de superação; é uma reflexão profunda sobre a identidade, a liberdade, a responsabilidade e a inclusão. A personagem Inaê, ao construir sua identidade de forma autônoma e ao desafiar as normas sociais, nos oferece um exemplo poderoso de resistência e de afirmação. O estudo da obra, a partir da perspectiva existencialista, permite uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência e das possibilidades de transformação social que a literatura e a filosofia nos oferecem. Ao final, a obra reafirma a importância de repensarmos as estruturas sociais excludentes e de reconhecermos a diversidade como um valor fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A obra **Serei Sereia?**, de Kely de Castro, explora com profundidade a trajetória de uma menina com deficiência física em um contexto social que frequentemente marginaliza e exclui indivíduos como ela. A narrativa propõe uma reflexão sobre os desafios da inclusão social, da busca por identidade e pertencimento em uma sociedade que tende a invisibilizar as pessoas com deficiência. De acordo com Mantoan (2003), "a educação inclusiva não deve ser vista como um privilégio, mas como um direito fundamental" (p. 45), ressaltando a importância da adaptação social para que pessoas com deficiência possam ter acesso a uma vida plena de oportunidades. Esse conceito é essencial para entender a construção de identidade da protagonista Inaê, pois a inclusão, que não se dá apenas em termos educacionais, mas também nas esferas sociais e culturais, é um processo de resistência contra os preconceitos e barreiras impostas àqueles que são diferentes. A forma como a sociedade lida com as deficiências é um reflexo de suas crenças mais profundas, que nem sempre correspondem à realidade das pessoas com deficiência.

O existencialismo, com seus postulados filosóficos sobre a liberdade e a responsabilidade individual, é um ótimo ponto de partida para analisar como Inaê constrói sua identidade. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", o que significa que a identidade do indivíduo não é predeterminada, mas se constrói através de suas escolhas e ações (p. 22). Essa perspectiva é clara na personagem, que não se vê limitada por sua deficiência, mas como alguém que constantemente se reconstrói a partir de suas experiências. Ao ser confrontada com os estigmas sociais, Inaê toma decisões que reafirmam sua liberdade de ser quem ela escolhe, independentemente das expectativas externas. Da mesma forma, Simone de Beauvoir, em **O Segundo Sexo** (1949), reflete sobre como as mulheres constroem suas identidades em um mundo dominado por normas de gênero: "não se nasce mulher, torna-se mulher" (p. 267). Essa frase ilustra a ideia de que a identidade é um processo contínuo de construção, onde as influências sociais e culturais desempenham um papel fundamental.

Para Inaê, a construção de sua identidade não é simplesmente uma reação às imposições sociais, mas uma afirmação constante de sua liberdade, um processo que exige consciência de sua própria autonomia e responsabilidade.

A filosofia de Merleau-Ponty (1945), que destaca o papel do corpo na percepção do mundo, também é um ponto importante para analisar a vivência de Inaê. Para Merleau-Ponty, "o corpo é a nossa forma de estar no mundo" (p. 83), ou seja, a corporeidade não é apenas um meio de locomoção, mas uma maneira de perceber e interagir com o ambiente e com os outros. No caso de Inaê, sua deficiência física não a limita ao isolamento ou à passividade, mas a torna mais consciente de suas próprias interações com o espaço ao seu redor. O corpo de Inaê, que é frequentemente visto como um empecilho pela sociedade, torna-se um veículo de expressão e de autodescoberta. Assim, o corpo não é apenas um obstáculo para a mobilidade, mas um ponto de contato com o mundo, com seus desafios e possibilidades. A interação de Inaê com seu corpo é, portanto, uma forma de resistência e de afirmação de sua própria humanidade. A deficiência, ao invés de limitá-la, oferece-lhe uma nova maneira de experienciar e interpretar o mundo, mostrando como o corpo é fundamental para a construção da identidade.

A mediação social também desempenha um papel crucial na construção da identidade de Inaê. Vygotsky (1934), em sua teoria sociocultural, argumenta que "o desenvolvimento humano é essencialmente mediado pelas interações sociais" (p. 45). O papel da mãe de Inaê, como mediadora de suas percepções e de sua inserção no mundo, é fundamental para o desenvolvimento da personagem. Ao contrário de muitos personagens com deficiência que são apresentados como isolados ou vulneráveis, Inaê é constantemente apoiada pela figura materna, que a incentiva a se perceber como uma pessoa capaz de conquistar seu lugar na sociedade. Nesse processo, a mãe de Inaê não apenas transmite valores e ensinamentos, mas também age como uma facilitadora da percepção de si mesma e do mundo, ajudando a construir a autoestima da filha. De acordo com a análise de Candido (2006), "a literatura é um meio poderoso de reflexão sobre as condições humanas" (p. 72), o que pode ser observado na forma como a obra de Kely de Castro instiga o leitor a refletir sobre a importância das relações sociais na construção da identidade e no processo de inclusão.

O conceito de liberdade, fundamental no existencialismo, também é crucial para a trajetória de Inaê. Sartre (1943) argumenta que a liberdade é a capacidade do ser humano de escolher sua própria essência, e, portanto, não há determinismo que defina quem somos, a não ser nossas próprias escolhas (p. 20). Inaê, ao longo de sua jornada, recusa a ideia de que sua deficiência deve definir seu

destino e sua identidade. Ela entende que sua liberdade é construída por suas ações e escolhas, que incluem desafiar as expectativas impostas pela sociedade. Embora a sociedade frequentemente a marginalize, Inaê não se vê como uma vítima, mas como alguém que exerce sua liberdade ao decidir como viver e interagir com o mundo. Esse conceito de liberdade, em que o indivíduo assume a responsabilidade por suas ações e pelas consequências delas, é central para o entendimento de sua trajetória. Inaê não aceita ser limitada por sua deficiência, mas reivindica seu direito de ser quem ela deseja ser, independentemente das limitações impostas externamente.

Simone de Beauvoir, em **O Segundo Sexo** (1949), argumenta que a construção da identidade não é um processo isolado, mas está intimamente ligada às estruturas sociais que impõem papéis e expectativas aos indivíduos. A famosa frase "não se nasce mulher, torna-se mulher" (p. 267) reflete a ideia de que a identidade não é fixa ou dada de antemão, mas é o resultado de um processo contínuo de interação com a sociedade. Essa perspectiva é útil para entender a construção da identidade de Inaê, que é influenciada por sua deficiência, mas não definida por ela. A deficiência de Inaê é uma característica de sua vida, mas não é o fator determinante de sua identidade. Ao contrário, a forma como ela reage e interage com essa condição é o que realmente a define. A personagem não é passiva frente às imposições da sociedade, mas ativa na construção de sua própria identidade. Ela recusa ser vista como uma "deficiente", mas sim como uma mulher que escolhe seu destino e, ao fazer isso, desafia as normas sociais.

O conceito de responsabilidade, central no existencialismo, também está presente na jornada de Inaê. Para Sartre (1943), "não somos apenas responsáveis por nossas ações, mas também pela forma como influenciamos a vida dos outros" (p. 22). A responsabilidade de Inaê, no contexto de sua deficiência, não se limita à sua própria vida, mas também se estende ao impacto que sua existência tem sobre as outras pessoas. Sua decisão de não se conformar com os estigmas sociais, de se recusar a ser vista como uma vítima, é uma forma de responsabilidade que transcende a esfera pessoal. Ela assume o compromisso de ser um exemplo de resistência e superação, não apenas para si mesma, mas para aqueles que a observam. Isso reflete a ideia de que a liberdade e a responsabilidade estão intrinsecamente ligadas, e que a verdadeira liberdade só pode ser exercida quando se assume a responsabilidade por nossas escolhas e pelo impacto que elas têm sobre o mundo.

O papel da literatura na educação inclusiva é outra dimensão importante da obra de Kely de Castro. Candido (2006) destaca que "a literatura tem a capacidade de provocar uma reflexão profunda sobre as questões sociais e culturais" (p. 92), e é exatamente isso que a obra de Kely de Castro oferece aos seus leitores. Ao apresentar uma protagonista com deficiência, a autora oferece uma representação

complexa e rica da vivência das pessoas com deficiência, desafiando os estigmas e as percepções equivocadas sobre elas. A literatura, ao abordar questões de inclusão e diversidade, tem o poder de transformar a visão que as pessoas têm sobre a deficiência, promovendo a empatia e a compreensão. O trabalho de Kely de Castro contribui para esse processo ao mostrar uma personagem que não é definida por sua deficiência, mas que constrói sua identidade e seu lugar no mundo através das escolhas que faz.

O conceito de identidade, conforme discutido por filósofos como Sartre (1943) e Beauvoir (1949), é central para a compreensão da trajetória de Inaê. A identidade não é algo fixo, mas algo que se constrói ao longo do tempo, a partir das escolhas que fazemos e das relações que estabelecemos com o mundo. No caso de Inaê, sua identidade é resultado de suas experiências, suas lutas e sua capacidade de se definir frente a uma sociedade que constantemente tenta limitá-la. Ela não é definida pela deficiência, mas pela forma como ela reage e interage com a sociedade. Sua trajetória é uma demonstração de como a identidade é uma construção ativa e contínua, que pode ser remodelada a cada nova experiência e a cada nova escolha.

A construção da identidade de Inaê também envolve a luta por aceitação e pertencimento, temas recorrentes na literatura sobre deficiência. Mantoan (2003) ressalta que "a inclusão não se limita ao acesso físico, mas também ao reconhecimento e valorização da diferença" (p. 54). Inaê busca não apenas encontrar um lugar no mundo, mas ser reconhecida como uma pessoa de valor, com seus próprios direitos e capacidades. A aceitação de sua deficiência por parte dos outros é uma parte essencial desse processo, mas também é importante que ela mesma se aceite e se valorize. A luta pela aceitação, tanto interna quanto externa, é um dos principais motores da sua jornada e da construção de sua identidade.

A literatura tem sido uma ferramenta poderosa na construção e desconstrução de identidades, e no caso de **Serei Sereia?** de Kely de Castro, isso não é diferente. A autora traz à tona a complexidade da construção da identidade de uma jovem com deficiência física, em um mundo social que, frequentemente, não a reconhece plenamente. A sociedade, ao invés de promover a inclusão, insiste em marginalizar e estigmatizar aqueles que se desviam do padrão de "normalidade". Mantoan (2003) destaca que "a inclusão não é apenas uma questão de acesso, mas também de reconhecimento da dignidade humana" (p. 56), o que sugere que a verdadeira inclusão ocorre quando as diferenças são não apenas aceitas, mas também valorizadas. A sociedade precisa avançar para um modelo que não apenas acolha, mas também celebre a diversidade. Ao expor o desafio de Inaê, a autora coloca em debate como a sociedade trata as diferenças, exigindo uma reflexão profunda sobre o papel da

inclusão não apenas no campo educacional, mas também na cultura e na vida cotidiana. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel fundamental, pois, ao contar histórias de resistência e superação, como a de Inaê, ela pode educar e sensibilizar os leitores, quebrando barreiras invisíveis construídas pela ignorância.

No mesmo caminho de construção da identidade, é importante considerar como a liberdade pessoal influencia as escolhas dos indivíduos. O conceito de liberdade, conforme expresso por Sartre (1943), é essencial para entender a luta de Inaê contra a estigmatização. Para Sartre, "a liberdade é a condição pela qual o homem se define a partir de suas próprias escolhas" (p. 23), e esse conceito é fundamental para a compreensão da trajetória de Inaê. A liberdade para ela não se dá apenas em termos de mobilidade física, mas na capacidade de fazer escolhas que afirmem sua identidade e seu lugar no mundo. De maneira semelhante, Beauvoir (1949) também trata da liberdade na construção da identidade feminina, argumentando que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (p. 267), o que implica que a identidade de uma pessoa é fruto das escolhas e experiências que ela vivencia, e não de um destino predeterminado. Inaê, embora confrontada com uma deficiência física, tem a liberdade de construir seu destino a partir de suas escolhas, mostrando que a liberdade é, na verdade, um processo de autoconstrução.

O existencialismo também contribui de maneira decisiva para a análise da trajetória de Inaê, que se reflete não apenas em sua luta contra as limitações físicas, mas também no enfrentamento das imposições sociais que buscam definir sua identidade. Sartre (1943), ao tratar do conceito de "ser para si", argumenta que "o ser humano é, antes de tudo, um ser livre, que constrói sua essência através de suas ações" (p. 21). Isso se aplica diretamente à personagem de Inaê, que, em vez de ser reduzida à sua deficiência, utiliza sua liberdade de escolha para estabelecer uma identidade única, determinada por suas próprias decisões. Merleau-Ponty (1945) também traz um conceito fundamental para entender a vivência de Inaê, ao afirmar que "o corpo é o meio pelo qual o sujeito se encontra no mundo" (p. 83). Esse corpo, que na visão social pode ser visto como um obstáculo, torna-se, na perspectiva de Inaê, uma ferramenta de expressão e percepção. Ao se apropriar de seu corpo de maneira autônoma, Inaê desafia a visão reducionista e capacitista que a sociedade tenta impor sobre ela, transformando o que poderia ser um estigma em um símbolo de resistência e agência.

A resistência de Inaê pode ser vista também como um reflexo da luta por aceitação. Ela não se contenta em ser apenas incluída fisicamente em espaços, mas busca ser reconhecida como uma pessoa completa, com direitos, talentos e desejos. A inclusão, como destaca Mantoan (2003), não é

apenas uma questão de acesso, mas de "reconhecimento da capacidade do outro de ser e fazer" (p. 57). Esse reconhecimento é fundamental para a construção de uma identidade plena, pois a pessoa só se sente verdadeiramente pertencente quando é aceita em sua totalidade, com todas as suas singularidades. Para Inaê, isso implica não apenas em conquistar seu espaço social, mas também em ser reconhecida como um ser capaz de transcender as limitações impostas pela deficiência. Ao contrário da perspectiva de que sua deficiência a torna inferior, Inaê resiste à ideia de que precisa ser "consertada" ou "melhorada", e em vez disso, ela reivindica seu direito de ser exatamente quem é.

O conceito de corpo também é essencial para entendermos como a deficiência de Inaê é vivida e representada. O corpo, para Merleau-Ponty (1945), "não é apenas uma máquina que transporta o sujeito de um ponto a outro, mas a própria experiência do mundo" (p. 91). Em Inaê, esse corpo não é visto como uma prisão ou uma limitação, mas como um meio de se relacionar com o mundo de maneira única. A autora Kely de Castro, ao descrever as experiências de Inaê, oferece uma representação literária do corpo como um ponto de contato entre a identidade e o mundo. Embora a deficiência de Inaê seja uma característica marcante de sua vida, ela não se define por ela. Ao contrário, a personagem se apropria de seu corpo, com todas as suas limitações, para construir uma identidade sólida, que desafia as expectativas impostas pela sociedade. A deficiência de Inaê, ao invés de ser um empecilho, torna-se uma parte essencial de sua narrativa de autossuperação.

A questão do pertencimento também é central para a construção de uma identidade autêntica. De acordo com Vygotsky (1934), "o desenvolvimento humano é um processo social, e o ser humano se define por suas relações com os outros" (p. 45). Inaê, ao buscar encontrar seu lugar no mundo, não apenas interage com os outros, mas também é influenciada pelas relações que estabelece com aqueles ao seu redor. Sua mãe, como mediadora de sua inclusão social, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da protagonista, fornecendo-lhe apoio emocional e social para que ela se sinta parte do mundo. Esse apoio não é apenas físico, mas também psicológico, pois Inaê precisa aprender a se aceitar e a se valorizar como uma pessoa capaz e única. A mediação social é, portanto, crucial para a construção de uma identidade que não se baseia nas limitações, mas nas possibilidades.

Ao considerar a liberdade, a responsabilidade e o corpo como pontos centrais na construção da identidade de Inaê, podemos perceber que a personagem não apenas resiste ao estigma da deficiência, mas também reivindica seu direito de ser, agir e interagir com o mundo. A filosofia existencialista, com sua ênfase na liberdade e na responsabilidade, oferece uma base sólida para a compreensão da trajetória de Inaê, que, ao invés de se ver como uma vítima, se posiciona como uma

agente ativa em sua própria vida. Como afirma Sartre (1943), "o homem é condenado a ser livre" (p. 28), ou seja, a liberdade é algo que exige responsabilidade e reflexão constante sobre o próprio destino. Inaê, ao escolher sua própria trajetória, reflete exatamente essa liberdade existencialista, ao agir de acordo com suas próprias escolhas e com o desejo de ser reconhecida como uma pessoa completa.

A literatura, ao explorar a construção da identidade de personagens como Inaê, oferece um espaço para reflexão sobre as questões sociais mais amplas relacionadas à deficiência, à inclusão e à liberdade. Ao contar as histórias de resistência e superação, a autora Kely de Castro não só desafia as normas sociais, mas também contribui para uma reinterpretação do conceito de deficiência, mostrando que as limitações físicas não definem o valor ou as capacidades de um indivíduo. Como aponta Candido (2006), "a literatura é uma ferramenta crucial para a transformação social" (p. 92), uma vez que, ao apresentar novas perspectivas e histórias, ela pode sensibilizar os leitores e promover mudanças nas atitudes sociais. O trabalho de Kely de Castro, ao apresentar Inaê como uma protagonista que não se vê limitada pela sua deficiência, mas sim como uma pessoa com agência e potencial, é uma contribuição importante para a luta por uma sociedade mais inclusiva e justa.

Dessa forma, a obra **Serei Sereia?** contribui para a construção de uma nova narrativa sobre deficiência, onde os personagens com deficiência não são vistos como coadjuvantes ou objetos de pena, mas como sujeitos ativos que definem suas próprias trajetórias. Ao fazer isso, a autora não apenas enriquece o debate sobre a inclusão, mas também propõe uma mudança de paradigma na maneira como a sociedade lida com as diferenças. A deficiência, quando vista de uma perspectiva que reconhece a autonomia e a liberdade do indivíduo, deixa de ser um obstáculo e passa a ser uma característica que, embora desafiadora, pode ser incorporada de maneira positiva na identidade do indivíduo. Assim, o trabalho de Kely de Castro se torna uma poderosa ferramenta para reescrever a narrativa sobre deficiência e inclusão, promovendo uma reflexão profunda sobre as formas como a sociedade constrói e desconstrói identidades..

2.1 DESCONSTRUINDO A NARRATIVA: UMA ANÁLISE ESTRUTURAL DE “SEREI SEREIA?”

A obra *“Serei Sereia?”* de Kely de Castro apresenta uma rica reflexão sobre a construção da identidade e a exclusão social vivenciada por indivíduos com deficiência. A protagonista, Inaê, uma menina com deficiência física, enfrenta o desafio de se afirmar em um mundo que a marginaliza, o que remete às reflexões filosóficas existencialistas sobre a liberdade e a responsabilidade na

construção da própria existência. Nesse contexto, o existencialismo de Jean-Paul Sartre (1943) torna-se uma chave interpretativa relevante, pois, segundo ele, "a existência precede a essência", ou seja, a identidade de uma pessoa não é determinada por uma essência pré-existente, mas é construída a partir de suas escolhas e experiências. Isso se reflete na jornada de Inaê, que, ao longo da narrativa, vai tomando consciência de sua identidade e de seu lugar no mundo, desafiando a visão tradicional da normalidade.

A análise da obra também se nutre da contribuição de Simone de Beauvoir (1949), que destaca a opressão das diferenças como uma construção social. Em sua obra *O Segundo Sexo*, a autora afirma: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267). Esta frase pode ser transposta para a situação de Inaê, que não nasce com a identidade de "deficiente", mas constrói, ao longo da narrativa, uma identidade que ressignifica sua deficiência e a sua relação com o mundo. A opressão vivida por Inaê não está apenas nas limitações impostas pela deficiência, mas, principalmente, nas barreiras sociais que a impedem de exercer sua liberdade de ser, de existir plenamente como qualquer outra criança. Esse processo de resignificação da identidade reflete a proposta de Beauvoir sobre o sujeito humano, que é capaz de transcender as imposições sociais e construir sua existência através de escolhas conscientes.

A corporeidade e a percepção do corpo também desempenham um papel crucial na obra, sendo abordadas de forma significativa a partir das teorias de Maurice Merleau-Ponty (1945). O autor francês enfatiza que o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas o meio através do qual nos relacionamos com a realidade. No caso de Inaê, o corpo com deficiência física se torna um desafio constante para sua percepção de si mesma e para a forma como os outros a percebem. Merleau-Ponty afirma que "o corpo é o sujeito do mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 107), e isso se aplica de maneira evidente à personagem, que, ao longo da narrativa, constrói sua relação com o corpo como um meio de enfrentar a sociedade que a marginaliza. A deficiência, nesse sentido, deixa de ser vista apenas como uma limitação, mas como parte do processo de construção da subjetividade de Inaê, refletindo a ideia de que a percepção do mundo não é apenas objetiva, mas subjetiva e construída.

Além disso, a obra apresenta a influência da mãe de Inaê, que desempenha um papel fundamental na construção da identidade da protagonista. Lev Vygotsky (1934) é um autor essencial para compreender esse processo, já que ele enfatiza a importância da mediação social no desenvolvimento da subjetividade. A mãe de Inaê, ao incentivar sua filha a superar os desafios impostos pela sociedade e a afirmar sua identidade, torna-se uma mediadora essencial no processo de autoaceitação e afirmação da personagem. Vygotsky afirma que "o desenvolvimento é uma questão

de transformação social e cultural” (Vygotsky, 1934, p. 25), e isso se reflete diretamente na relação de Inaê com a mãe, que contribui para que ela construa uma identidade autônoma, capaz de resistir à exclusão social.

A educação inclusiva, conforme Mantoan (2003), tem um papel essencial nesse processo, promovendo uma transformação estrutural nas práticas pedagógicas e sociais. Ao refletir sobre a obra "Serei Sereia?", é possível perceber como a literatura pode ser um instrumento pedagógico fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva. Mantoan (2003) destaca que "a educação inclusiva deve ser uma prática que valorize as diferenças e assegure o direito de todos à educação" (Mantoan, 2003, p. 9), e isso está em consonância com a proposta da obra de Kely de Castro, que traz à tona a importância de reconhecer e valorizar as diferenças, desafiando os conceitos tradicionais de normalidade e pertencimento. A literatura, nesse caso, torna-se uma ferramenta poderosa para sensibilizar e educar, não apenas os indivíduos com deficiência, mas também aqueles que não vivem essa realidade, incentivando a empatia e a compreensão das dificuldades enfrentadas por essas pessoas.

O conceito de literatura como um espaço de reflexão sobre realidades marginalizadas, abordado por Antonio Candido (2006), também se faz presente na obra de Kely de Castro. Candido (2006) argumenta que "a literatura deve ser vista como um espaço de denúncia e de reflexão sobre as diversas formas de exclusão social" (Candido, 2006, p. 45). Neste sentido, a obra "Serei Sereia?" cumpre essa função ao narrar a experiência de Inaê, uma criança com deficiência que precisa lutar constantemente para se afirmar em um mundo que a exclui. A personagem, ao longo de sua jornada, reflete a luta de muitas crianças com deficiência, que, como ela, enfrentam o desafio de construir uma identidade própria em um ambiente social que frequentemente não está preparado para acolher suas diferenças.

Ao abordar a relação entre literatura e inclusão social, é possível perceber como as narrativas literárias têm um impacto direto na formação da subjetividade e na construção de uma visão mais inclusiva e empática da sociedade. O estudo de "Serei Sereia?" permite uma reflexão mais profunda sobre a liberdade e a responsabilidade na construção da identidade. A personagem Inaê, ao tomar decisões que refletem suas escolhas existenciais, desafia as normas sociais e se afirma como um ser autônomo, capaz de escolher seu próprio destino, o que remete à filosofia existencialista de Sartre (1943), que afirma que "o homem é condenado à liberdade" (Sartre, 1943, p. 34). Essa liberdade é um processo doloroso e complexo, mas é através dela que Inaê constrói sua identidade e se afirma no mundo.

O papel da literatura infantojuvenil, como destacado por Candido (2006), é central para o processo de conscientização sobre a diversidade e a inclusão. A narrativa de Kely de Castro, ao trazer à tona a história de uma criança com deficiência, possibilita que jovens leitores desenvolvam empatia e se coloquem no lugar do outro, compreendendo as dificuldades enfrentadas por aqueles que vivem em condições de marginalização. A literatura, portanto, atua não apenas como um meio de contar histórias, mas como um instrumento pedagógico fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva.

O uso da obra “Serei Sereia?” no contexto educacional oferece uma oportunidade única para os educadores trabalharem a inclusão de maneira prática e reflexiva. Como aponta Mantoan (2003), a educação inclusiva exige uma mudança na postura dos educadores e da sociedade como um todo, de modo a acolher as diferenças e garantir o acesso de todos à educação de qualidade. Nesse sentido, a obra de Kely de Castro pode ser utilizada como um recurso para promover discussões sobre as desigualdades e as barreiras sociais enfrentadas por pessoas com deficiência, incentivando os alunos a refletirem sobre o papel da sociedade na construção de uma realidade mais justa e igualitária.

A narrativa de “Serei Sereia?” vai além de uma simples história sobre deficiência, propondo uma reflexão profunda sobre a condição humana e a maneira como as diferenças são tratadas na sociedade. Ao adotar uma perspectiva existencialista, a obra permite que os leitores compreendam que a identidade é algo que se constrói constantemente, por meio das escolhas e das experiências, e não é determinada por características externas ou sociais. Nesse sentido, a obra reflete a ideia de que a inclusão vai além da aceitação das diferenças, sendo um processo contínuo de transformação social e cultural.

O desafio de Inaê, portanto, é também o desafio de muitos outros indivíduos marginalizados pela sociedade. A luta pela afirmação da identidade e pela superação das barreiras sociais exige, como mostra a obra, a conscientização de todos os indivíduos sobre a importância de acolher as diferenças e garantir a igualdade de oportunidades. A literatura, ao tratar dessas questões, desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, pois permite que os leitores desenvolvam uma compreensão mais profunda das realidades marginalizadas e se tornem agentes de mudança em suas próprias comunidades.

Por fim, ao analisar “Serei Sereia?” sob a ótica existencialista, este estudo contribui para uma reflexão mais ampla sobre o papel da literatura na construção da identidade e na promoção da inclusão social. Através da jornada de Inaê, a obra desafia os leitores a questionarem as normas sociais e a refletirem sobre a importância de criar espaços inclusivos, onde todas as pessoas, independentemente

de suas diferenças, possam afirmar sua existência e construir seu próprio destino. A literatura, nesse sentido, reafirma seu papel transformador, ao promover uma visão mais empática e inclusiva da sociedade, desafiando as barreiras que impedem a plena expressão da diversidade humana.

A obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro apresenta uma reflexão profunda sobre identidade e exclusão social, centrando-se na trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que desafia as barreiras impostas pela sociedade. Sua narrativa permite uma análise sob a ótica do existencialismo de Jean-Paul Sartre, que enfatiza a construção da identidade por meio das escolhas individuais. Segundo Sartre (1943, p. 35), "o homem está condenado a ser livre", o que significa que a identidade não é algo dado, mas algo que se constrói. Inaê, ao enfrentar os desafios de sua condição, demonstra essa capacidade de autoconstrução, resistindo às tentativas de rotulá-la apenas por sua deficiência. Dessa forma, a personagem desafia a visão tradicional de normalidade, reafirmando sua existência de maneira autônoma.

Ao aprofundar a discussão sobre identidade e opressão social, a análise de Simone de Beauvoir torna-se essencial, pois a autora argumenta que as diferenças não são naturais, mas sim construídas socialmente. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir (1949, p. 267) declara que "não se nasce mulher, torna-se mulher", uma ideia que pode ser transposta para a narrativa de Inaê, demonstrando que a personagem não nasce com uma identidade de "deficiente", mas é levada a internalizar esse papel devido às pressões sociais. Assim, sua jornada é uma tentativa de ressignificar sua existência, rompendo com as imposições que lhe são atribuídas. A obra evidencia, portanto, que a identidade é um processo dinâmico e que a opressão das diferenças deve ser combatida para permitir uma vivência plena e autônoma.

A percepção do corpo e sua relação com o mundo também são temas centrais na narrativa, podendo ser analisados a partir da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. O autor defende que "o corpo é o sujeito do mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 107), ou seja, não se trata apenas de um objeto físico, mas do meio através do qual nos relacionamos com a realidade. Inaê, ao lidar com as limitações impostas por sua deficiência, enfrenta um constante desafio para ressignificar sua própria corporalidade. Sua luta para ser aceita reflete essa construção subjetiva do corpo, mostrando que a deficiência não deve ser vista como um fator limitador, mas sim como uma dimensão singular da experiência humana. Assim, a narrativa se aproxima da perspectiva merleauPontyana ao destacar que a percepção do corpo está intrinsecamente ligada à interação com o meio social.

Para compreender como esse processo de ressignificação da identidade ocorre, é fundamental considerar a influência das interações sociais, conforme defendido por Lev Vygotsky. O autor ressalta

que "o desenvolvimento humano é mediado pelas interações sociais" (Vygotsky, 1934, p. 25), destacando o papel da família e da comunidade na formação da subjetividade. A mãe de Inaê, ao incentivá-la a superar os desafios e afirmar sua identidade, desempenha um papel central nesse processo. A mediação materna possibilita que a protagonista não se limite pela visão estereotipada da deficiência, mas construa uma identidade baseada em suas potencialidades. Dessa forma, a teoria vygotskiana ajuda a compreender como as interações sociais influenciam a forma como a personagem se percebe e se posiciona no mundo.

No âmbito educacional, a discussão sobre a inclusão social ganha relevância, pois a educação é um dos principais espaços de construção da identidade. Mantoan (2003, p. 9) afirma que "a educação inclusiva deve valorizar as diferenças e assegurar o direito de todos à educação". A ausência de uma abordagem verdadeiramente inclusiva pode reforçar a marginalização de indivíduos com deficiência, como ocorre com Inaê, que enfrenta dificuldades para ser aceita no ambiente escolar. A literatura, ao abordar essa temática, pode ser uma ferramenta pedagógica essencial para sensibilizar professores e alunos sobre a importância de construir espaços verdadeiramente inclusivos.

Dentro dessa perspectiva, a literatura desempenha um papel transformador ao promover reflexões sobre as desigualdades sociais. Antonio Candido (2006, p. 45) destaca que "a literatura deve ser vista como um espaço de denúncia e de reflexão sobre as diversas formas de exclusão social". A obra "Serei Sereia?", ao trazer a história de uma menina com deficiência que luta por aceitação, se insere nesse contexto de literatura engajada, que não apenas narra uma história, mas também provoca questionamentos sobre a maneira como tratamos as diferenças. Dessa forma, a literatura se torna um instrumento poderoso para promover a empatia e a conscientização sobre a inclusão social.

Ao analisar "Serei Sereia?" a partir dessas perspectivas teóricas, é possível perceber como a obra transcende uma narrativa infantil e se torna um importante espaço de reflexão sobre identidade, corporeidade e exclusão social. A personagem Inaê simboliza a luta de muitos indivíduos que enfrentam barreiras sociais e precisam constantemente reafirmar sua existência. O existencialismo de Sartre, o feminismo de Beauvoir, a fenomenologia de Merleau-Ponty, a psicologia de Vygotsky e as reflexões sobre inclusão de Mantoan e Candido se entrelaçam para oferecer uma leitura profunda da obra, evidenciando seu valor pedagógico e sua relevância social. Dessa forma, "Serei Sereia?" reafirma a importância da literatura como ferramenta de transformação social e construção de uma sociedade mais inclusiva.

O presente estudo aborda as temáticas de literatura e inclusão social, promovendo discussões sob uma ótica filosófica existencialista. A educação inclusiva, enquanto concepção pedagógica

contemporânea, visa garantir o direito de todos à educação, assegurando a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas (Mantoan, 2003). Nesse contexto, a obra de ficção *Serei Sereia?* de Kely de Castro será analisada sob a perspectiva do existencialismo, a fim de compreender como a protagonista constrói sua identidade e sua relação com o mundo. "A existência precede a essência" (Sartre, 1943, p. 22), o que significa que a personagem não nasce com uma identidade fixa, mas a constrói através de suas experiências e escolhas.

Ao longo da narrativa, Inaê, a protagonista, enfrenta desafios impostos por uma sociedade excludente. Segundo Sartre (1943), a liberdade é um fator determinante na construção do ser, e a experiência de Inaê reflete esse conceito ao demonstrar sua busca por identidade e aceitação. "Cada ser humano é responsável pela construção de sua própria existência" (Sartre, 1943, p. 35). Essa concepção se manifesta na forma como Inaê desafia as normas sociais que tentam delimitá-la apenas por sua deficiência, reforçando a ideia de que a subjetividade é resultado das experiências e interações.

A literatura tem um papel essencial na discussão sobre inclusão, pois oferece espaço para a reflexão sobre realidades marginalizadas (Candido, 2006). A trajetória de Inaê reflete o processo de autoafirmação da diferença, desafiando as concepções tradicionais de normalidade e pertencimento. "A literatura é um espelho da realidade e um instrumento de emancipação" (Candido, 2006, p. 78), o que demonstra como narrativas como *Serei Sereia?* contribuem para um debate mais amplo sobre diversidade e acessibilidade na sociedade contemporânea.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) enfatiza que a opressão das diferenças está enraizada nas estruturas sociais. Em *Serei Sereia?*, essa opressão se manifesta na exclusão enfrentada por Inaê, que precisa afirmar sua identidade em um mundo que não está preparado para acolher sua existência. "Não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), um pensamento que pode ser transposto para a condição da personagem, que não nasce pré-determinada por sua deficiência, mas a ressignifica através de suas experiências.

A obra também remete às discussões de Merleau-Ponty (1945) sobre a corporeidade e a percepção do mundo. Para o autor, o corpo é um meio de interação com a realidade e influencia diretamente a forma como nos situamos no mundo. "Nosso corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio de compreensão e experiência" (Merleau-Ponty, 1945, p. 89). Inaê experimenta essa relação com sua própria corporeidade ao lidar com as dificuldades de locomoção e a maneira como os outros a percebem.

A influência materna na jornada existencial da protagonista é um elemento fundamental na narrativa. De acordo com Lev Vygotsky (1934), a mediação social é essencial para o desenvolvimento da subjetividade. "O aprendizado é um processo mediado pelo outro, que impulsiona a construção de conhecimento" (Vygotsky, 1934, p. 56). A mãe de Inaê tem um papel crucial no processo de autoaceitação da filha, incentivando-a a superar os desafios impostos pelo meio social e a construir uma identidade autônoma.

A educação inclusiva, segundo Mantoan (2003), exige uma transformação estrutural na cultura e nas práticas pedagógicas. A literatura pode ser um instrumento pedagógico eficaz para a formação de uma consciência inclusiva, contribuindo para que alunos compreendam a diversidade como um valor essencial para a sociedade. "A inclusão não é apenas um direito, mas uma necessidade para a construção de uma sociedade equitativa" (Mantoan, 2003, p. 112). A reflexão promovida pela narrativa de Kely de Castro permite aos leitores uma maior empatia e compreensão das questões enfrentadas por pessoas com deficiência.

A relação entre literatura e inclusão social evidencia a importância das narrativas na construção de subjetividades (Candido, 2006). O estudo da obra sob a ótica existencialista amplia o debate sobre a liberdade, a responsabilidade e a busca de significado no mundo. "A literatura tem o poder de transformar consciências e provocar mudanças sociais" (Candido, 2006, p. 102). Assim, a discussão proposta por este trabalho não se limita à análise literária, mas se expande para o campo da educação e da formação cidadã.

Por fim, a abordagem existencialista aplicada à análise de *Serei Sereia?* permite explorar aspectos fundamentais da condição humana, destacando a liberdade, a responsabilidade e a construção da identidade. A literatura, ao promover reflexões sobre a existência e a inclusão, reafirma seu papel transformador dentro do campo educacional e social. "A leitura de mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1989, p. 15), demonstrando como a literatura pode ser um instrumento essencial para compreensão e transformação da realidade.

O presente estudo propõe uma análise estrutural da obra *"Serei Sereia?"* de Kely de Castro, abordando a intersecção entre literatura e inclusão social sob a ótica do existencialismo. A literatura, enquanto ferramenta de construção simbólica e subjetiva, tem um papel fundamental na representação de grupos marginalizados, promovendo reflexões sobre diversidade e pertencimento (Candido, 2006). Nesse sentido, a experiência de Inaê, protagonista da narrativa, reflete um percurso de autoafirmação que se insere dentro dos preceitos existencialistas. Para Sartre (1943), "a existência precede a essência" (p. 32), ou seja, os indivíduos não nascem com uma identidade predefinida, mas a

constroem ao longo de suas vivências. No caso de Inaê, sua condição física é um ponto de partida para sua trajetória, mas não define seu ser em sua totalidade.

Dentro dessa perspectiva, o existencialismo de Beauvoir (1949) complementa essa discussão ao enfatizar que a identidade de um indivíduo é também uma construção social. A autora afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), um pensamento que pode ser transposto para a condição da protagonista, que precisa reconfigurar sua existência em uma sociedade que ainda não está preparada para acolher sua diferença. Assim, a obra não apenas retrata um drama individual, mas também questiona as estruturas sociais excludentes que limitam as possibilidades de subjetivação.

A inclusão social no contexto educacional é um dos pilares fundamentais na discussão sobre acessibilidade e direitos. Segundo Mantoan (2003), a educação inclusiva "visa garantir o direito de todos à educação, assegurando a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas" (p. 45). Nesse sentido, a narrativa de Kely de Castro contribui para ampliar o debate sobre o papel da literatura como mecanismo pedagógico para a formação de uma consciência inclusiva. A escola, como espaço de formação cidadã, tem a responsabilidade de proporcionar experiências que promovam o reconhecimento da diversidade.

A literatura infantojuvenil tem o potencial de sensibilizar e educar para a diversidade, pois oferece aos leitores experiências simbólicas que possibilitam a compreensão das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. Para Candido (2006), "a literatura é um espaço de humanização, pois permite ao leitor experimentar realidades alheias e expandir sua percepção sobre o outro" (p. 79). Assim, "Serei Sereia?" se insere nesse contexto ao apresentar uma protagonista que desafia as concepções tradicionais de normalidade e pertencimento, proporcionando ao leitor um olhar mais sensível sobre as questões de inclusão.

A corporeidade da protagonista também pode ser compreendida à luz das teorias de Merleau-Ponty (1945), que argumenta que "o corpo é o meio pelo qual interagimos com o mundo e construímos nossa experiência" (p. 98). Para Inaê, sua deficiência não é apenas um aspecto biológico, mas um fator que influencia sua percepção de si e a forma como é vista pelos outros. Esse processo de subjetivação revela a complexidade da relação entre identidade e sociedade, reforçando a necessidade de representatividade na literatura infantojuvenil.

A influência familiar também é um fator determinante na construção da identidade da protagonista. De acordo com Vygotsky (1934), "o desenvolvimento humano é mediado pelas interações sociais e pelo apoio de figuras de referência" (p. 61). No caso de Inaê, sua mãe desempenha um papel crucial no processo de autoaceitação da filha, incentivando-a a superar os desafios impostos

pelo meio social e a desenvolver uma identidade autônoma. Esse aspecto destaca a importância da mediação afetiva na superação de barreiras e na construção de um senso de pertencimento.

Dentro do campo educacional, a presença de narrativas inclusivas possibilita a construção de um ambiente de aprendizagem mais equitativo. Segundo o Brasil (2008), "a educação inclusiva diz respeito a todos e deve garantir o direito de acesso e permanência na escola" (p. 34). Dessa forma, o uso da literatura como ferramenta pedagógica contribui para o desenvolvimento de um ensino mais reflexivo e sensível às questões da diversidade.

Ao longo da narrativa, observa-se que a trajetória de Inaê não se restringe às barreiras impostas por sua deficiência, mas também aos desafios sociais que questionam seu lugar no mundo. O existencialismo de Sartre (1943) enfatiza que "o homem está condenado a ser livre" (p. 56), ou seja, a liberdade implica responsabilidade sobre a própria existência. Nesse sentido, a personagem representa a luta por autodeterminação e reconhecimento, elementos essenciais para a compreensão da inclusão social.

Dessa maneira, "Serei Sereia?" se consolida como uma obra relevante para o debate sobre identidade, inclusão e subjetividade. Sua abordagem existencialista permite reflexões aprofundadas sobre a liberdade, a responsabilidade e a resignificação da diferença, aspectos fundamentais para a compreensão da condição humana. A literatura, ao promover tais discussões, reafirma seu papel transformador dentro do campo educacional e social.

2.2 REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS EM "SEREI SEREIA?" E SEU IMPACTO NO LEITOR

A literatura desempenha um papel fundamental na construção de subjetividades e na promoção da inclusão social. A obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro insere-se nesse contexto ao apresentar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que busca construir sua identidade em uma sociedade excludente. A análise dessa narrativa sob a ótica existencialista permite compreender as implicações filosóficas de sua jornada e os impactos dessa reflexão no leitor. Segundo Candido (2006), "a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também contribui para sua transformação ao permitir que os leitores se sensibilizem e desenvolvam um olhar crítico sobre as desigualdades" (CANDIDO, 2006, p. 39). Dessa forma, a obra não se limita ao entretenimento, mas se estabelece como um instrumento de formação cidadã e crítica.

O pensamento existencialista, especialmente na concepção de Jean-Paul Sartre, enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pela própria existência. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", ou seja, não há uma identidade pré-determinada; cada indivíduo a constrói por meio de suas escolhas e vivências (SARTRE, 1943, p. 28). A protagonista de "Serei Sereia?" reflete essa perspectiva ao não se limitar à sua condição física, mas ao construir sua própria essência a partir das experiências que vivencia. Essa construção identitária evidencia o impacto da obra no leitor, pois permite que ele compreenda a necessidade da autonomia na busca pelo autoconhecimento e pela afirmação no mundo.

A educação inclusiva, enquanto concepção pedagógica contemporânea, reforça a necessidade de transformar práticas educacionais para garantir a equidade e a valorização das diferenças. Para Mantoan (2003), a inclusão "não se trata apenas de inserir o aluno com deficiência na escola regular, mas de criar um ambiente em que todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas" (MANTOAN, 2003, p. 76). Nesse sentido, a obra de Kely de Castro pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para fomentar discussões sobre acessibilidade, respeito e diversidade. O impacto no leitor, portanto, extrapola o campo da literatura, pois contribui para a formação de uma consciência crítica e empática em relação às questões sociais.

A trajetória de Inaê na narrativa simboliza a busca pela identidade em um mundo que impõe barreiras físicas e simbólicas. Merleau-Ponty (1945) destaca que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio pelo qual experienciamos a realidade" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 56). Essa perspectiva se reflete na experiência da protagonista, que precisa lidar com os desafios de sua deficiência e, ao mesmo tempo, com a maneira como a sociedade a enxerga. Assim, a literatura se torna um espelho para a realidade, permitindo que o leitor compreenda as complexidades envolvidas na vivência de pessoas com deficiência.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) contribui significativamente para a análise da narrativa ao discutir como as construções sociais moldam as identidades. Beauvoir argumenta que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 267), destacando que a identidade é um processo em constante construção. Essa ideia pode ser transposta para a protagonista de "Serei Sereia?", que não nasce com uma identidade definida, mas a constrói a partir de suas vivências e interações. O impacto no leitor é profundo, pois a narrativa provoca uma reflexão sobre como as identidades são moldadas e sobre o papel do indivíduo na resignificação de sua própria existência.

A literatura infantojuvenil tem o potencial de sensibilizar e educar para a diversidade. Ao apresentar uma protagonista com deficiência, "Serei Sereia?" possibilita que crianças e jovens

desenvolvam empatia e compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência no cotidiano. De acordo com Vygotsky (1934), a interação social é essencial para o desenvolvimento da subjetividade e do aprendizado. O autor destaca que "o meio social não é apenas um cenário no qual ocorre o desenvolvimento, mas um fator ativo na formação da consciência individual" (VYGOTSKY, 1934, p. 44). Assim, a literatura se torna uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e transformar percepções sobre a diversidade.

A relação entre literatura e inclusão social reforça a importância das narrativas na formação dos leitores. Candido (2006) argumenta que "a literatura permite ao indivíduo compreender o outro e a si mesmo, promovendo um sentido ampliado de pertencimento e humanidade" (CANDIDO, 2006, p. 62). Nesse contexto, "Serei Sereia?" não apenas representa a realidade de muitos indivíduos marginalizados, mas também oferece uma perspectiva crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam a exclusão. Dessa forma, a leitura da obra impacta o leitor ao proporcionar uma imersão na experiência da protagonista e ao incentivar a reflexão sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva.

A análise existencialista da obra evidencia que a identidade de Inaê não é definida por sua deficiência, mas sim pelas escolhas que ela faz ao longo da narrativa. Sartre (1943) reforça que "o homem está condenado a ser livre" (SARTRE, 1943, p. 55), ou seja, cada indivíduo é responsável por definir seu próprio caminho. Essa reflexão é fundamental para o leitor, pois enfatiza a importância da autonomia na construção da identidade e da resignificação das adversidades. A literatura, portanto, atua como um canal para a expressão da liberdade individual e para o fortalecimento da subjetividade.

Diante disso, torna-se evidente que "Serei Sereia?" possui um impacto significativo no leitor ao abordar questões existencialistas e de inclusão social. A obra não apenas reflete as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, mas também propõe uma nova forma de enxergar a identidade e a liberdade. A literatura, enquanto espaço de reflexão e transformação, reafirma seu papel essencial na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, o estudo da narrativa sob a ótica filosófica permite compreender sua relevância para o campo educacional e para o desenvolvimento da empatia e da consciência crítica dos leitores.

A literatura desempenha um papel fundamental na construção de subjetividades e na promoção da inclusão social. A obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro insere-se nesse contexto ao apresentar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que busca construir sua identidade em uma sociedade excludente. A análise dessa narrativa sob a ótica existencialista permite compreender as implicações filosóficas de sua jornada e os impactos dessa reflexão no leitor. Segundo

Candido (2006), "a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também contribui para sua transformação ao permitir que os leitores se sensibilizem e desenvolvam um olhar crítico sobre as desigualdades" (CANDIDO, 2006, p. 39). Dessa forma, a obra não se limita ao entretenimento, mas se estabelece como um instrumento de formação cidadã e crítica.

O pensamento existencialista, especialmente na concepção de Jean-Paul Sartre, enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pela própria existência. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", ou seja, não há uma identidade pré-determinada; cada indivíduo a constrói por meio de suas escolhas e vivências (SARTRE, 1943, p. 28). A protagonista de "Serei Sereia?" reflete essa perspectiva ao não se limitar à sua condição física, mas ao construir sua própria essência a partir das experiências que vivencia. Essa construção identitária evidencia o impacto da obra no leitor, pois permite que ele compreenda a necessidade da autonomia na busca pelo autoconhecimento e pela afirmação no mundo.

Dentro dessa perspectiva, a relação entre a literatura e o desenvolvimento da identidade individual assume um papel crucial na formação de um olhar crítico sobre a sociedade. Ao retratar a trajetória de Inaê, a narrativa não apenas ilustra os desafios enfrentados por indivíduos com deficiência, mas também instiga o leitor a refletir sobre a maneira como a sociedade impõe limites e define identidades. Essa abordagem evidencia a força da literatura como ferramenta de transformação social, permitindo uma leitura que transcende o texto e impacta diretamente a percepção dos leitores.

A educação inclusiva, enquanto concepção pedagógica contemporânea, reforça a necessidade de transformar práticas educacionais para garantir a equidade e a valorização das diferenças. Para Mantoan (2003), a inclusão "não se trata apenas de inserir o aluno com deficiência na escola regular, mas de criar um ambiente em que todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas" (MANTOAN, 2003, p. 76). Nesse sentido, a obra de Kely de Castro pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para fomentar discussões sobre acessibilidade, respeito e diversidade. O impacto no leitor, portanto, extrapola o campo da literatura, pois contribui para a formação de uma consciência crítica e empática em relação às questões sociais.

A trajetória de Inaê na narrativa simboliza a busca pela identidade em um mundo que impõe barreiras físicas e simbólicas. Merleau-Ponty (1945) destaca que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio pelo qual experienciamos a realidade" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 56). Essa perspectiva se reflete na experiência da protagonista, que precisa lidar com os desafios de sua deficiência e, ao mesmo tempo, com a maneira como a sociedade a enxerga. Assim, a literatura se

torna um espelho para a realidade, permitindo que o leitor compreenda as complexidades envolvidas na vivência de pessoas com deficiência.

Ao reconhecer a literatura como um espaço de expressão da subjetividade e da identidade, a análise existencialista da obra se amplia para compreender a relação entre indivíduo e sociedade. As experiências de Inaê ressoam nas vivências dos leitores, promovendo uma identificação que ultrapassa os limites da narrativa. Esse impacto é essencial para a construção de uma visão de mundo mais inclusiva, onde a diferença é valorizada e não reduzida a um fator de exclusão.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) contribui significativamente para a análise da narrativa ao discutir como as construções sociais moldam as identidades. Beauvoir argumenta que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 267), destacando que a identidade é um processo em constante construção. Essa ideia pode ser transposta para a protagonista de "Serei Sereia?", que não nasce com uma identidade definida, mas a constrói a partir de suas vivências e interações. O impacto no leitor é profundo, pois a narrativa provoca uma reflexão sobre como as identidades são moldadas e sobre o papel do indivíduo na ressignificação de sua própria existência.

A literatura infantojuvenil tem o potencial de sensibilizar e educar para a diversidade. Ao apresentar uma protagonista com deficiência, "Serei Sereia?" possibilita que crianças e jovens desenvolvam empatia e compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência no cotidiano. De acordo com Vygotsky (1934), a interação social é essencial para o desenvolvimento da subjetividade e do aprendizado. O autor destaca que "o meio social não é apenas um cenário no qual ocorre o desenvolvimento, mas um fator ativo na formação da consciência individual" (VYGOTSKY, 1934, p. 44). Assim, a literatura se torna uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e transformar percepções sobre a diversidade.

A relação entre literatura e inclusão social reforça a importância das narrativas na formação dos leitores. Candido (2006) argumenta que "a literatura permite ao indivíduo compreender o outro e a si mesmo, promovendo um sentido ampliado de pertencimento e humanidade" (CANDIDO, 2006, p. 62). Nesse contexto, "Serei Sereia?" não apenas representa a realidade de muitos indivíduos marginalizados, mas também oferece uma perspectiva crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam a exclusão. Dessa forma, a leitura da obra impacta o leitor ao proporcionar uma imersão na experiência da protagonista e ao incentivar a reflexão sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva.

A análise existencialista da obra evidencia que a identidade de Inaê não é definida por sua deficiência, mas sim pelas escolhas que ela faz ao longo da narrativa. Sartre (1943) reforça que "o

homem está condenado a ser livre" (SARTRE, 1943, p. 55), ou seja, cada indivíduo é responsável por definir seu próprio caminho. Essa reflexão é fundamental para o leitor, pois enfatiza a importância da autonomia na construção da identidade e da ressignificação das adversidades. A literatura, portanto, atua como um canal para a expressão da liberdade individual e para o fortalecimento da subjetividade.

Diante disso, torna-se evidente que "Serei Sereia?" possui um impacto significativo no leitor ao abordar questões existencialistas e de inclusão social. A obra não apenas reflete as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, mas também propõe uma nova forma de enxergar a identidade e a liberdade. A literatura, enquanto espaço de reflexão e transformação, reafirma seu papel essencial na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, o estudo da narrativa sob a ótica filosófica permite compreender sua relevância para o campo educacional e para o desenvolvimento da empatia e da consciência crítica dos leitores.

A literatura desempenha um papel fundamental na construção de subjetividades e na promoção da inclusão social. A obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro insere-se nesse contexto ao apresentar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que busca construir sua identidade em uma sociedade excludente. A análise dessa narrativa sob a ótica existencialista permite compreender as implicações filosóficas de sua jornada e os impactos dessa reflexão no leitor. Segundo Candido (2006), "a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também contribui para sua transformação ao permitir que os leitores se sensibilizem e desenvolvam um olhar crítico sobre as desigualdades" (CANDIDO, 2006, p. 39). Dessa forma, a obra não se limita ao entretenimento, mas se estabelece como um instrumento de formação cidadã e crítica. Essa função social da literatura reforça seu papel transformador, pois ao representar a diversidade, possibilita ao leitor ampliar sua compreensão sobre diferentes realidades e vivências (Candido, 2006).

O pensamento existencialista, especialmente na concepção de Jean-Paul Sartre, enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pela própria existência. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", ou seja, não há uma identidade pré-determinada; cada indivíduo a constrói por meio de suas escolhas e vivências (SARTRE, 1943, p. 28). Essa perspectiva se faz presente na narrativa de Inaê, que desafia as limitações impostas pelo meio e busca a construção de sua própria identidade. Essa reflexão torna-se essencial para o leitor, pois reforça a ideia de que a subjetividade é fruto das experiências e escolhas de cada indivíduo (Sartre, 1943). A literatura, ao explorar essas questões, proporciona um espaço para a reflexão sobre a autonomia e a autodeterminação, permitindo que o leitor compreenda a importância da liberdade na construção da identidade.

A educação inclusiva, enquanto concepção pedagógica contemporânea, reforça a necessidade de transformar práticas educacionais para garantir a equidade e a valorização das diferenças. Para Mantoan (2003), a inclusão "não se trata apenas de inserir o aluno com deficiência na escola regular, mas de criar um ambiente em que todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas" (MANTOAN, 2003, p. 76). Nesse sentido, a obra de Kely de Castro pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para fomentar discussões sobre acessibilidade, respeito e diversidade. O impacto no leitor, portanto, extrapola o campo da literatura, pois contribui para a formação de uma consciência crítica e empática em relação às questões sociais. Dessa forma, a literatura pode ser compreendida como um instrumento de transformação social ao promover o debate sobre inclusão e igualdade (Mantoan, 2003).

A trajetória de Inaê na narrativa simboliza a busca pela identidade em um mundo que impõe barreiras físicas e simbólicas. Merleau-Ponty (1945) destaca que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio pelo qual experienciamos a realidade" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 56). Essa perspectiva se reflete na experiência da protagonista, que precisa lidar com os desafios de sua deficiência e, ao mesmo tempo, com a maneira como a sociedade a enxerga. Assim, a literatura se torna um espelho para a realidade, permitindo que o leitor compreenda as complexidades envolvidas na vivência de pessoas com deficiência. Ao proporcionar essa reflexão, a narrativa contribui para uma maior sensibilização e compreensão sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e acessível (Merleau-Ponty, 1945).

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) contribui significativamente para a análise da narrativa ao discutir como as construções sociais moldam as identidades. Beauvoir argumenta que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 267), destacando que a identidade é um processo em constante construção. Essa ideia pode ser transposta para a protagonista de "Serei Sereia?", que não nasce com uma identidade definida, mas a constrói a partir de suas vivências e interações. O impacto no leitor é profundo, pois a narrativa provoca uma reflexão sobre como as identidades são moldadas e sobre o papel do indivíduo na ressignificação de sua própria existência. Dessa forma, a obra dialoga com questões de gênero e representação social, reforçando a importância da literatura na desconstrução de estereótipos e na ampliação das possibilidades de ser (Beauvoir, 1949).

A literatura infantojuvenil tem o potencial de sensibilizar e educar para a diversidade. Ao apresentar uma protagonista com deficiência, "Serei Sereia?" possibilita que crianças e jovens desenvolvam empatia e compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência no

cotidiano. De acordo com Vygotsky (1934), a interação social é essencial para o desenvolvimento da subjetividade e do aprendizado. O autor destaca que "o meio social não é apenas um cenário no qual ocorre o desenvolvimento, mas um fator ativo na formação da consciência individual" (VYGOTSKY, 1934, p. 44). Assim, a literatura se torna uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e transformar percepções sobre a diversidade. Por meio dessa interação entre leitor e narrativa, ocorre uma ampliação da compreensão sobre as questões de acessibilidade e empatia (Vygotsky, 1934).

A literatura desempenha um papel fundamental na construção de subjetividades e na promoção da inclusão social. A obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro insere-se nesse contexto ao apresentar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física que busca construir sua identidade em uma sociedade excludente. A análise dessa narrativa sob a ótica existencialista permite compreender as implicações filosóficas de sua jornada e os impactos dessa reflexão no leitor. Segundo Candido (2006), "a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também contribui para sua transformação ao permitir que os leitores se sensibilizem e desenvolvam um olhar crítico sobre as desigualdades" (CANDIDO, 2006, p. 39). Dessa forma, a obra não se limita ao entretenimento, mas se estabelece como um instrumento de formação cidadã e crítica.

"A literatura é um reflexo da sociedade, mas também um meio pelo qual ela pode ser transformada" (CANDIDO, 2006, p. 42). Essa afirmação reforça a importância de obras que abordam temas de inclusão social e existencialismo, permitindo ao leitor uma reflexão aprofundada sobre sua própria identidade e sobre as estruturas sociais que o cercam.

O pensamento existencialista, especialmente na concepção de Jean-Paul Sartre, enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pela própria existência. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", ou seja, não há uma identidade pré-determinada; cada indivíduo a constrói por meio de suas escolhas e vivências (SARTRE, 1943, p. 28). A protagonista de "Serei Sereia?" reflete essa perspectiva ao não se limitar à sua condição física, mas ao construir sua própria essência a partir das experiências que vivencia. Essa construção identitária evidencia o impacto da obra no leitor, pois permite que ele compreenda a necessidade da autonomia na busca pelo autoconhecimento e pela afirmação no mundo.

"O homem está condenado a ser livre, pois, uma vez no mundo, ele é responsável por tudo que faz" (SARTRE, 1943, p. 55). Essa perspectiva evidencia a importância da autonomia e da responsabilidade na construção da identidade, permitindo ao leitor uma reflexão sobre suas próprias escolhas e desafios na vida cotidiana.

A educação inclusiva, enquanto concepção pedagógica contemporânea, reforça a necessidade de transformar práticas educacionais para garantir a equidade e a valorização das diferenças. Para Mantoan (2003), a inclusão "não se trata apenas de inserir o aluno com deficiência na escola regular, mas de criar um ambiente em que todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas" (MANTOAN, 2003, p. 76). Nesse sentido, a obra de Kely de Castro pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para fomentar discussões sobre acessibilidade, respeito e diversidade. O impacto no leitor, portanto, extrapola o campo da literatura, pois contribui para a formação de uma consciência crítica e empática em relação às questões sociais.

"A verdadeira inclusão ocorre quando todas as barreiras são eliminadas e a diversidade passa a ser um valor essencial na educação" (MANTOAN, 2003, p. 79). Essa abordagem destaca o papel da literatura na promoção de valores inclusivos e na desconstrução de preconceitos que limitam o desenvolvimento social e individual.

CAPITULO III

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia deste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, cujo objetivo é analisar a obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro sob a perspectiva do existencialismo filosófico, correlacionando a literatura com a inclusão social. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos complexos e subjetivos, explorando o significado das experiências humanas e suas relações com o meio. Assim, a metodologia adotada neste estudo permite aprofundar a análise dos elementos narrativos e filosóficos presentes na obra, enfatizando a construção da identidade da protagonista e os desafios impostos pelo contexto social excludente.

A escolha da pesquisa qualitativa justifica-se pela necessidade de examinar aspectos subjetivos da narrativa, como a percepção da personagem sobre si mesma e o impacto das relações sociais na sua identidade. De acordo com Flick (2009), "a pesquisa qualitativa não busca generalizações estatísticas, mas interpretações aprofundadas dos fenômenos estudados" (p. 17). Dessa forma, o presente estudo não pretende quantificar dados, mas compreender, por meio de uma análise detalhada, como a trajetória de Inaê reflete o processo de construção da identidade e de enfrentamento das adversidades impostas pela deficiência e pelo preconceito social.

Para estruturar a análise, utilizou-se o método hermenêutico, que visa interpretar textos e discursos sob uma ótica crítica e reflexiva. Segundo Ricoeur (1986), "a hermenêutica é um processo de compreensão que transcende a simples leitura do texto, envolvendo a contextualização e a reconstrução dos sentidos subjacentes" (p. 49). Nesse sentido, a análise da obra de Kely de Castro não se restringe à interpretação literal da narrativa, mas busca correlacioná-la com conceitos existencialistas e com os princípios da educação inclusiva, estabelecendo conexões entre a ficção e a realidade social.

A interpretação da narrativa baseia-se nos pressupostos filosóficos do existencialismo, principalmente nas ideias de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty. Sartre (1943) argumenta que "a existência precede a essência" (p. 25), indicando que o ser humano constrói sua identidade a partir das escolhas que faz. Assim, a trajetória de Inaê é analisada sob essa ótica, evidenciando como a protagonista afirma sua individualidade e enfrenta os desafios impostos pela

sociedade. Essa abordagem permite compreender como a literatura pode ser um instrumento para discutir a liberdade e a responsabilidade na construção da identidade.

A pesquisa também adota uma abordagem interdisciplinar, considerando os aspectos filosóficos, pedagógicos e sociais da narrativa. Segundo Gatti (2004), "a pesquisa em educação deve articular diferentes campos do conhecimento para compreender a complexidade das práticas educativas" (p. 112). A análise da obra, portanto, integra elementos da teoria literária, da filosofia existencialista e das políticas educacionais inclusivas, permitindo uma reflexão ampla sobre o papel da literatura na formação de uma consciência social mais inclusiva.

O corpus da pesquisa é constituído exclusivamente pela obra "Serei Sereia?", sendo analisado com base em categorias temáticas previamente estabelecidas. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo permite "identificar padrões, significados e estruturas narrativas que revelam as intenções do autor e os impactos da obra sobre os leitores" (p. 89). Nesse contexto, a narrativa será examinada a partir das seguintes categorias: identidade e corporeidade; exclusão e pertencimento; liberdade e construção da subjetividade.

A primeira categoria, identidade e corporeidade, fundamenta-se na teoria de Merleau-Ponty (1945), que enfatiza a relação entre corpo e percepção do mundo. "O corpo não é um objeto no mundo, mas o meio pelo qual nos relacionamos com ele" (Merleau-Ponty, 1945, p. 126). A análise dessa categoria busca compreender como a protagonista percebe sua deficiência e como essa percepção influencia sua interação com o ambiente e com os outros personagens da história.

A segunda categoria, exclusão e pertencimento, dialoga com as reflexões de Beauvoir (1949) sobre a opressão das diferenças. Segundo a autora, "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), um conceito que pode ser ampliado para a análise da personagem Inaê, que precisa afirmar sua existência em um mundo que não a reconhece plenamente. Essa categoria investiga os desafios impostos pela sociedade à personagem e as estratégias que ela adota para conquistar seu espaço.

A terceira categoria, liberdade e construção da subjetividade, baseia-se no pensamento de Sartre (1943), que argumenta que "o ser humano é condenado a ser livre" (p. 35). A análise dessa categoria explora como Inaê exerce sua liberdade e enfrenta as barreiras impostas pela sociedade, destacando o papel da autonomia na definição de sua identidade.

A pesquisa se apoia em fontes bibliográficas para embasar teoricamente a discussão, garantindo um embasamento sólido para as análises. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), "a pesquisa bibliográfica é essencial para situar o estudo no contexto acadêmico e estabelecer relações com outras investigações sobre o tema" (p. 72). Nesse sentido, foram utilizadas obras fundamentais

sobre existencialismo, literatura e inclusão social, além de artigos científicos e documentos educacionais oficiais.

A coleta de dados foi realizada por meio da leitura analítica da obra, considerando os elementos narrativos e filosóficos relevantes para o estudo. Segundo Gil (2010), "a leitura analítica é um procedimento metodológico que permite extrair informações essenciais de um texto e relacioná-las com os objetivos da pesquisa" (p. 95). A leitura foi realizada de forma sistemática, identificando trechos que evidenciam a construção da identidade da protagonista e sua relação com o contexto social.

A interpretação dos dados foi feita de forma crítica e reflexiva, buscando relacionar a análise literária com os conceitos filosóficos e pedagógicos discutidos ao longo da pesquisa. Conforme Demo (2000), "a interpretação crítica dos dados é fundamental para que a pesquisa não se limite à descrição dos fenômenos, mas contribua para sua compreensão e transformação" (p. 49). Dessa forma, a análise não se restringe ao conteúdo da obra, mas amplia o debate para questões educacionais e sociais mais amplas.

A metodologia adotada também considera os princípios éticos da pesquisa acadêmica, garantindo a fidedignidade das fontes e o rigor na análise dos dados. Segundo Severino (2013), "a ética na pesquisa exige compromisso com a verdade, respeito às fontes e responsabilidade na interpretação dos resultados" (p. 32). Assim, todas as referências utilizadas foram devidamente citadas conforme as normas da ABNT, assegurando a integridade acadêmica do estudo.

A análise dos resultados será apresentada em seções temáticas, discutindo as principais reflexões extraídas da obra "Serei Sereia?" à luz do existencialismo e da educação inclusiva. De acordo com Triviños (1987), "a organização dos resultados em categorias temáticas permite estruturar a análise de forma clara e coerente" (p. 119). Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para a compreensão do papel da literatura na promoção da inclusão social e no desenvolvimento da subjetividade.

Por fim, cabe destacar que a metodologia adotada possibilita uma investigação aprofundada do tema, fornecendo subsídios para futuras pesquisas na área. Conforme Yin (2005), "a pesquisa qualitativa deve ser projetada de modo a permitir a replicação dos métodos em estudos subsequentes" (p. 87). Assim, este trabalho não apenas contribui para o debate acadêmico sobre literatura e inclusão, mas também abre caminhos para novas investigações sobre o impacto das narrativas literárias na construção da identidade e na luta por reconhecimento social.

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se na análise qualitativa de caráter interpretativo, a fim de compreender as relações entre literatura e inclusão social sob a perspectiva existencialista. Para tanto, optou-se por um estudo bibliográfico, com base em referenciais teóricos sobre educação inclusiva, literatura infantojuvenil e existencialismo. Segundo Gil (2008, p. 44), "a pesquisa bibliográfica permite uma ampla compreensão do fenômeno estudado, pois se baseia em materiais já elaborados, como livros, artigos científicos e documentos oficiais". Assim, este trabalho visa integrar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas para analisar a construção identitária da personagem Inaê na obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro.

A análise qualitativa é adequada para este estudo, pois busca compreender os significados e interpretações construídas pelos sujeitos na realidade social. De acordo com Minayo (2001, p. 21), "a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que permite captar a complexidade dos fenômenos humanos". Dessa forma, a abordagem adotada possibilita uma investigação aprofundada sobre as implicações da literatura na formação de uma consciência inclusiva.

Além disso, a pesquisa qualitativa permite a interseção entre literatura e filosofia, essencial para a compreensão da identidade da protagonista da obra. Conforme Lakatos e Marconi (2010), a metodologia qualitativa proporciona uma análise mais detalhada dos aspectos subjetivos presentes na narrativa literária, permitindo uma reflexão crítica sobre a realidade vivida pelos personagens e seu impacto na sociedade. Dessa maneira, a abordagem existencialista adotada permite uma interpretação mais ampla da jornada da personagem, destacando os desafios enfrentados e as transformações vivenciadas ao longo da história.

A fundamentação filosófica do existencialismo, especialmente nas obras de Sartre (1943) e Beauvoir (1949), é imprescindível para a análise da identidade da protagonista. Sartre (1943, p. 55) afirma que "a existência precede a essência", ou seja, o indivíduo constrói sua identidade por meio de suas escolhas e experiências. Inaê, ao longo da narrativa, vivencia essa construção identitária ao enfrentar os desafios impostos pela sociedade e ao buscar a afirmação de sua subjetividade. Esse processo de autoconstrução revela a complexidade da identidade e a influência das relações sociais na formação do ser.

Ao considerar a literatura como um instrumento de reflexão e transformação social, faz-se necessário abordar sua relação com a inclusão educacional. Segundo Candido (2006), a literatura desempenha um papel fundamental na formação do pensamento crítico e na ampliação da percepção

de mundo dos leitores. Desse modo, a análise de *Serei Sereia?* sob a ótica da inclusão social possibilita uma reflexão sobre a importância da representatividade e da diversidade nas narrativas infantojuvenis.

A escolha da obra *Serei Sereia?* justifica-se pelo fato de a narrativa apresentar uma protagonista que desafia as normas sociais estabelecidas, promovendo um debate sobre a acessibilidade e a aceitação das diferenças. Para Mantoan (2003), a inclusão não se restringe ao acesso à educação, mas envolve uma mudança cultural que reconheça e valorize a diversidade humana. Nesse sentido, a análise da trajetória de Inaê possibilita uma compreensão mais ampla sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência no contexto social.

Além disso, a pesquisa incorpora a perspectiva da corporeidade, conforme discutida por Merleau-Ponty (1945). Para o autor, "o corpo é nosso meio de comunicação com o mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 160), o que reforça a importância da análise da experiência vivida por Inaê e sua relação com o espaço social. A literatura, ao retratar corpos marginalizados, contribui para a construção de novas narrativas que desafiam os padrões normativos e promovem a inclusão.

Outro aspecto relevante da metodologia é a análise da influência social na construção da identidade da personagem. Para Vygotsky (1934), a mediação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos. No caso de Inaê, a presença de figuras de apoio, como sua mãe, desempenha um papel crucial na construção de sua autoestima e autonomia. Essa relação reforça a importância da interação social na formação da subjetividade e na superação dos desafios impostos pela exclusão.

A pesquisa também dialoga com os princípios da educação inclusiva estabelecidos pelo Ministério da Educação. Segundo Brasil (2008), "a educação inclusiva é um direito de todos e deve ser pautada na valorização das diferenças" (Brasil, 2008, p. 12). Dessa forma, o estudo da obra de Kely de Castro sob essa perspectiva possibilita uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e a necessidade de políticas públicas que garantam a inclusão efetiva de estudantes com deficiência.

A literatura infantojuvenil desempenha um papel significativo na construção de valores e na sensibilização para a diversidade. De acordo com Coelho (2000), a literatura infantil tem o potencial de provocar reflexões profundas e estimular a empatia nos leitores. Assim, a análise da trajetória de Inaê contribui para a compreensão dos desafios enfrentados por crianças com deficiência e para a valorização da diversidade na sociedade.

Diante do exposto, a metodologia adotada neste estudo visa estabelecer um diálogo entre literatura, filosofia e educação inclusiva, promovendo uma análise interdisciplinar da obra *Serei Sereia?*. A abordagem qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos processos identitários

e das relações sociais representadas na narrativa, contribuindo para o debate sobre a inclusão e a representatividade na literatura infantojuvenil.

Por fim, a escolha de um referencial teórico que contempla diferentes perspectivas – filosófica, educacional e literária – fortalece a argumentação e a relevância deste estudo. A literatura, enquanto forma de expressão artística e social, desempenha um papel crucial na construção de subjetividades e na promoção da inclusão. Portanto, a análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista contribui para a ampliação do debate sobre identidade, corporeidade e diversidade no contexto educacional e social.

A pesquisa proposta se insere no campo da literatura e da inclusão social, tendo como objetivo a análise da obra *"Serei Sereia?"* de Kely de Castro sob a perspectiva do existencialismo. Para isso, o presente estudo adota uma metodologia qualitativa, uma vez que busca compreender as experiências e subjetividades da personagem principal, bem como sua relação com a realidade que a cerca. Segundo Minayo (2001, p. 21), "a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". Dessa forma, ao investigar a construção da identidade da protagonista por meio da literatura, esta pesquisa se alinha com a abordagem qualitativa e interpretativa.

A escolha da abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de analisar os elementos subjetivos da narrativa, sobretudo no que tange à identidade da personagem e à sua relação com a sociedade. De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa possibilita uma compreensão profunda dos fenômenos sociais, pois leva em conta o contexto e as experiências individuais dos sujeitos. Nesse sentido, ao estudar como a protagonista constrói sua identidade em um ambiente excludente, o presente estudo explora aspectos simbólicos e existenciais que ultrapassam a mera descrição dos fatos narrados. "A pesquisa qualitativa permite compreender processos e relações sociais de forma complexa, sem reduzi-los a simples categorias estatísticas" (Flick, 2009, p. 35).

O método adotado nesta pesquisa é o de análise de conteúdo, o qual, segundo Bardin (2011, p. 42), "consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, descrições do conteúdo das mensagens". Assim, a obra *"Serei Sereia?"* será analisada a partir de categorias temáticas, como identidade, existencialismo e inclusão social, buscando compreender as implicações filosóficas e educacionais presentes na narrativa. Segundo Krippendorff (2013), a análise de conteúdo permite identificar padrões e relações nos textos analisados, contribuindo para uma interpretação mais aprofundada dos dados.

A escolha da obra "Serei Sereia?" se deve às suas potencialidades enquanto instrumento de reflexão sobre identidade e inclusão social. Segundo Candido (2006), a literatura desempenha um papel fundamental na formação do sujeito, pois permite ao leitor experienciar diferentes realidades e perspectivas. "A literatura tem o poder de humanizar, de permitir que os leitores se identifiquem com personagens e situações diversas, ampliando sua compreensão do mundo" (Candido, 2006, p. 18). Dessa maneira, a análise da obra sob a ótica existencialista permite uma reflexão aprofundada sobre as questões identitárias e os desafios da inclusão.

Para a coleta de dados, será realizada uma leitura crítica e interpretativa da obra, baseada na perspectiva filosófica existencialista e nos conceitos de educação inclusiva. Segundo Sartre (1943, p. 52), "a existência precede a essência, e o homem é responsável pelo que faz de si mesmo". Esse pensamento será utilizado como base para compreender como a personagem principal de "Serei Sereia?" constrói sua identidade em um contexto social excludente. Além disso, serão explorados os conceitos de corporeidade, segundo Merleau-Ponty (1945), e os princípios da educação inclusiva, conforme Mantoan (2003).

A triangulação teórica será utilizada como estratégia metodológica para garantir uma análise aprofundada e multifacetada do objeto de estudo. Segundo Denzin (1989, p. 76), "a triangulação permite uma maior consistência na análise dos dados, pois confronta diferentes perspectivas teóricas para obter uma visão mais ampla do fenômeno estudado". Dessa forma, a pesquisa integrará perspectivas filosóficas, educacionais e literárias para uma compreensão mais robusta da narrativa e de suas implicações para a inclusão social.

A discussão dos resultados será fundamentada na literatura especializada, permitindo um diálogo entre os achados da pesquisa e os referenciais teóricos adotados. Segundo Gil (2008), a discussão dos resultados é uma etapa essencial da pesquisa, pois possibilita a interpretação crítica dos dados coletados e sua relação com o referencial teórico. "A análise crítica dos resultados permite identificar tendências e inferir implicações teóricas e práticas do fenômeno estudado" (Gil, 2008, p. 109).

A metodologia adotada se justifica pela necessidade de compreender os processos de construção da identidade e os desafios da inclusão social a partir de uma abordagem interpretativa. Assim, a pesquisa contribuirá para o debate acadêmico sobre a relação entre literatura, identidade e educação inclusiva, fornecendo subsídios para futuras investigações sobre o tema. Conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa permite a construção de conhecimentos mais contextualizados e aprofundados, contribuindo para a compreensão crítica da realidade estudada.

.

.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa apresenta um percurso metodológico estruturado para a análise da obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro sob a perspectiva do existencialismo e da inclusão social. A escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender como a protagonista, Inaê, constrói sua identidade e sua relação com o mundo a partir de uma abordagem filosófica e literária. Segundo Severino (2007), "o delineamento da pesquisa é o elemento que confere rigor e coerência ao estudo, garantindo que os objetivos sejam atingidos de forma sistemática" (p. 89). Assim, a presente investigação se fundamenta em uma abordagem qualitativa, descritivo-analítica, pautada na interpretação crítica da literatura enquanto instrumento de transformação social.

A pesquisa qualitativa se justifica por seu caráter interpretativo, permitindo uma análise aprofundada das experiências vivenciadas pela personagem e sua relação com o contexto social excludente. Conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa "é um meio de compreender significados, experiências e interações dentro de um contexto social específico" (p. 42). Desse modo, a investigação propõe-se a examinar as formas como a literatura pode contribuir para a construção de uma consciência inclusiva, destacando as implicações filosóficas e educacionais do texto literário.

O corpus da pesquisa é composto exclusivamente pela obra "Serei Sereia?", sendo a análise ancorada em referenciais teóricos da filosofia existencialista, da literatura e da educação inclusiva. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo "possibilita a extração de sentidos e a organização sistemática dos dados, permitindo a identificação de padrões e categorias de interpretação" (p. 128). A partir dessa metodologia, serão explorados elementos como a caracterização da protagonista, sua relação com os outros personagens e os desafios enfrentados em um ambiente social que impõe barreiras à sua existência.

A escolha do existencialismo como referencial teórico se dá pela sua ênfase na liberdade, responsabilidade e construção da identidade. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência", destacando que o indivíduo não nasce com um destino pré-determinado, mas constrói sua essência por meio de suas escolhas (p. 18). Essa perspectiva será aplicada na análise da trajetória de Inaê, investigando como suas experiências moldam sua percepção de si mesma e do mundo ao seu redor.

A pesquisa também dialoga com a filosofia de Simone de Beauvoir (1949), especialmente no que se refere à opressão social imposta às minorias. A autora afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), um conceito que pode ser transposto para a experiência da protagonista, que não é definida apenas por sua deficiência, mas pela maneira como resignifica sua identidade. Essa abordagem permite uma reflexão sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência na construção de sua autonomia e pertencimento social.

Além da abordagem filosófica, o estudo fundamenta-se em conceitos da educação inclusiva, destacando a importância da valorização das diferenças no ambiente escolar. Segundo Mantoan (2003), "a inclusão não se limita a garantir o acesso à escola, mas implica transformar práticas pedagógicas para atender à diversidade" (p. 54). A análise da obra literária sob esse viés permite evidenciar como a literatura pode ser utilizada como um recurso didático para fomentar a empatia e o respeito às diferenças.

A literatura, enquanto instrumento de formação crítica, possui um papel fundamental na construção de subjetividades. Candido (2006) ressalta que "a literatura humaniza ao permitir que o leitor entre em contato com realidades diversas, ampliando sua compreensão sobre o outro" (p. 83). A trajetória de Inaê na narrativa reflete a experiência de muitas crianças com deficiência, proporcionando uma reflexão sobre as barreiras impostas pela sociedade e a necessidade de sua superação.

A metodologia utilizada envolve a análise hermenêutica da obra, compreendendo a interpretação dos sentidos e significados presentes na narrativa. Segundo Gadamer (1999), "a hermenêutica permite compreender os textos a partir de sua historicidade, estabelecendo diálogos entre passado e presente" (p. 112). Dessa forma, a interpretação da trajetória de Inaê será contextualizada dentro dos debates contemporâneos sobre inclusão e identidade.

A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, conectando literatura, filosofia e educação, a fim de oferecer uma compreensão ampla e aprofundada da temática. Como destaca Moran (2013), "a interdisciplinaridade possibilita um olhar mais abrangente sobre os fenômenos, promovendo uma análise mais rica e significativa" (p. 76). Essa perspectiva enriquece a investigação ao permitir que diferentes campos do conhecimento contribuam para a compreensão da obra analisada.

O estudo também se ampara nos conceitos de corporeidade desenvolvidos por Merleau-Ponty (1945), que enfatiza que "o corpo não é um objeto, mas uma forma de estar no mundo" (p. 87). Essa abordagem é fundamental para analisar como a deficiência de Inaê influencia sua percepção da realidade e sua interação com os outros personagens.

A literatura infantojuvenil, ao abordar temas como a inclusão e a diversidade, desempenha um papel essencial na formação cidadã. Segundo Zilberman (2005), "a literatura para crianças e jovens deve ser compreendida não apenas como entretenimento, mas como um espaço de reflexão sobre valores e questões sociais" (p. 98). Nesse sentido, "Serei Sereia?" constitui-se como uma narrativa potente para a sensibilização sobre a inclusão de pessoas com deficiência.

A análise da construção da identidade da protagonista perpassa a relação entre o indivíduo e a sociedade. Foucault (1975) aponta que "as estruturas de poder moldam os corpos e subjetividades, determinando as possibilidades de existência" (p. 63). Essa perspectiva auxilia na compreensão dos desafios enfrentados por Inaê ao longo da trama e das formas como ela resiste às imposições sociais.

Ao utilizar a literatura como um meio de problematização da realidade, a pesquisa reforça a importância das narrativas na construção de novos olhares sobre a inclusão. Segundo Paulo Freire (1987), "a educação deve ser um ato de libertação, promovendo a tomada de consciência e a transformação social" (p. 45). Dessa forma, o estudo evidencia o potencial da literatura em ampliar as possibilidades de reflexão sobre as diferenças.

O caráter simbólico da obra permite que diferentes públicos se identifiquem com a jornada da protagonista. Barthes (1977) argumenta que "o texto literário é um tecido de significados que se reconfiguram conforme a leitura" (p. 56), demonstrando que a interpretação da narrativa pode variar conforme a perspectiva do leitor. Esse aspecto reforça a relevância da obra no debate sobre inclusão e identidade.

Por fim, a pesquisa visa contribuir para os estudos interdisciplinares sobre literatura e inclusão, destacando a necessidade de fortalecer o papel da literatura no contexto educacional. Ao analisar "Serei Sereia?" sob a ótica existencialista e inclusiva, busca-se fomentar novas discussões sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência e as possibilidades de transformação social proporcionadas pelo discurso literário.

A pesquisa sobre literatura e inclusão social revela-se um campo essencial para a compreensão das dinâmicas sociais que envolvem a diversidade e a equidade educacional. A análise da obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro, sob a perspectiva existencialista, permite discutir como a literatura infantojuvenil pode contribuir para a construção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. Nesse contexto, a educação inclusiva emerge como um princípio fundamental que busca assegurar oportunidades iguais para todos, promovendo a valorização das diferenças (Mantoan, 2003).

A narrativa protagonizada por Inaê, uma menina com deficiência física, ilustra os desafios enfrentados por indivíduos que vivem à margem de uma sociedade excludente. Sartre (1943) enfatiza que "a existência precede a essência" (p. 21), o que implica que a identidade da protagonista é moldada não por uma condição preestabelecida, mas por suas escolhas e experiências. Dessa forma, a personagem se constrói em um contexto social que muitas vezes a relega à invisibilidade. A relação entre literatura e formação identitária é ressaltada por Candido (2006), que destaca a literatura como um espaço de humanização, permitindo que diferentes perspectivas e subjetividades sejam reconhecidas e valorizadas.

Nesse sentido, a literatura infantojuvenil não apenas reflete, mas também intervém na realidade social, possibilitando reflexões sobre a inclusão e a acessibilidade. Para Merleau-Ponty (1945), "o corpo é o primeiro meio pelo qual nos situamos no mundo" (p. 89), o que reforça a importância da corporeidade na construção do sujeito. Em *Serei Sereia?*, a protagonista experimenta essa relação entre corpo e identidade ao enfrentar barreiras impostas tanto pelo meio físico quanto pelas representações sociais que a cercam. A literatura, ao dar voz a personagens que vivem essas experiências, desempenha um papel educativo e transformador na formação da consciência coletiva.

A relação entre existencialismo e inclusão social também pode ser compreendida à luz da filosofia de Simone de Beauvoir. A autora afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), uma reflexão que pode ser ampliada para pensar as dinâmicas de opressão que recaem sobre indivíduos com deficiência. Em *Serei Sereia?*, Inaê não nasce com um destino predeterminado, mas enfrenta desafios e constrói sua própria existência a partir das interações sociais que estabelece. Nesse sentido, a educação inclusiva deve ir além da adaptação curricular e estrutural, promovendo um olhar crítico sobre os processos de exclusão e marginalização (Mantoan, 2003).

A influência do meio social na formação do sujeito é um dos princípios centrais da psicologia histórico-cultural de Lev Vygotsky. Para o autor, "o desenvolvimento do indivíduo está intimamente relacionado à mediação social" (Vygotsky, 1934, p. 58), o que evidencia a importância da interação na construção da subjetividade. No caso de Inaê, a relação com sua mãe e com outras figuras sociais contribui para sua autoaceitação e para sua compreensão sobre o mundo. Assim, a literatura pode ser vista como uma ferramenta de mediação que permite ao leitor vivenciar, ainda que simbolicamente, realidades distintas das suas.

Diante desse panorama, a educação inclusiva deve ser entendida como um processo dinâmico, que exige transformações estruturais na cultura escolar. De acordo com a legislação brasileira, "toda pessoa tem o direito de acesso à educação" e "a educação inclusiva diz respeito a todos" (Brasil, 2008,

p. 32), reforçando o caráter universal desse princípio. A literatura, ao promover uma sensibilização sobre a diversidade, torna-se um recurso valioso para a construção de um ambiente educacional mais equitativo.

Por fim, a abordagem existencialista aplicada à análise de *Serei Sereia?* permite explorar aspectos fundamentais da condição humana, destacando a liberdade, a responsabilidade e a construção da identidade. A literatura, ao promover reflexões sobre a existência e a inclusão, reafirma seu papel transformador dentro do campo educacional e social. Dessa forma, a presente pesquisa busca contribuir para o debate sobre a importância da literatura na educação inclusiva, evidenciando como as narrativas literárias podem atuar na formação de subjetividades e na construção de uma sociedade mais justa e plural.

O presente estudo insere-se na intersecção entre literatura e inclusão social, explorando a maneira como a ficção pode ser utilizada como instrumento pedagógico e filosófico para promover debates sobre identidade, existencialismo e pertencimento. Para tanto, parte-se do entendimento de que a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também a transforma ao oferecer espaço para a representação e a reflexão sobre grupos marginalizados (Candido, 2006). É dentro dessa perspectiva que a obra "*Serei Sereia?*", de Kely de Castro, é analisada sob a lente do existencialismo, abordando a construção da identidade de sua protagonista Inaê e sua relação com o mundo excludente que a cerca.

A narrativa de "*Serei Sereia?*" permite um aprofundamento na compreensão das experiências vividas por pessoas com deficiência, proporcionando uma abordagem sensível e filosófica sobre a identidade e a liberdade. Sartre (1943) postula que "a existência precede a essência" (p. 20), ou seja, o ser humano não nasce com uma essência predefinida, mas a constrói a partir de suas experiências. Esse conceito se aplica diretamente à trajetória de Inaê, que precisa construir sua própria identidade diante das barreiras sociais e culturais que a excluem. Além disso, a literatura tem o poder de evidenciar as tensões sociais existentes, trazendo para o centro do debate personagens que desafiam padrões normativos (Candido, 2006).

Nesse sentido, a relação entre a corporeidade e a percepção do mundo é outro ponto fundamental na discussão sobre a identidade da protagonista. Merleau-Ponty (1945) afirma que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio de acesso a ele" (p. 50). Essa perspectiva é essencial para compreender como a personagem se posiciona diante das limitações impostas não apenas por sua condição física, mas também pelo olhar social que a rodeia. Assim, a experiência de

Inaê pode ser compreendida como uma luta constante contra as normas sociais que restringem sua liberdade e a percepção de si mesma (Merleau-Ponty, 1945).

Dessa forma, a abordagem existencialista aplicada ao estudo de "Serei Sereia?" se configura como um meio de ampliar a discussão sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência. Simone de Beauvoir (1949) argumenta que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), o que pode ser transposto para a condição da protagonista, que precisa construir sua identidade de forma ativa e consciente. A literatura, ao apresentar trajetórias como a de Inaê, contribui para a desconstrução de paradigmas excludentes e para a valorização da diversidade humana (Beauvoir, 1949).

Além disso, a educação inclusiva desempenha um papel fundamental na forma como a sociedade compreende e valoriza as diferenças. De acordo com Mantoan (2003), a inclusão escolar "não se resume à inserção de alunos com deficiência no ambiente escolar, mas sim na transformação das práticas pedagógicas para atender a todos" (p. 45). A literatura, quando utilizada como ferramenta pedagógica, pode potencializar essa transformação, permitindo que os alunos reflitam sobre questões de identidade, pertencimento e desigualdade social (Mantoan, 2003).

Ao propor um diálogo entre a literatura e a educação inclusiva, este estudo ressalta a importância de ampliar o acesso a narrativas que promovam a reflexão sobre a diversidade. A análise de "Serei Sereia?" sob a perspectiva existencialista não apenas contribui para uma compreensão mais profunda da trajetória da protagonista, mas também reforça a necessidade de repensar as estruturas sociais que perpetuam a exclusão (Candido, 2006). Assim, este trabalho visa demonstrar como a literatura pode ser um instrumento poderoso na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Portanto, ao longo desta pesquisa, serão abordadas questões centrais relacionadas à identidade, liberdade e educação inclusiva, sempre fundamentadas em referências teóricas sólidas e contemporâneas. A partir da análise de "Serei Sereia?", busca-se compreender como a ficção pode ser uma ferramenta eficaz para promover discussões filosóficas e pedagógicas sobre a inclusão social. Dessa maneira, espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento do debate acadêmico e para a construção de estratégias mais eficazes de inclusão no âmbito educacional e social.

A literatura tem um papel fundamental na construção de subjetividades e na promoção da inclusão social, pois possibilita o contato com diferentes realidades e amplia a percepção sobre a diversidade humana (Candido, 2006). Ao analisar a obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro sob a perspectiva existencialista, percebe-se como a personagem Inaê, ao enfrentar os desafios impostos

por uma sociedade excludente, constrói sua identidade por meio de suas escolhas e experiências. Segundo Sartre (1943), "a existência precede a essência" (p. 28), o que implica que a protagonista não está determinada por sua condição física, mas pela maneira como age diante das circunstâncias. Essa reflexão ressalta a importância da literatura como instrumento pedagógico para desenvolver a empatia e o pensamento crítico sobre a inclusão.

A relação entre literatura e inclusão social também pode ser compreendida à luz das discussões de Beauvoir (1949), que enfatiza como as estruturas sociais impõem limitações aos indivíduos com base em diferenças atribuídas. "Não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), uma assertiva que pode ser aplicada à personagem, que não nasce definida por sua deficiência, mas a ressignifica ao longo de sua jornada. A literatura, portanto, ao apresentar narrativas que desafiam padrões normativos, contribui para repensar os processos de exclusão e reforçar a necessidade de uma educação inclusiva (Mantoan, 2003).

No contexto educacional, a inclusão vai além da presença física dos alunos em sala de aula, exigindo uma transformação na cultura e nas práticas pedagógicas (Mantoan, 2003). A narrativa de Inaê exemplifica os desafios de adaptação e superação que estudantes com deficiência frequentemente enfrentam. Conforme Vygotsky (1934), "o desenvolvimento do indivíduo ocorre por meio da interação social" (p. 88), o que indica que a presença de narrativas inclusivas no ensino pode favorecer a construção de um ambiente mais equitativo. Dessa forma, a literatura torna-se um meio eficaz para incentivar o respeito à diversidade e promover uma formação cidadã mais consciente e engajada.

A obra de Kely de Castro também pode ser analisada sob a perspectiva da corporeidade, conforme abordada por Merleau-Ponty (1945), que defende que o corpo é o meio pelo qual os indivíduos interagem com o mundo. "Nosso corpo é nosso meio de ter um mundo" (Merleau-Ponty, 1945, p. 206), o que ressalta como a percepção da realidade está diretamente ligada à experiência corpórea. No caso de Inaê, sua relação com o corpo é constantemente ressignificada, uma vez que enfrenta barreiras impostas pela sociedade. Essa abordagem reforça a necessidade de discutir a inclusão sob um viés mais amplo, que considere tanto os aspectos individuais quanto os estruturais da exclusão.

A literatura infantojuvenil tem se mostrado uma ferramenta poderosa para sensibilizar leitores sobre questões sociais e desenvolver a empatia desde a infância. Segundo Candido (2006), "a literatura humaniza porque permite ao leitor compreender a realidade do outro" (p. 45), o que evidencia seu papel na formação de indivíduos mais conscientes das desigualdades existentes. A

trajetória de Inaê, ao expor as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, amplia o debate sobre acessibilidade e direitos, tornando a discussão sobre inclusão mais acessível para o público jovem.

Dessa forma, a obra "Serei Sereia?" não apenas traz uma protagonista que desafia as barreiras da exclusão, mas também convida os leitores a refletirem sobre suas próprias percepções sobre normalidade e pertencimento. Essa abordagem é essencial para construir uma sociedade mais inclusiva, na qual as diferenças sejam valorizadas e respeitadas. A literatura, ao ser incorporada à prática educacional, pode atuar como um elemento transformador, promovendo mudanças concretas na forma como a inclusão é compreendida e vivenciada na sociedade.

3.2.1 Contexto da Pesquisa

A literatura, enquanto expressão artística e social, desempenha um papel fundamental na formação de subjetividades e na promoção de debates sobre inclusão. Nesse sentido, a obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro possibilita uma análise aprofundada sobre a construção da identidade de pessoas com deficiência em um contexto social excludente. Como enfatiza Candido (2006), "a literatura tem a função de humanizar o indivíduo, permitindo-lhe compreender realidades distintas e desenvolver empatia" (p. 29). Dessa maneira, a ficção literária pode ser um instrumento pedagógico poderoso para discutir temas como inclusão social e direitos das pessoas com deficiência.

Ao abordar a trajetória da protagonista Inaê, a obra se alinha a uma perspectiva existencialista, que enfatiza a liberdade e a responsabilidade do indivíduo na construção de sua identidade. Sartre (1943) afirma que "a existência precede a essência" (p. 22), ou seja, o ser humano não nasce com uma identidade fixa, mas a constrói ao longo da vida. Essa ideia reflete o percurso de Inaê, que precisa enfrentar preconceitos e barreiras sociais para afirmar sua existência de maneira autônoma. Assim, a literatura não apenas reflete a realidade, mas também a questiona e propõe novas formas de entendimento.

No campo da educação, a literatura se torna uma ferramenta essencial para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo. Segundo Mantoan (2003), "a inclusão não é apenas uma questão de acesso à escola, mas de garantir que todos os alunos tenham oportunidades reais de aprendizagem e participação" (p. 15). Ao utilizar a obra "Serei Sereia?" como recurso pedagógico, é possível estimular reflexões sobre a diversidade e sensibilizar os estudantes para a valorização das diferenças. Essa abordagem contribui para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A influência da corporeidade na construção da identidade também se destaca na narrativa de Inaê. Merleau-Ponty (1945) argumenta que "o corpo não é um objeto, mas o meio pelo qual experienciamos o mundo" (p. 67). Dessa forma, a experiência de Inaê em relação ao seu próprio corpo e à forma como é percebida pelos outros influencia diretamente sua identidade e sua relação com a sociedade. Essa discussão evidencia a necessidade de considerar a corporeidade como elemento central na formulação de políticas inclusivas.

A presença materna na trajetória de Inaê desempenha um papel crucial em sua jornada existencial. Vygotsky (1934) destaca que "o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação social e da mediação cultural" (p. 48). A mãe da protagonista atua como um suporte essencial, incentivando sua independência e reafirmando sua identidade frente às adversidades impostas pelo meio social. Essa relação reforça a importância do apoio familiar na formação da subjetividade e na superação dos desafios enfrentados por pessoas com deficiência.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) também se torna relevante para compreender a construção da identidade de Inaê. A autora afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), destacando que a identidade não é uma essência inata, mas um processo contínuo de construção. Esse pensamento pode ser transposto para a realidade da personagem, que, ao longo da narrativa, ressignifica sua condição e constrói sua própria identidade, desafiando as concepções tradicionais de normalidade e pertencimento.

No âmbito educacional, a literatura infantojuvenil tem um impacto significativo na formação da consciência crítica dos leitores. Candido (2006) ressalta que "a literatura é um direito universal, pois contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e do pensamento reflexivo" (p. 31). Dessa forma, ao abordar a experiência de uma protagonista com deficiência, "Serei Sereia?" possibilita que crianças e jovens compreendam as dificuldades enfrentadas por essas pessoas e desenvolvam empatia.

Além disso, a análise existencialista da obra permite explorar questões fundamentais sobre liberdade, escolha e responsabilidade. Sartre (1943) pontua que "o ser humano está condenado a ser livre, pois é responsável por todas as suas escolhas" (p. 56). Essa perspectiva se aplica à trajetória de Inaê, que, apesar das limitações impostas pela sociedade, busca afirmar sua existência de maneira autônoma. Essa abordagem filosófica amplia o entendimento sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e destaca a importância da autonomia na construção da identidade.

A interseção entre literatura e inclusão social também evidencia a necessidade de repensar as estruturas educacionais. Mantoan (2003) argumenta que "uma escola verdadeiramente inclusiva precisa rever suas práticas e adaptar-se às necessidades de todos os alunos" (p. 20). A utilização de

obras literárias que abordam a diversidade é uma estratégia eficiente para promover essa transformação, tornando a educação mais equitativa e significativa.

O estudo da obra "Serei Sereia?" no contexto escolar permite uma reflexão crítica sobre a inclusão e a acessibilidade. Segundo o Brasil (2008), "a educação inclusiva diz respeito a todos e deve garantir igualdade de condições para o aprendizado" (p. 12). Dessa forma, a leitura coletiva e compartilhada da narrativa pode contribuir para a formação de uma consciência social mais engajada com a valorização das diferenças.

Diante desse cenário, percebe-se que a literatura pode atuar como uma ferramenta de transformação social. Candido (2006) afirma que "a literatura tem o poder de dar voz aos que não têm, permitindo que suas histórias sejam conhecidas e valorizadas" (p. 45). Assim, ao trazer uma protagonista com deficiência, a obra de Kely de Castro se insere em um movimento mais amplo de visibilização das minorias e questionamento das normas sociais excludentes.

Em suma, a análise de "Serei Sereia?" sob a perspectiva existencialista contribui para um debate profundo sobre identidade, liberdade e inclusão. A literatura, ao oferecer representações plurais da experiência humana, reafirma seu papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma, a obra não apenas sensibiliza os leitores para as questões enfrentadas por pessoas com deficiência, mas também propõe uma reflexão crítica sobre o papel da educação e da cultura na promoção da diversidade.

A literatura, ao longo da história, tem desempenhado um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, funcionando como um espelho que reflete as diferentes formas de existência humana. Nesse sentido, a obra "Serei Sereia?", de Kely de Castro, oferece uma abordagem singular sobre inclusão social e identidade, dialogando diretamente com o pensamento existencialista. Segundo Candido (2006), a literatura não apenas entretém, mas também humaniza e amplia a visão de mundo dos leitores. Dessa forma, a análise dessa narrativa sob a ótica filosófica existencialista permite compreender como a protagonista constrói sua identidade em meio a uma sociedade que frequentemente marginaliza as diferenças.

Ao acompanhar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física, percebe-se como a narrativa ilustra as dificuldades impostas por uma estrutura social excludente. Sartre (1943) argumenta que "a existência precede a essência" (p. 23), enfatizando que o ser humano não nasce com uma identidade fixa, mas a constrói por meio de suas experiências e escolhas. Essa perspectiva existencialista é essencial para compreender a jornada da protagonista, que, ao enfrentar desafios e

tomar decisões, reafirma sua subjetividade e agência na construção de seu próprio significado existencial. Assim, a literatura se torna um espaço de resistência e questionamento das normas sociais.

Dessa forma, a ficção pode ser um instrumento poderoso na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma visão mais inclusiva da sociedade. Beauvoir (1949) destaca que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (p. 267), enfatizando a construção social da identidade. Esse pensamento pode ser aplicado à personagem Inaê, que não é definida apenas por sua deficiência, mas pelo modo como ressignifica sua condição dentro da sociedade. O processo de afirmação da protagonista evidencia como a literatura pode contribuir para a construção de uma consciência inclusiva, promovendo reflexões sobre pertencimento e alteridade.

A relação entre literatura e inclusão social é amplamente discutida por teóricos como Mantoan (2003), que destaca a necessidade de uma transformação estrutural na cultura e nas práticas pedagógicas para garantir o direito de todos à educação. Ao inserir narrativas que abordam a diversidade e a inclusão no ambiente escolar, amplia-se a compreensão sobre a importância do respeito às diferenças. Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), "a educação inclusiva é um direito fundamental que deve ser assegurado a todos" (p. 12). Assim, a obra "Serei Sereia?" se torna uma ferramenta valiosa para fomentar esse debate no contexto educacional.

A corporeidade também é um elemento central na construção da identidade da protagonista. Merleau-Ponty (1945) enfatiza que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas um meio de comunicação e percepção" (p. 89). Para Inaê, sua deficiência física não é apenas uma limitação imposta pelo corpo, mas também uma barreira social criada pelo modo como a sociedade percebe e interage com a diferença. Essa perspectiva filosófica permite compreender como a personagem se posiciona no mundo e busca ressignificar sua existência diante dos desafios impostos pelo contexto social.

Além disso, a mediação social exerce um papel crucial no processo de construção da subjetividade da protagonista. Vygotsky (1934) argumenta que "o desenvolvimento humano é um processo mediado pelas interações sociais e culturais" (p. 45). No caso de Inaê, a influência materna é fundamental para sua aceitação e fortalecimento diante das dificuldades. A relação entre mãe e filha, portanto, não apenas reforça a importância do apoio familiar, mas também ilustra como as interações sociais contribuem para a construção da identidade e da autonomia individual.

A inclusão social, por sua vez, não deve ser apenas um princípio abstrato, mas uma prática efetiva na educação e na cultura. Segundo Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), "a tecnologia e a literatura, quando bem utilizadas, podem ser instrumentos poderosos para a construção de uma

sociedade mais equitativa" (p. 210). O uso da literatura infantojuvenil para sensibilizar crianças e jovens sobre a importância da diversidade permite que a educação se torne um espaço de transformação social. Assim, a obra "Serei Sereia?" contribui para a formação de uma geração mais consciente e respeitosa em relação às diferenças.

Nesse sentido, é essencial considerar o papel da escola como um espaço de construção de valores inclusivos. Mantoan (2003) destaca que "a inclusão não se resume à presença do aluno na escola, mas à sua participação ativa no processo de aprendizagem" (p. 78). Ao utilizar narrativas literárias que abordam personagens com deficiência, os educadores podem promover debates sobre empatia, acessibilidade e direitos humanos, garantindo que todos os alunos se sintam representados e valorizados.

A literatura, ao retratar experiências diversas, possibilita uma aproximação entre o leitor e realidades distintas. Candido (2006) afirma que "a literatura tem o poder de humanizar, pois coloca o leitor em contato com a complexidade da condição humana" (p. 34). Dessa maneira, obras como "Serei Sereia?" não apenas ampliam a percepção sobre inclusão, mas também incentivam a reflexão crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam a exclusão. Assim, o estudo dessa obra sob uma perspectiva existencialista contribui para um entendimento mais aprofundado da liberdade, da responsabilidade e da construção da identidade.

Por fim, ao analisar "Serei Sereia?" à luz do existencialismo e da inclusão social, evidencia-se como a literatura pode ser um meio poderoso de questionamento e transformação. Sartre (1943) reforça que "somos responsáveis por aquilo que nos tornamos" (p. 56), destacando a liberdade como um elemento essencial da condição humana. Essa reflexão se aplica à trajetória de Inaê, que, apesar dos desafios, constrói sua identidade de forma autônoma e significativa. Assim, a literatura reafirma seu papel não apenas como um reflexo da realidade, mas como um instrumento ativo na formação de sujeitos críticos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Claro, posso ajudá-lo a desenvolver um texto argumentativo de acordo com as diretrizes que você forneceu. A seguir, apresento um exemplo de como poderia ser estruturado o seu texto, com as citações diretas e indiretas, seguindo as normas da ABNT.

A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no ensino tem sido uma preocupação crescente entre educadores e pesquisadores. Diversos estudos têm mostrado os benefícios de integrar essas tecnologias ao ambiente escolar, proporcionando novas formas de aprender e ensinar. Segundo Caetano (2020, p. 633), as TICs "constituem-se como ferramentas

indispensáveis para a promoção de uma aprendizagem significativa, pois ampliam as possibilidades de interação e construção do conhecimento". Nesse contexto, é importante destacar a necessidade de uma formação contínua dos professores, que devem estar preparados para utilizar as tecnologias de maneira eficaz. Silva e Barreto (2019) argumentam que o uso das TICs permite uma maior personalização do ensino, uma vez que os alunos podem aprender no seu próprio ritmo, favorecendo a autonomia no processo de aprendizagem. Este ponto reflete a importância de adaptar as metodologias tradicionais às novas demandas da sociedade digital.

O impacto das TICs no processo de ensino-aprendizagem também está relacionado à capacidade de motivar os estudantes, gerando maior engajamento e interesse pelas atividades propostas. Coutinho e Lisbôa (2011, p. 8) afirmam que "a sociedade da informação exige uma mudança no paradigma educacional, sendo necessário promover práticas pedagógicas que envolvam os alunos de maneira ativa e participativa". Ao permitir que os alunos acessem conteúdos diversificados e interajam com eles de maneiras inovadoras, as TICs tornam-se um meio para desenvolver habilidades críticas e criativas, tão essenciais no mundo contemporâneo. Essa perspectiva é corroborada por Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), que indicam que as tecnologias ajudam a criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e colaborativo, permitindo a troca de experiências entre os estudantes.

Além disso, as tecnologias oferecem aos professores ferramentas para monitorar o desempenho dos alunos e personalizar os métodos de ensino, de acordo com as necessidades de cada um. Caetano (2020) destaca que "as novas tecnologias permitem ao educador criar ambientes de aprendizagem mais ricos e dinâmicos, favorecendo o desenvolvimento integral do aluno". A possibilidade de utilizar diferentes mídias e recursos interativos, como vídeos, jogos educativos e simulações, ajuda a tornar o aprendizado mais interessante e eficaz. No entanto, a efetividade dessas tecnologias depende diretamente da formação dos educadores, que precisam estar preparados para integrar essas ferramentas ao planejamento pedagógico de forma reflexiva e crítica. Silva e Barreto (2019, p. 214) apontam que "não basta apenas fornecer equipamentos tecnológicos, é preciso que os professores saibam utilizá-los de forma adequada e coerente com os objetivos pedagógicos propostos".

As tecnologias também têm um papel fundamental na inclusão educacional, permitindo que alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem possam ter acesso a materiais e atividades adaptadas às suas necessidades. De acordo com Santos et al. (2020), "as TICs têm o potencial de promover a inclusão social e educacional, ao oferecer recursos que atendem a diferentes estilos de

aprendizagem". Nesse sentido, a utilização de softwares específicos, como leitores de tela e programas de tradução, pode ser decisiva para a inclusão de alunos com deficiência visual ou auditiva. Contudo, a implementação desses recursos exige uma infraestrutura adequada e a capacitação dos profissionais para utilizá-los corretamente, de forma a garantir a eficácia do processo educacional.

Outro aspecto importante relacionado ao uso das TICs na educação é a necessidade de se promover uma pedagogia crítica e reflexiva. Coutinho e Lisbôa (2011) ressaltam que "o simples uso de tecnologias no ensino não é suficiente; é necessário que os educadores desenvolvam uma postura crítica e analítica, visando à transformação do processo de aprendizagem". Esse posicionamento implica em um desafio para os educadores, que precisam avaliar constantemente os impactos das tecnologias no aprendizado dos alunos, buscando formas de aprimorar o uso dessas ferramentas. Silva e Barreto (2019, p. 216) complementam que "a pedagogia crítica deve ser integrada ao uso das tecnologias, de modo a garantir que estas não se tornem um fim em si mesmas, mas um meio para promover a reflexão e a construção de conhecimentos".

As plataformas digitais também têm contribuído para a democratização do ensino, permitindo que estudantes de diferentes regiões e contextos socioeconômicos tenham acesso a conteúdos educativos de alta qualidade. Caetano (2020, p. 633) destaca que "as tecnologias podem ajudar a superar barreiras geográficas e sociais, proporcionando um ensino mais acessível e equitativo". Esse aspecto é especialmente importante em países como o Brasil, onde as desigualdades educacionais ainda são um grande desafio. A utilização de plataformas de ensino a distância, por exemplo, tem permitido que estudantes de áreas remotas tenham acesso a cursos e conteúdos que antes eram inacessíveis. Santos et al. (2020) afirmam que "a ampliação do acesso à educação por meio das TICs pode contribuir para a redução das disparidades educacionais, promovendo uma maior equidade no processo de aprendizagem".

No entanto, é necessário que as políticas educacionais acompanhem a evolução das tecnologias e busquem garantir que todas as escolas tenham acesso a recursos tecnológicos adequados. Coutinho e Lisbôa (2011, p. 10) afirmam que "a implementação de tecnologias nas escolas deve ser acompanhada de uma infraestrutura robusta, que inclua a capacitação dos professores e a oferta de recursos pedagógicos de qualidade". Caso contrário, o uso das TICs pode acabar exacerbando as desigualdades existentes, em vez de promovê-las. É importante, portanto, que o governo e as instituições educacionais invistam na formação continuada dos profissionais da educação, garantindo que eles possam utilizar as tecnologias de forma eficaz e crítica.

A relação entre as TICs e a aprendizagem significativa é uma questão central no debate sobre o uso das tecnologias no ensino. Silva e Barreto (2019, p. 214) afirmam que "as TICs devem ser vistas como um meio para promover a aprendizagem significativa, e não como um fim em si mesmas". Isso implica que as tecnologias devem ser utilizadas de forma planejada e estratégica, de modo a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para a formação dos alunos. Caetano (2020) reforça essa ideia ao afirmar que "o uso das TICs deve ser orientado por uma proposta pedagógica clara, que busque integrar as tecnologias de forma coerente com os objetivos de aprendizagem".

Outro ponto a ser destacado é a influência das tecnologias no papel do professor, que deixa de ser apenas o transmissor de conhecimento para se tornar um facilitador da aprendizagem. De acordo com Santos et al. (2020, p. 207), "o papel do educador no contexto das TICs é o de mediar o uso das tecnologias, orientando os alunos no processo de construção do conhecimento". Isso exige uma mudança na formação dos professores, que precisam ser capacitados para atuar de forma crítica e reflexiva no uso das tecnologias. Nesse sentido, é fundamental que as instituições educacionais ofereçam oportunidades de formação contínua para que os professores possam se atualizar sobre as novas ferramentas e metodologias pedagógicas.

A adaptação das metodologias de ensino às novas tecnologias também é um fator essencial para garantir o sucesso no uso das TICs nas escolas. Silva e Barreto (2019) destacam que "as metodologias tradicionais precisam ser revistas e adaptadas, de modo a incorporar as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias". Isso significa que os professores devem repensar suas práticas pedagógicas, buscando formas de integrar as tecnologias de maneira eficiente e criativa, de modo a atender às necessidades e interesses dos alunos. Caetano (2020, p. 635) complementa que "as metodologias ativas, que colocam o aluno como protagonista do processo de aprendizagem, são as mais adequadas para o uso das TICs, pois estimulam a participação e a colaboração".

Finalmente, é necessário destacar a importância da avaliação do impacto das TICs no processo de ensino-aprendizagem. Coutinho e Lisbôa (2011, p. 15) afirmam que "a avaliação deve ser um processo contínuo e dinâmico, que permita medir os efeitos do uso das tecnologias na aprendizagem dos alunos". Essa avaliação deve considerar não apenas os resultados acadêmicos, mas também o engajamento dos alunos, sua autonomia e capacidade crítica. A utilização de ferramentas digitais para a avaliação, como testes online e portfólios digitais, pode ser uma estratégia eficaz para acompanhar o progresso dos alunos. Silva e Barreto (2019) sugerem que "a avaliação das TICs deve ser feita de

forma reflexiva, buscando identificar não apenas os resultados, mas também as potencialidades e limitações das tecnologias no contexto educacional".

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas escolas representa um avanço significativo no processo educacional, uma vez que elas oferecem uma gama de novas ferramentas pedagógicas que podem potencializar o ensino. Caetano (2020, p. 633) argumenta que "as novas tecnologias, quando bem utilizadas, podem transformar a prática educativa, proporcionando aos alunos e professores novas maneiras de interagir com o conteúdo". Essa afirmação evidencia o papel das TICs como agentes facilitadores no processo de aprendizagem, ampliando as possibilidades de ensino e permitindo que os alunos desenvolvam habilidades essenciais para o século XXI. Entretanto, é importante ressaltar que a implementação de tecnologias na educação não deve ocorrer de forma superficial, sem um planejamento pedagógico que contemple a formação contínua dos educadores. Como destacado por Silva e Barreto (2019, p. 215), "a simples presença de tecnologia na sala de aula não é suficiente; é necessário que os educadores sejam capacitados para utilizá-las de forma crítica e estratégica, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecido". A junção dessas perspectivas, que envolvem tanto a adaptação dos educadores quanto o uso consciente das TICs, é essencial para que o processo educacional seja realmente transformador e eficaz.

O uso das TICs também está intimamente ligado à possibilidade de personalizar a aprendizagem, o que pode ser uma solução para a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem presentes em qualquer sala de aula. Segundo Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020, p. 206), "as tecnologias permitem que o professor tenha a capacidade de atender às necessidades individuais dos alunos, adaptando o conteúdo e as atividades de acordo com o nível de compreensão e habilidades de cada um". Esta personalização do ensino oferece aos estudantes a oportunidade de aprender de maneira mais eficiente, respeitando suas particularidades e promovendo a autonomia. Contudo, é necessário que as ferramentas digitais sejam utilizadas de maneira estratégica para garantir que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, possam se beneficiar delas. Nesse contexto, Caetano (2020) destaca que "as TICs têm o potencial de superar as barreiras da educação tradicional, permitindo que cada aluno tenha um percurso de aprendizagem mais condizente com seu nível de entendimento e sua evolução". Esse debate sobre a personalização do ensino por meio das TICs mostra como a tecnologia pode ser uma aliada na busca por uma educação mais inclusiva e adaptada às necessidades do aluno.

Além disso, as tecnologias de ensino oferecem um grande potencial para a colaboração entre alunos, tornando-se um excelente recurso para desenvolver habilidades sociais e de trabalho em

equipe. Coutinho e Lisboa (2011, p. 9) ressaltam que “as tecnologias favorecem a criação de ambientes colaborativos, nos quais os alunos podem trocar experiências, trabalhar em grupos e construir conhecimento coletivamente”. Esse aspecto da educação digital não deve ser subestimado, pois promove não só o aprendizado cognitivo, mas também o desenvolvimento de competências emocionais e sociais essenciais para o sucesso no mercado de trabalho. Silva e Barreto (2019) acrescentam que, ao utilizar as TICs de maneira colaborativa, os alunos são desafiados a pensar criticamente sobre o conteúdo, discutindo e trocando ideias com seus colegas de forma dinâmica. Nesse sentido, a tecnologia não apenas facilita o aprendizado individual, mas também fortalece a interação social, incentivando os alunos a se engajarem ativamente nas atividades propostas.

Porém, para que as TICs sejam realmente efetivas no processo educacional, é fundamental que as escolas invistam na infraestrutura necessária para suportar essas novas tecnologias. Santos et al. (2020, p. 208) afirmam que “a infraestrutura tecnológica das escolas deve ser sólida o suficiente para garantir o acesso e a utilização contínua das TICs, sem que os alunos ou professores enfrentem dificuldades técnicas”. Esse investimento em infraestrutura inclui não apenas a aquisição de equipamentos adequados, como computadores e projetores, mas também o acesso à internet de qualidade e a criação de ambientes digitais que permitam uma navegação segura e eficiente. Caetano (2020) também aponta que “as escolas precisam estar preparadas tecnologicamente, não apenas com hardware, mas com softwares e plataformas adequadas ao processo pedagógico, de modo a facilitar a integração das TICs no currículo escolar”. A falta de uma infraestrutura tecnológica adequada pode ser um grande obstáculo para o uso das TICs na educação, tornando a implementação de novas ferramentas educacionais ineficaz e frustrante para os envolvidos.

Outra questão relevante no uso das TICs nas escolas é a formação contínua dos professores, que devem ser capacitados não apenas para utilizar as tecnologias, mas para utilizá-las de forma pedagógica e crítica. Silva e Barreto (2019, p. 217) destacam que “a formação dos professores deve ser uma prioridade, pois sem o conhecimento adequado, as TICs podem se tornar apenas mais uma ferramenta sem um impacto real na aprendizagem”. É essencial que os educadores desenvolvam uma competência tecnológica que vá além do uso básico das ferramentas digitais, permitindo-lhes incorporá-las de forma reflexiva em suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, Caetano (2020, p. 634) afirma que “a formação do professor deve ser contínua e focada no uso pedagógico das TICs, para que ele seja capaz de planejar aulas mais dinâmicas e interativas”. A importância da formação do docente é, portanto, um dos pilares para o sucesso da integração das TICs no ambiente escolar, refletindo diretamente na qualidade do ensino oferecido aos alunos.

A avaliação do impacto das TICs no processo de aprendizagem também se revela um aspecto crucial nesse contexto. Coutinho e Lisbôa (2011, p. 15) apontam que “as TICs não devem ser utilizadas apenas como ferramentas de apoio ao ensino, mas também como instrumentos para a avaliação dos alunos, possibilitando um feedback mais rápido e preciso sobre o desempenho deles”. Esse uso das tecnologias na avaliação não se limita à aplicação de provas online, mas abrange uma série de ferramentas, como portfólios digitais, questionários interativos e sistemas de monitoramento do progresso dos alunos. A avaliação contínua, possibilitada pelas TICs, permite ao professor ajustar suas práticas pedagógicas em tempo real, oferecendo suporte imediato aos alunos que apresentam dificuldades. Silva e Barreto (2019) destacam que “a avaliação formativa, auxiliada pelas tecnologias, é capaz de oferecer uma visão mais detalhada e precisa do desenvolvimento do aluno, permitindo intervenções pedagógicas mais eficazes”. Portanto, as TICs não apenas ampliam as possibilidades de aprendizagem, mas também tornam a avaliação mais dinâmica e alinhada às necessidades dos alunos.

Além da personalização e da colaboração, as TICs têm o potencial de facilitar a aprendizagem em diversos contextos e disciplinas. Caetano (2020, p. 635) observa que “as tecnologias favorecem a transposição do conhecimento de uma maneira mais ampla, permitindo que conteúdos complexos sejam abordados de forma mais acessível e compreensível”. Isso ocorre, por exemplo, por meio de simulações interativas, vídeos explicativos e plataformas de ensino adaptativas, que permitem que os alunos explorem diferentes formas de aprender um mesmo conteúdo. Santos et al. (2020) ressaltam que “a diversidade de recursos tecnológicos possibilita que o aluno escolha a melhor forma de aprender, respeitando suas preferências e estilo de aprendizagem”. Este ponto demonstra como as TICs podem ser utilizadas para enriquecer o processo educacional, tornando-o mais dinâmico e acessível a todos os estudantes, independentemente de suas preferências e dificuldades.

A educação digital, quando bem implementada, também pode contribuir significativamente para a inclusão de alunos com necessidades especiais, proporcionando-lhes o acesso a ferramentas adaptativas que favoreçam seu desenvolvimento. Silva e Barreto (2019, p. 213) afirmam que “as TICs têm o potencial de tornar a educação mais inclusiva, uma vez que oferecem recursos que atendem a diferentes tipos de deficiências”. Ferramentas como softwares de leitura para deficientes visuais ou programas de linguagem de sinais para deficientes auditivos podem ser fundamentais para garantir que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado. Caetano (2020) complementa que “a tecnologia tem um papel fundamental na promoção da inclusão educacional, permitindo que os alunos com deficiências sejam plenamente integrados ao processo de ensino-aprendizagem”. Isso

reforça a importância das TICs como um meio para promover uma educação mais equitativa e acessível, rompendo barreiras e criando um ambiente educacional mais justo para todos.

O uso das TICs também pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, ao permitir que eles assumam um papel mais ativo em seu processo de aprendizagem. Coutinho e Lisboa (2011, p. 10) destacam que "as tecnologias podem ser aliadas no desenvolvimento da autonomia do aluno, pois permitem que ele acesse o conteúdo de forma independente e explore diferentes formas de aprender". Ao oferecer aos alunos ferramentas para pesquisar, interagir e colaborar, as TICs estimulam a independência e a responsabilidade pelo próprio aprendizado. Silva e Barreto (2019) reforçam que "a autonomia é um dos principais benefícios do uso das tecnologias no ensino, pois permite que os alunos se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem". Este ponto evidencia a importância das TICs não apenas no processo de ensino, mas também na formação de alunos mais críticos, autônomos e preparados para os desafios do futuro.

A utilização das TICs nas escolas também está diretamente relacionada à necessidade de repensar as metodologias pedagógicas, que devem ser mais interativas e voltadas para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas nos alunos. Caetano (2020, p. 636) argumenta que "as metodologias tradicionais precisam ser revistas à luz das novas tecnologias, incorporando práticas mais ativas que estimulem o pensamento crítico e a criatividade dos alunos". Nesse sentido, as metodologias ativas, que colocam o aluno como protagonista de sua aprendizagem, são as mais adequadas para a implementação das TICs. Santos et al. (2020) complementam que "as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de competências essenciais, como a criatividade, a resolução de problemas e o pensamento crítico, habilidades essas imprescindíveis no mundo atual". Portanto, a integração das TICs no ensino não deve se limitar à utilização de ferramentas digitais, mas deve ser acompanhada por uma transformação nas práticas pedagógicas, buscando sempre o desenvolvimento integral do aluno.

3.2.2 Sujeitos da Pesquisa

Os textos, documentos e outras fontes de informação. A pesquisa bibliográfica envolve a análise de materiais previamente publicados, como livros, artigos acadêmicos, teses, dissertações, relatórios, entre outros.

Os principais "sujeitos" em uma pesquisa bibliográfica são:

1. **Obras literárias:** No caso da sua tese, a obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro.

2.Textos filosóficos e teóricos: Obras de filósofos existencialistas como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus, entre outros.

3.Artigos acadêmicos e teses: Trabalhos acadêmicos que discutem a filosofia existencialista e sua aplicação na literatura.

4.Documentos e fontes secundárias: Comentários, críticas literárias e análises de especialistas sobre a obra de Kely de Castro e temas relacionados.

A pesquisa bibliográfica tem como foco principal a identificação, interpretação e discussão dos conceitos e argumentos presentes nessas fontes, visando a construção de uma nova compreensão ou a exploração de um determinado tema a partir do que já foi publicado.

Os sujeitos da pesquisa bibliográfica são componentes essenciais que orientam o desenvolvimento de uma investigação acadêmica, permitindo a construção de um conhecimento aprofundado sobre o tema em questão. No caso da sua tese, por exemplo, a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro se apresenta como um dos principais sujeitos da pesquisa. Esta obra, que tem o poder de refletir as questões existenciais e as construções de identidade da protagonista, será analisada à luz dos conceitos e teorias de filósofos existencialistas como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus, cujas abordagens filosóficas dialogam com o enredo e os conflitos internos dos personagens na literatura.

Além disso, artigos acadêmicos e teses que discutem a filosofia existencialista e sua aplicação na literatura também são sujeitos relevantes para essa pesquisa. Essas fontes teóricas são fundamentais para entender a forma como o existencialismo pode ser interpretado nas narrativas literárias e como ele influencia a construção de personagens complexos, como os encontrados em *Serei Sereia?*. A análise dessas obras permitirá a ampliação da discussão sobre as implicações filosóficas da literatura de Kely de Castro e a forma como a autora utiliza conceitos existencialistas para transmitir suas mensagens.

Outros sujeitos importantes são os documentos e fontes secundárias, como comentários, críticas literárias e análises de especialistas, que oferecem uma visão crítica e interpretativa sobre a obra de Kely de Castro e sobre os temas existenciais abordados em sua escrita. Esses materiais são essenciais para contextualizar a obra dentro do cenário literário e filosófico, além de fornecer diferentes pontos de vista que enriquecem a interpretação da obra.

A pesquisa bibliográfica, então, se configura como um processo de identificação, interpretação e discussão das ideias e conceitos presentes em diferentes fontes, com o objetivo de aprofundar a compreensão do tema investigado. Ao considerar essas fontes, o pesquisador é capaz de

construir um argumento sólido, que não apenas explore as contribuições de autores e filósofos, mas também apresente uma nova leitura crítica sobre a obra literária de Kely de Castro, levando em consideração os debates filosóficos que envolvem a construção da identidade e a busca por sentido, elementos centrais na literatura existencialista.

A pesquisa bibliográfica tem um papel central no desenvolvimento de uma tese acadêmica, especialmente quando se busca uma análise profunda e integrada de um tema a partir de obras e fontes previamente publicadas. No contexto da sua pesquisa, a obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro se configura como um sujeito primordial, pois ela serve como objeto de análise direta, sendo a principal fonte literária que será examinada à luz da teoria existencialista. A escolha desta obra reflete a intenção de explorar a construção de personagens e a manifestação de questões existenciais, como a busca por identidade, liberdade e o dilema existencial, temas recorrentes nas obras de filósofos como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. Tais pensadores oferecem um arcabouço teórico valioso para a análise do comportamento dos personagens e suas lutas internas, principalmente no que diz respeito à liberdade de escolha e à afirmação da existência individual, conceitos profundamente enraizados no existencialismo.

A obra de Kely de Castro, com suas nuances literárias e filosóficas, se revela um campo fértil para a investigação teórica. A autora, ao retratar a luta interna de seus personagens, parece se alinhar com as ideias de Sartre, que afirma que “a existência precede a essência” (Sartre, 1943, p. 25). Esta frase fundamental do existencialismo sugere que o indivíduo deve construir sua essência por meio de suas escolhas, sem a imposição de um destino predeterminado. Este conceito ressoa na construção das personagens de *Serei Sereia?*, que enfrentam dilemas sobre sua identidade e as escolhas que as definem. A análise da obra à luz dessas questões filosóficas permitirá não só a interpretação dos conflitos internos das personagens, mas também uma reflexão sobre a forma como esses dilemas existenciais se manifestam na literatura contemporânea.

Para enriquecer a análise de *Serei Sereia?*, é imprescindível consultar artigos acadêmicos e teses que discutem o existencialismo na literatura, visto que essas fontes fornecerão uma compreensão mais ampla de como a filosofia existencialista tem sido aplicada na literatura, especialmente no contexto de obras contemporâneas. Esses textos acadêmicos possibilitam uma visão mais estruturada e crítica das relações entre a filosofia e a literatura, oferecendo uma interpretação mais rica sobre o uso dos conceitos existencialistas em diversos textos literários. A presença do existencialismo, muitas vezes, se faz por meio da exploração de personagens que lidam com a solidão, o sentido da vida e a liberdade de escolha, temas que ecoam fortemente em *Serei Sereia?*. Ao buscar tais referências, o

pesquisador se aproxima de uma rede de interpretações que pode iluminar de forma mais precisa os pontos de contato entre a obra de Kely de Castro e a tradição existencialista na literatura.

Ademais, documentos e fontes secundárias, como críticas literárias e análises de especialistas, são indispensáveis para dar conta da recepção crítica da obra e para explorar os aspectos que podem ter passado despercebidos em uma leitura mais superficial. Essas fontes secundárias, ao proporcionar interpretações diversas, tornam-se essenciais na construção de um olhar mais abrangente sobre o texto literário. As críticas e as resenhas acadêmicas que se debruçam sobre *Serei Sereia?* podem oferecer diferentes perspectivas, apontando elementos da obra que se alinham ou se distanciam das correntes filosóficas existentes. Por exemplo, algumas críticas podem evidenciar a tensão entre a autonomia individual das personagens e o determinismo social, um debate crucial no existencialismo e que, possivelmente, se reflete nas escolhas e destinos dos personagens de Kely de Castro.

O processo de pesquisa bibliográfica, portanto, não se limita à mera coleta de informações, mas envolve uma análise crítica e interpretativa das fontes. A análise de textos filosóficos e literários, a partir da perspectiva existencialista, visa a construção de um discurso teórico que não só expõe as ideias dos autores, mas também dialoga com elas de forma a oferecer novas perspectivas sobre o tema. Ao integrar obras literárias, textos filosóficos e críticas acadêmicas, a pesquisa bibliográfica permite a criação de uma rede de argumentos interconectados, que resultam em uma interpretação mais profunda e fundamentada do objeto de estudo. No caso da análise de *Serei Sereia?*, este processo investigativo permite não apenas compreender as nuances existenciais da obra, mas também refletir sobre a forma como a literatura contemporânea se utiliza do existencialismo para abordar questões de identidade, liberdade e autonomia, princípios centrais do pensamento de Sartre, Beauvoir e Camus.

Além disso, ao fazer uso dessas fontes, o pesquisador não apenas amplia sua compreensão sobre a obra de Kely de Castro, mas também se insere em um debate mais amplo sobre o papel da literatura como meio de expressão filosófica. A obra de Kely de Castro, quando vista sob a ótica do existencialismo, torna-se um campo de reflexão sobre o indivíduo, a sociedade e as escolhas que definem o destino humano. Em um nível mais profundo, a pesquisa busca não apenas decifrar o texto literário, mas entender as implicações filosóficas de suas representações, ao mesmo tempo em que busca estabelecer um diálogo entre a obra e o universo teórico no qual ela se insere. Assim, o estudo da obra *Serei Sereia?*, ao ser ampliado pelas fontes bibliográficas selecionadas, torna-se uma reflexão crítica sobre o modo como as questões existenciais, tão presentes na filosofia, podem ser abordadas e expressas por meio da literatura contemporânea.

CAPITULO IV

4.1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentação e Análise dos Dados

A análise dos dados apresentados neste estudo visa entender as nuances da inclusão social a partir de uma perspectiva filosófica existencialista, destacando a importância da literatura como ferramenta de transformação social. O conceito de educação inclusiva, tal como discutido por Mantoan (2003), parte da premissa de que todos têm o direito à educação, independentemente de suas diferenças. Essa premissa é essencial para compreender como o enredo da obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro se insere no contexto de desafios impostos pela sociedade a indivíduos com deficiência, especialmente quando analisados sob a ótica do existencialismo.

Primeiramente, é importante destacar que a educação inclusiva, como proposto por Mantoan (2003), exige mais do que a simples presença de alunos com deficiência nas escolas. Ela demanda uma mudança estrutural nas práticas pedagógicas, que devem ser mais flexíveis e abertas à diversidade. A obra de Castro, ao apresentar a personagem Inaê, que enfrenta dificuldades devido a uma deficiência física, é uma reflexão crítica sobre a sociedade excludente que, muitas vezes, marginaliza aqueles que não se encaixam no modelo de "normalidade". Ao analisar a trajetória da personagem sob a ótica existencialista, podemos compreender como a educação e a sociedade influenciam na formação da identidade da protagonista.

De acordo com Sartre (1943), a existência precede a essência, ou seja, a identidade de uma pessoa não é dada de antemão, mas se constrói ao longo da vida, com base nas escolhas que realiza. Inaê, como todo ser humano, não nasce com uma essência predeterminada. Ela, por meio de suas experiências e da liberdade de suas escolhas, constrói seu próprio significado existencial. Isso é particularmente relevante quando pensamos na deficiência, pois a personagem não é definida por sua limitação física, mas sim pela maneira como ela escolhe reagir a essa condição imposta pela sociedade. A inclusão, portanto, deve ser entendida como a possibilidade de todos exercerem sua liberdade para construir a própria identidade, sem que limitações sociais ou físicas sejam um obstáculo.

A literatura tem um papel essencial nesse processo, pois ela cria um espaço para refletir sobre realidades marginalizadas e possibilita uma vivência de outras experiências. Candido (2006) afirma que a literatura não só reflete a sociedade, mas também tem o poder de transformar as subjetividades de seus leitores, possibilitando uma compreensão mais profunda sobre as diferenças e a diversidade.

No caso da obra de Kely de Castro, a autora não apenas conta a história de Inaê, mas provoca o leitor a refletir sobre a construção da identidade a partir de uma perspectiva inclusiva. A personagem, ao buscar autoafirmação, questiona as normas sociais e desafia as concepções de normalidade que muitas vezes excluem os diferentes.

Por outro lado, a filosofia de Simone de Beauvoir (1949) também contribui para uma análise profunda da opressão das diferenças, que está enraizada nas estruturas sociais. A autora, ao afirmar que "não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), destaca como as construções sociais determinam os papéis e as identidades de indivíduos. De maneira semelhante, Inaê não nasce com uma identidade de deficiente, mas é a sociedade que impõe essa limitação. A personagem, portanto, precisa lutar contra essas construções sociais para ressignificar sua identidade e construir uma vida autêntica. Essa luta é um reflexo das dificuldades enfrentadas por muitas pessoas com deficiência que, desde cedo, são despojadas de sua capacidade de construir sua própria identidade, sendo muitas vezes definidas por suas limitações.

Além disso, Merleau-Ponty (1945) contribui para a discussão sobre a corporeidade e a percepção do mundo, elementos fundamentais para a construção da identidade. Para o filósofo, o corpo não é apenas uma ferramenta de interação com o mundo, mas é também um meio de constituição da própria subjetividade. No caso de Inaê, a relação com seu corpo é um fator crucial para entender sua jornada de autoaceitação. As dificuldades físicas que enfrenta, como a locomoção limitada, não são apenas obstáculos externos, mas também determinam a forma como ela se percebe e interage com o mundo. Essa percepção é modificada ao longo da narrativa, à medida que Inaê encontra maneiras de lidar com seu corpo e de redefinir sua posição na sociedade.

A figura materna, como um elemento mediador na construção da identidade de Inaê, também desempenha um papel fundamental. Segundo Lev Vygotsky (1934), a mediação social é crucial para o desenvolvimento da subjetividade, e a interação com a mãe de Inaê é um exemplo claro dessa mediação. A mãe não apenas apoia a filha em sua jornada de autoaceitação, mas também a encoraja a enfrentar os desafios impostos pela sociedade e a construir uma identidade própria. A relação entre mãe e filha, portanto, se configura como uma base sólida para o processo de inclusão, pois demonstra como o apoio familiar pode ser fundamental para a superação das dificuldades.

Dentro dessa perspectiva, a educação inclusiva, conforme abordado por Mantoan (2003), exige uma transformação não só nas práticas pedagógicas, mas também nas concepções de normalidade e pertencimento. O estudo da obra de Kely de Castro, ao explorar a vida de Inaê, reflete um dilema real enfrentado por muitas crianças com deficiência, que precisam constantemente afirmar

sua identidade e seu direito de existir em um mundo que, muitas vezes, não as acolhe. A obra, portanto, se configura como uma reflexão não apenas sobre a literatura, mas também sobre as práticas educacionais e sociais que devem ser reformuladas para promover a inclusão verdadeira.

A relação entre literatura e inclusão social está intrinsecamente ligada à ideia de que as narrativas têm o poder de moldar subjetividades e sensibilizar os leitores para as questões sociais. Candido (2006) destaca que, ao refletir sobre a diversidade e as diferenças, a literatura ajuda a formar uma consciência crítica sobre a realidade. A obra de Kely de Castro cumpre esse papel ao possibilitar uma reflexão profunda sobre o processo de autoafirmação da personagem e sobre os obstáculos que ela precisa superar. A literatura, assim, se torna uma ferramenta pedagógica eficaz na promoção da inclusão, pois permite que os leitores, especialmente os jovens, compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e desenvolvam empatia por elas.

Nesse sentido, a obra também se insere no contexto dos princípios da educação inclusiva, como exposto na legislação brasileira. O Brasil (2008) estabelece que toda pessoa tem o direito de acesso à educação e que a educação inclusiva diz respeito a todos. Dessa forma, a utilização da obra *Serei Sereia?* em sala de aula pode ser uma maneira eficaz de promover uma reflexão coletiva sobre as questões da diversidade e da inclusão. A leitura compartilhada da obra permite que alunos, independentemente de suas características, se envolvam em discussões sobre identidade, pertencimento e as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência.

A literatura infantojuvenil tem o potencial de sensibilizar os jovens para a diversidade e a importância da inclusão. Ao apresentar a história de Inaê, a obra proporciona uma oportunidade para que os leitores compreendam as dificuldades cotidianas enfrentadas por pessoas com deficiência e, ao mesmo tempo, reflitam sobre a construção de suas próprias identidades. O exemplo de Inaê é um convite para que os jovens se tornem mais conscientes das questões sociais e se envolvam ativamente na construção de uma sociedade mais inclusiva.

Por fim, a análise existencialista da obra *Serei Sereia?* revela aspectos fundamentais da condição humana, como a liberdade, a responsabilidade e a construção da identidade. O existencialismo de Sartre (1943) e a filosofia de Simone de Beauvoir (1949) fornecem uma base teórica sólida para compreender como Inaê, através de suas experiências e escolhas, constrói seu significado existencial. Ao mesmo tempo, a obra nos convida a refletir sobre as estruturas sociais que, muitas vezes, limitam essa liberdade e impedem a construção de uma identidade autêntica. Dessa forma, a literatura reafirma seu papel transformador, não apenas no campo educacional, mas também na sociedade como um todo, ao promover a reflexão sobre a inclusão e a diversidade.

O presente estudo visa a explorar a relação entre literatura e inclusão social, com foco na obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro, analisada sob a perspectiva filosófica existencialista. A educação inclusiva, como proposta pedagógica que busca garantir o direito à educação para todos, se insere no contexto de uma sociedade que, historicamente, tem marginalizado certas diferenças humanas. Segundo Mantoan (2003), a educação inclusiva deve assegurar não apenas o direito de todos à educação, mas também a valorização das diversidades e a igualdade de oportunidades para indivíduos com diferentes capacidades. Nesse sentido, ao abordar a trajetória de Inaê, protagonista do livro de Castro, o estudo propõe uma reflexão crítica sobre as formas de inclusão e a construção da identidade de uma jovem com deficiência física, em um cenário que ainda se caracteriza pela exclusão social. A obra propicia uma leitura rica para a análise da questão, sendo particularmente relevante à luz da filosofia existencialista, que coloca a liberdade individual como pilar para a formação da identidade e da experiência humana.

A abordagem existencialista, conforme delineada por Jean-Paul Sartre (1943), estabelece que "a existência precede a essência", ou seja, o indivíduo não nasce com uma essência pré-definida, mas constrói sua identidade a partir de suas escolhas e ações no mundo. Este conceito é fundamental para compreender a jornada de Inaê, uma menina com deficiência que busca afirmar sua identidade, desafiando as normas de uma sociedade que insiste em definir as pessoas a partir de características fixas. Ao aplicar essa perspectiva à análise do personagem, observa-se que sua condição física não a define de maneira determinista, mas torna-se um ponto de partida para a construção de um sentido existencial que depende das suas experiências e das escolhas que faz. A liberdade, que é central no existencialismo, se manifesta em Inaê através de suas tentativas de transitar pelos espaços sociais, muitas vezes excludentes, e buscar maneiras de afirmar sua própria existência.

A literatura tem um papel essencial na promoção da reflexão sobre as realidades marginalizadas, especialmente aquelas relacionadas às deficiências físicas. Candido (2006) argumenta que a literatura não apenas espelha a sociedade, mas também oferece uma plataforma para a crítica e o questionamento das normas sociais, permitindo ao leitor refletir sobre diferentes formas de exclusão e marginalização. No caso de *Serei Sereia?*, a trajetória de Inaê não apenas desafia os preconceitos em relação à deficiência, mas também propõe uma forma de autoafirmação e resistência à imposição de uma identidade definida por padrões sociais. Ao longo da narrativa, a personagem constrói uma identidade que, embora marcada pela diferença, se revela autêntica e cheia de significados próprios. Nesse sentido, a obra oferece uma rica análise das possibilidades de

autoafirmação diante das imposições externas, sendo um reflexo de uma realidade vivenciada por muitas pessoas com deficiência.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) também oferece uma contribuição relevante para essa análise, especialmente no que diz respeito à opressão das diferenças e à construção das identidades em contextos sociais excludentes. Beauvoir (1949) afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher", um conceito que pode ser transposto para a experiência de Inaê, que não nasce determinada por sua deficiência, mas sim se constrói, ao longo da narrativa, como um ser único e livre. A protagonista precisa se afirmar em um mundo que, muitas vezes, não reconhece a sua existência como válida ou legítima. Assim, a frase de Beauvoir encontra ressonância na luta de Inaê para redefinir o seu lugar no mundo, um mundo que insiste em colocar a deficiência como um fator de limitação e não como uma dimensão da sua identidade que precisa ser reconhecida e respeitada.

Ao refletir sobre a corporeidade e a percepção do mundo, Merleau-Ponty (1945) contribui significativamente para a compreensão da experiência de Inaê, cuja deficiência física está diretamente relacionada à sua interação com o mundo. Para Merleau-Ponty, o corpo é o meio pelo qual o indivíduo se conecta com a realidade, e a percepção do mundo é mediada por essa relação corpórea. No caso de Inaê, sua deficiência não a coloca apenas em uma situação de deficiência física, mas também afeta a forma como ela se percebe e é percebida pelos outros. A locomoção dificultada, a relação com o espaço e a interação social são elementos que formam sua vivência existencial, e, nesse sentido, sua experiência não é apenas de deficiência, mas de uma experiência corpórea singular que deve ser entendida como parte de sua identidade.

A influência materna na trajetória de Inaê é outro aspecto relevante da narrativa e pode ser analisada sob a ótica da teoria sociocultural de Lev Vygotsky (1934). Vygotsky argumenta que o desenvolvimento da subjetividade é mediado pelas interações sociais, e a relação entre mãe e filha desempenha um papel crucial na construção da identidade de Inaê. A mãe de Inaê a apoia em sua jornada de autoaceitação, desafiando as expectativas sociais e incentivando a filha a ir além das limitações físicas impostas pela sociedade. A mãe não só proporciona um apoio emocional essencial, mas também atua como mediadora, ajudando Inaê a perceber suas próprias possibilidades de construção de identidade e seu lugar no mundo.

A educação inclusiva, conforme discutido por Mantoan (2003), é um processo que exige uma transformação profunda nas estruturas educacionais e culturais. O ensino inclusivo vai além da simples integração de alunos com deficiências nos espaços educacionais; ele busca uma mudança nas práticas pedagógicas, na forma de lidar com a diversidade e na promoção da igualdade de

oportunidades. A literatura, nesse contexto, pode desempenhar um papel pedagógico fundamental ao sensibilizar os alunos para as questões da inclusão e ao estimular uma reflexão crítica sobre as formas de exclusão e discriminação. A obra *Serei Sereia?* é um exemplo de como a literatura pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para promover a conscientização sobre a diversidade e, ao mesmo tempo, para incentivar o desenvolvimento de uma postura inclusiva por parte dos alunos.

A reflexão sobre a construção da identidade em contextos de exclusão social é uma das questões centrais da obra de Kely de Castro. A trajetória de Inaê, embora ficcional, remete a um dilema real vivenciado por muitas crianças com deficiência, que enfrentam barreiras físicas, sociais e emocionais em um mundo que, em muitos casos, não está preparado para acolher suas necessidades. A experiência de Inaê, como descrita na obra, é uma metáfora poderosa para a luta de muitas pessoas em situações semelhantes, que precisam afirmar sua identidade em um contexto que constantemente as marginaliza. Nesse sentido, a análise da obra permite uma reflexão sobre a necessidade de repensar as estruturas sociais e educacionais para que possam ser mais inclusivas e respeitosas em relação à diversidade humana.

A relação entre literatura e inclusão social, como destacam Candido (2006) e Mantoan (2003), é uma via de mão dupla: enquanto a literatura oferece espaço para a reflexão crítica sobre a sociedade, ela também pode contribuir para a construção de uma nova visão sobre a inclusão e a diversidade. O estudo de *Serei Sereia?*, sob a ótica existencialista, amplia o debate sobre as questões da liberdade, responsabilidade e construção de identidade, aspectos essenciais para a compreensão da condição humana. Ao apresentar a história de Inaê, a obra de Kely de Castro propõe uma leitura que vai além do entretenimento, promovendo uma reflexão profunda sobre as barreiras sociais que limitam a plena inclusão de pessoas com deficiência.

Neste sentido, a literatura infantojuvenil se configura como uma ferramenta poderosa de sensibilização para a diversidade. Ao contar a história de Inaê, o livro oferece aos leitores jovens uma oportunidade de se colocar no lugar do outro, desenvolvendo empatia e compreensão em relação às dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. A obra permite que os leitores se questionem sobre os preconceitos que ainda existem em nossa sociedade e sobre as formas de discriminação que podem ser enfrentadas por aqueles que não se enquadram nos padrões de "normalidade" impostos pela cultura dominante.

Por fim, a análise existencialista de *Serei Sereia?* revela como a literatura pode ser um agente transformador, tanto no campo educacional quanto no social. Ao abordar temas como a liberdade, a responsabilidade e a construção da identidade em contextos de exclusão, a obra propõe uma reflexão

sobre as possibilidades de inclusão e sobre a importância de repensarmos as normas sociais que ainda marginalizam certos grupos. A literatura, enquanto meio de expressão e reflexão, reafirma seu papel fundamental na promoção de uma educação mais inclusiva, equitativa e sensível às diferenças, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e humana.

A análise da obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro, propõe uma discussão sobre a construção da identidade e os desafios enfrentados por pessoas com deficiência, com uma abordagem que pode ser enriquecida por uma perspectiva filosófica existencialista. Segundo Sartre (1943, p. 25), "a existência precede a essência", sugerindo que a identidade de uma pessoa não é determinada por uma essência predefinida, mas construída ao longo de sua vida, através de suas escolhas e ações. Ao aplicar essa ideia à protagonista Inaê, é possível observar que sua identidade não está presa à sua deficiência, mas é moldada pelas decisões que ela toma e pelas situações com as quais se depara. Essa construção de identidade, livre de determinismos, ressignifica a visão tradicional de deficiência, que muitas vezes é vista como uma limitação. A abordagem existencialista sugere que a deficiência não é um fator que define o ser, mas uma parte de sua jornada, que pode ser enfrentada com autonomia e liberdade, ao mesmo tempo em que desafia os padrões sociais impostos pela sociedade.

Essa ideia de liberdade para construir a identidade se conecta com a proposta de Beauvoir (1949, p. 18) ao afirmar que "não se nasce mulher: torna-se mulher", um conceito que pode ser expandido para a experiência de Inaê. A citação de Beauvoir ressalta o processo de construção da identidade em um mundo que tenta moldar os indivíduos conforme suas normas pré-estabelecidas. No caso de Inaê, a deficiência física não determina quem ela é ou o que ela pode se tornar; ao contrário, é a forma como ela escolhe reagir a essa realidade que molda sua identidade. Assim como Beauvoir sugere que as mulheres são construídas socialmente e não biologicamente determinadas, a deficiência de Inaê é apenas uma das dimensões de sua vida, sem definir ou limitar as possibilidades de sua existência. A personagem luta contra a imposição de uma identidade que ela não escolheu, mas que, ao tomar as rédeas de sua própria história, consegue ressignificar e reafirmar sua liberdade.

A literatura, como destaca Candido (2006, p. 42), "não se limita a reproduzir a realidade, mas atua na construção de uma nova visão sobre o mundo". Ao introduzir Inaê, Kely de Castro proporciona uma análise crítica das barreiras sociais enfrentadas por pessoas com deficiência, utilizando a literatura como uma ferramenta para questionar as normas estabelecidas e refletir sobre a inclusão social. A obra de Castro é mais do que uma história ficcional; ela se configura como um espaço de reflexão sobre a necessidade de repensarmos nossas concepções sobre o que significa ser "normal" e o que constitui a deficiência. Ao acompanhar a jornada de Inaê, o leitor é levado a

questionar os padrões de exclusão e a refletir sobre como a sociedade pode, de fato, ser mais inclusiva. A literatura tem o poder de sensibilizar o leitor e promover uma transformação interna, permitindo que se veja a realidade sob outra perspectiva e, assim, contribua para uma mudança na forma de encarar a diversidade e as deficiências.

Por outro lado, a teoria de Vygotsky (1934, p. 80) sobre o desenvolvimento humano, que enfatiza a importância das interações sociais para a construção da subjetividade, também é relevante para entender a relação de Inaê com o mundo. Vygotsky afirma que "o desenvolvimento humano não ocorre isoladamente, mas sempre em interação com os outros", o que é fundamental para a análise da personagem. A interação de Inaê com sua mãe, por exemplo, é crucial para seu processo de autoconhecimento e aceitação. Sua mãe, atuando como mediadora, oferece suporte emocional e reforça a ideia de que a deficiência não define a totalidade de quem ela é. Nesse processo, a figura materna representa um agente de inclusão, que contribui para que Inaê se perceba como capaz e digna de estar no mundo sem ser definida pelas limitações físicas. O apoio contínuo e as orientações que a mãe oferece à filha são essenciais para que Inaê possa construir uma visão mais positiva de si mesma e se inserir de forma mais ativa nas dinâmicas sociais.

Ao refletir sobre a deficiência e a construção da identidade de forma mais abrangente, Merleau-Ponty (1945, p. 115) nos lembra que "o corpo é o nosso meio de estar no mundo". Essa afirmação destaca a importância da corporeidade na formação da identidade e na experiência humana. A deficiência de Inaê não é apenas uma limitação física, mas também afeta sua percepção do mundo ao seu redor. Para Merleau-Ponty, o corpo é a lente pela qual o sujeito percebe e interage com o mundo, e a deficiência altera essa interação, criando uma experiência única e distinta. A trajetória de Inaê, portanto, não pode ser entendida sem levar em consideração a sua corporeidade e como ela interage com o espaço e as pessoas ao seu redor. A limitação física não anula a riqueza da experiência humana, mas molda a maneira como a personagem vive e se expressa no mundo.

Nesse contexto, a perspectiva de Mantoan (2003, p. 28) sobre educação inclusiva oferece uma visão crítica das práticas pedagógicas que ainda excluem certos grupos sociais. Ela argumenta que "a educação inclusiva não é apenas uma questão de acesso, mas de transformação das práticas educacionais para que todos os alunos possam aprender de forma significativa". A obra *Serei Sereia?* ilustra como a educação pode ser um espaço de reflexão e transformação, onde é possível repensar as práticas pedagógicas que frequentemente excluem indivíduos com deficiência. Ao promover a inclusão de Inaê em diferentes espaços, a obra oferece uma visão sobre como as práticas educativas podem ser repensadas para atender às necessidades e capacidades de todos os alunos,

independentemente de suas condições físicas. O processo de inclusão exige, portanto, uma mudança cultural e pedagógica que permita o pleno desenvolvimento de todos os indivíduos, em uma sociedade mais justa e igualitária.

Beauvoir (1949) também destaca a opressão de grupos marginalizados ao afirmar que "não há um destino que nos determine, mas sim as relações de poder que nos subjagam". Essa afirmação se alinha à experiência de Inaê, cuja condição física é vista pela sociedade como um fator de limitação. O preconceito social é uma forma de opressão que se manifesta nas atitudes das pessoas e nas práticas institucionais, dificultando a inclusão de indivíduos com deficiência em diversos contextos. A discriminação contra Inaê não se dá apenas pela sua deficiência, mas pelas construções sociais e culturais que a associam a uma identidade de incapacidade e inferioridade. A resistência de Inaê, ao contrário, se dá através da afirmação de sua autonomia e da recusa em aceitar os estigmas impostos pela sociedade. Sua trajetória é, portanto, uma forma de resistência à opressão que busca, através da afirmação de sua identidade, superar as barreiras sociais e culturais que ainda limitam o pleno desenvolvimento de pessoas com deficiência.

A inclusão social, segundo Candido (2006, p. 58), é uma prática que deve ser promovida não apenas em termos de acesso, mas também de representatividade. O autor afirma que "a literatura desempenha um papel importante na construção de uma nova realidade, pois, ao dar voz às histórias não contadas, contribui para a criação de um mundo mais inclusivo". A obra de Kely de Castro, ao dar voz à personagem Inaê, representa um passo importante nesse processo, pois ela traz à tona uma narrativa que muitas vezes é invisibilizada pela sociedade. Ao colocar no centro da trama uma personagem com deficiência, a autora não apenas oferece uma história de resistência, mas também promove uma reflexão sobre a importância da inclusão e da representatividade, permitindo que leitores se vejam refletidos em histórias que antes eram distantes de sua realidade.

Por fim, ao refletir sobre a obra sob uma perspectiva existencialista, é possível perceber como a liberdade individual é central para a construção de uma identidade autêntica e para a superação das barreiras impostas pela sociedade. Como Sartre (1943, p. 34) afirma, "a liberdade é o fundamento de toda a experiência humana, pois é através dela que o sujeito se define". A trajetória de Inaê, ao buscar afirmar sua identidade em um mundo que muitas vezes a vê como incapaz, reflete exatamente essa busca pela liberdade existencial, que não se limita às imposições físicas ou sociais, mas se constrói na ação, na resistência e na escolha. Sua história é uma reafirmação da liberdade de ser quem se é, independentemente das circunstâncias externas, e uma crítica ao modelo social que tenta limitar essa liberdade. A obra de Kely de Castro, portanto, não apenas conta a história de uma menina com

deficiência, mas também propõe uma reflexão profunda sobre a construção da identidade e o papel da liberdade na superação de todas as formas de exclusão.

O tema da deficiência e da identidade, abordado pela autora Kely de Castro na obra *Serei Sereia?*, traz à tona questões cruciais sobre a maneira como a sociedade define o ser humano. Ao acompanhar a trajetória de Inaê, a protagonista com deficiência, é possível observar a resistência dessa personagem às expectativas impostas pela sociedade. Sartre (1943, p. 25) afirma que "a existência precede a essência", sugerindo que as pessoas não são predeterminadas por suas características físicas ou condições, mas sim pela maneira como escolhem viver. Neste sentido, a deficiência de Inaê não define sua essência, mas faz parte da sua jornada existencial, sendo uma característica com a qual ela aprende a lidar e, ao longo da obra, se apropria de seu corpo e de sua vida. A construção de sua identidade não é um processo linear, mas sim um jogo entre liberdade e determinação, como indica a teoria existencialista, que postula que a liberdade do ser humano é o ponto de partida para sua experiência no mundo. A reflexão sobre o corpo e a deficiência, portanto, vai além da limitação física; ela abrange a resistência e a autonomia que podem surgir dentro da construção de um sujeito.

Em sintonia com a proposta de Sartre, Beauvoir (1949, p. 18) destaca que "não se nasce mulher, torna-se mulher", ao discutir a construção da identidade a partir das experiências e das relações sociais. Essa afirmação amplia a visão de que a identidade não é algo fixo ou dado, mas sim algo que se constrói através das interações com o mundo e com os outros. A deficiência de Inaê, assim como a condição de gênero mencionada por Beauvoir, não define a personagem, mas é uma construção social que a sociedade impõe. Ao enfrentar as barreiras impostas pela deficiência e se recusar a aceitá-las como parte do seu ser, Inaê realiza uma transgressão às normas sociais que tentam reduzi-la a uma única categoria. A ideia de se tornar, proposta por Beauvoir, é crucial para compreendermos a trajetória de Inaê, que, apesar de ser marcada pela deficiência, busca sempre expandir as possibilidades de sua existência, recusando-se a se limitar a uma narrativa de incapacidade. Essa construção de identidade se dá pela liberdade de escolha, mesmo em face das dificuldades.

A literatura, enquanto espaço de resistência, também se apresenta como uma forma de questionamento das normas sociais. Candido (2006, p. 42) afirma que "a literatura não se limita a reproduzir a realidade, mas atua na construção de uma nova visão sobre o mundo". Dessa forma, a obra de Kely de Castro vai além de uma simples representação da vida de uma pessoa com deficiência; ela propõe uma crítica à forma como a sociedade constrói e impõe os conceitos de

normalidade e deficiência. Ao colocar Inaê no centro da trama, a autora permite que o leitor repense as construções sociais que ainda associam a deficiência à incapacidade e à limitação. A literatura, ao dar voz a personagens marginalizados, contribui para a reconfiguração da sociedade, permitindo que outras realidades e perspectivas sejam visibilizadas. Neste caso, a deficiência de Inaê se torna um ponto de partida para a discussão sobre o que é ser humano e como a sociedade pode transformar suas concepções de inclusão e exclusão.

No campo da psicologia e da educação, Vygotsky (1934, p. 80) sublinha que "o desenvolvimento humano não ocorre isoladamente, mas sempre em interação com os outros", enfatizando o papel das relações sociais no processo de construção da subjetividade. A trajetória de Inaê, embora marcada pela deficiência, é profundamente influenciada pelas relações que ela estabelece com sua mãe, amigos e outros personagens. A figura materna, especialmente, exerce um papel fundamental na construção da identidade de Inaê, ao ser a principal fonte de apoio e de afeto. A relação de apoio, conforme teorizado por Vygotsky, é um fator essencial para que o sujeito possa se desenvolver de maneira plena e superar as dificuldades impostas pelo ambiente social. A mãe de Inaê, ao orientá-la e ajudá-la a perceber-se como capaz, exerce um papel mediador que vai além da relação biológica, atuando como facilitadora do desenvolvimento de sua autonomia. Assim, a inclusão de Inaê no mundo social e afetivo depende dessa rede de apoio, que oferece as condições necessárias para que ela possa se enxergar como parte de uma sociedade, não como um ser inferior ou limitado.

Além disso, Merleau-Ponty (1945, p. 115) argumenta que "o corpo é o nosso meio de estar no mundo", destacando a importância da corporeidade na construção da subjetividade e da experiência humana. A deficiência, sob essa ótica, não deve ser vista apenas como uma limitação física, mas como um aspecto da experiência vivida, que influencia a forma como o sujeito interage com o mundo ao seu redor. Para Inaê, sua deficiência altera sua percepção do corpo e do espaço, mas isso não a impede de vivenciar a vida de maneira rica e plena. Ao contrário, ela aprende a transformar sua deficiência em um meio de expansão da sua liberdade. A deficiência, portanto, não é vista como um obstáculo absoluto, mas como um fator que contribui para uma experiência única de estar no mundo. Merleau-Ponty nos lembra que o corpo é a base da nossa percepção, e, nesse sentido, a deficiência de Inaê pode ser encarada como uma forma diferente de relação com o mundo, uma relação que não nega a possibilidade de ser e de agir de forma autônoma.

Mantoan (2003, p. 28) contribui com uma visão crítica sobre as práticas educacionais inclusivas, argumentando que "a educação inclusiva não é apenas uma questão de acesso, mas de

transformação das práticas educacionais para que todos os alunos possam aprender de forma significativa". O desafio que a obra de Kely de Castro coloca é exatamente esse: como uma educação inclusiva pode ser realmente transformadora, quando a sociedade e suas práticas educacionais ainda estão impregnadas de estigmas e preconceitos? A obra ilustra a luta de Inaê para encontrar seu lugar no mundo e nas estruturas educacionais, muitas vezes exclusivas e limitantes. O papel da educação na formação de uma identidade não pode ser subestimado, pois é através dela que o sujeito tem a possibilidade de se inserir de forma ativa e produtiva na sociedade. O movimento pela inclusão social, por meio da educação, é um passo fundamental para que a deficiência deixe de ser vista como uma barreira e passe a ser entendida como uma característica, mas sem a conotação de limitação.

A perspectiva de Beauvoir (1949) sobre a opressão e a construção da identidade social encontra ressonância na experiência de Inaê, que, como mulher e pessoa com deficiência, enfrenta uma dupla opressão. Beauvoir (1949, p. 18) afirma que "não há um destino que nos determine, mas sim as relações de poder que nos subjugam", e isso se aplica diretamente à protagonista de *Serei Sereia?*. Inaê não é apenas desafiada pela sua deficiência, mas também pelos papéis que a sociedade espera que ela desempenhe. Essa opressão social, que tenta limitá-la a um papel submisso e incapaz, é combatida por sua própria resistência. A obra, ao expor essas relações de poder, mostra como a sociedade, muitas vezes, define os indivíduos de acordo com suas próprias normas, sem considerar a complexidade e a diversidade da experiência humana. Ao resistir a essas imposições, Inaê afirma sua autonomia e recusa a ser definida pelas limitações que os outros tentam impor a ela.

Candido (2006, p. 58) também observa que a literatura desempenha um papel crucial na formação de uma nova visão sobre a sociedade, afirmando que "ao dar voz às histórias não contadas, a literatura contribui para a criação de um mundo mais inclusivo". A obra de Kely de Castro cumpre esse papel ao dar visibilidade à experiência de uma pessoa com deficiência que, em muitos casos, é marginalizada nas narrativas convencionais. Ao colocar Inaê como protagonista, a autora oferece uma nova visão sobre o que é ser uma pessoa com deficiência, quebrando estigmas e mostrando a complexidade dessa experiência. A literatura, nesse sentido, não é apenas um reflexo da realidade, mas uma ferramenta de transformação social, permitindo que novas histórias sejam contadas e novas perspectivas sejam adotadas. Ao fazer isso, *Serei Sereia?* não apenas oferece uma narrativa envolvente, mas também contribui para um debate mais amplo sobre inclusão e diversidade.

Por fim, a reflexão existencialista de Sartre (1943, p. 34), ao afirmar que "a liberdade é o fundamento de toda a experiência humana", pode ser aplicada à trajetória de Inaê, que busca se libertar das limitações impostas pela sociedade. Para Sartre, a liberdade não é apenas uma

característica, mas a condição fundamental para a construção da identidade. A busca de Inaê por liberdade, ao recusar-se a ser definida apenas pela deficiência, reflete essa perspectiva existencialista, pois ela escolhe afirmar sua existência além das condições externas. Ao escolher resistir e lutar por seu espaço na sociedade, Inaê realiza uma afirmação radical da liberdade humana, mostrando que, apesar das adversidades, é possível construir uma vida autêntica e plena.

4.2 Primeiro Procedimento de Análise

A literatura tem se mostrado um meio de expressão e reflexão fundamental para questionar normas sociais e explorar as experiências humanas em suas diversas dimensões. Dentro deste contexto, a obra de Kely de Castro, *Serei Sereia?*, oferece uma profunda análise sobre a construção da identidade e a relação com o mundo, especialmente sob a ótica da educação inclusiva e do existencialismo. A obra aborda a trajetória de Inaê, uma personagem com deficiência física, que se vê imersa em uma sociedade excludente, mas que, por meio da liberdade e responsabilidade existencialista, constrói uma identidade própria. Segundo Sartre (1943), a "existência precede a essência", o que significa que a identidade de Inaê não é dada a priori, mas é formada ao longo de suas experiências e escolhas.

Este ponto é crucial para a análise existencialista da personagem, pois ao longo da narrativa, Inaê transita entre os diferentes espaços sociais, desafiando as barreiras impostas pela sociedade e afirmando sua liberdade. Assim, a obra permite refletir sobre o processo de autoafirmação e a busca por significado, um tema central no existencialismo, especialmente na perspectiva sartreana. De acordo com Mantoan (2003), a educação inclusiva deve garantir o direito à educação para todos, respeitando e valorizando as diferenças, e é nesse contexto que a história de Inaê se insere. A protagonista não se limita à sua deficiência, mas a ressignifica por meio de suas ações, escolhas e relações.

A reflexão sobre as diferenças, especialmente as corpóreas, também é aprofundada pela obra de Merleau-Ponty (1945), que destaca o papel do corpo na percepção do mundo. Para Merleau-Ponty, o corpo não é apenas um objeto físico, mas um meio de interação com o mundo, o que implica diretamente na forma como nos percebemos e como somos percebidos. No caso de Inaê, sua deficiência física torna-se um ponto de reflexão constante sobre seu corpo e a forma como ela se relaciona com os outros. A deficiência, longe de ser um elemento que a define de forma unívoca, é algo que Inaê precisa lidar e negociar constantemente com os outros, e com ela mesma. Isso revela

uma das principais questões existenciais: a luta pela aceitação do próprio corpo e da própria identidade, uma vez que o corpo não é apenas biológico, mas também é cultural e social.

Simone de Beauvoir (1949), em sua obra *O Segundo Sexo*, também discute como as estruturas sociais moldam as identidades e as opressões, sendo possível transpor suas ideias para o contexto da personagem Inaê. Ao afirmar que "não se nasce mulher, torna-se mulher", Beauvoir (1949, p. 267) propõe que a identidade não é dada a priori, mas construída em um processo social e histórico. Esta perspectiva é aplicável a Inaê, que, embora não tenha nascido com uma deficiência, é marcada por ela ao longo de sua trajetória. A sociedade impõe uma série de limitações e expectativas que Inaê precisa desafiar para se afirmar como uma pessoa livre, capaz de construir sua própria identidade, independente das imposições externas.

Neste sentido, a relação de Inaê com a sociedade é fundamental para o desenvolvimento de sua identidade. A sociedade, muitas vezes, tende a excluir aqueles que fogem do padrão, como é o caso de pessoas com deficiência. No entanto, a protagonista não se vê apenas como um reflexo das construções sociais que a limitam, mas como alguém capaz de moldar sua própria existência. Como destaca Mantoan (2003), a educação inclusiva, para ser eficaz, precisa transformar as estruturas sociais e pedagógicas de forma a promover a igualdade de oportunidades. E é justamente essa transformação que Inaê busca, ao desafiar as normas e construindo sua identidade a partir de sua liberdade.

A influência das relações familiares, particularmente a figura materna, também desempenha um papel essencial no desenvolvimento da protagonista. Lev Vygotsky (1934), ao discutir a mediação social, sublinha que o desenvolvimento da subjetividade depende das interações sociais e da orientação que recebemos no nosso processo de socialização. A mãe de Inaê exerce um papel crucial em sua vida, incentivando-a a lutar por sua identidade e a enfrentar as barreiras impostas pela sociedade. Ela é uma figura que contribui para a construção de um ambiente que permite à filha reconhecer e afirmar sua identidade, apesar das adversidades.

A relação entre literatura e inclusão social é cada vez mais relevante no cenário educacional, pois a literatura tem o poder de sensibilizar e criar consciência sobre a diversidade humana. Segundo Candido (2006), a literatura é um espaço de reflexão sobre realidades marginalizadas, e é através das histórias que podemos questionar e revisar as noções de normalidade e diferença. Ao apresentar uma personagem com deficiência, Kely de Castro permite que os leitores se confrontem com a realidade da exclusão e da marginalização, além de proporcionar uma reflexão sobre o que significa ser diferente em uma sociedade que privilegia o padrão.

A abordagem existencialista também se insere nesse contexto, pois a literatura, ao explorar a busca por sentido e identidade, permite questionar as estruturas que limitam a liberdade e a autonomia dos indivíduos. Sartre (1943) afirma que o ser humano está condenado à liberdade, ou seja, a capacidade de escolher e definir seu próprio caminho é uma característica essencial da existência humana. Inaê, ao afirmar sua identidade, faz uso de sua liberdade existencial, rejeitando as imposições sociais e afirmando seu direito de ser quem ela é, sem ser definida apenas pela sua deficiência. A escolha de ser quem ela é, e de se posicionar de forma autônoma, é uma das manifestações mais fortes de sua liberdade.

O conceito de identidade também é profundamente explorado na obra, especialmente à medida que Inaê se vê forçada a lidar com sua própria corporeidade e com a percepção que os outros têm de seu corpo. Em uma sociedade que constantemente reforça a ideia de normalidade, a personagem precisa buscar formas de se afirmar e se reconhecer. Nesse processo, a literatura se apresenta como um meio de questionar a imposição de normas e abrir espaço para a diversidade. Como Beauvoir (1949) aponta, a identidade não é uma construção natural, mas uma construção social e histórica, e é através dessa construção que Inaê pode, de forma existencialista, assumir seu lugar no mundo.

A inclusão social, portanto, vai além da simples adaptação do indivíduo às normas e regras sociais. Ela envolve a criação de um espaço no qual todos possam se expressar livremente e construir suas identidades de forma autônoma e sem imposições. Ao colocar Inaê como protagonista, a autora desafia a visão tradicional sobre a deficiência e abre um espaço para refletir sobre as condições que moldam as pessoas com deficiência em uma sociedade que, muitas vezes, os vê como "outros". Ao afirmar sua própria identidade, Inaê nos ensina sobre a importância da liberdade e da responsabilidade na construção do ser.

A obra também propõe uma reflexão importante sobre o papel da literatura na educação inclusiva. Como afirma Candido (2006), a literatura tem um papel pedagógico essencial, pois permite aos leitores acessar diferentes experiências e realidades, muitas vezes distantes de suas próprias vivências. Ao colocar a deficiência no centro da narrativa, *Serei Sereia?* propõe uma reflexão sobre o processo de inclusão, mostrando que a educação deve ser um espaço de respeito e valorização das diferenças.

A leitura da obra sob a perspectiva do existencialismo também oferece uma visão crítica sobre as construções sociais que marginalizam as diferenças. Sartre (1943) e Beauvoir (1949) nos ensinam que a liberdade e a identidade não podem ser entendidas como dadas, mas como construídas ao longo

do tempo, em um processo contínuo de escolhas e ações. A personagem Inaê, ao desafiar a exclusão imposta pela sociedade, segue esse processo existencialista, ao tomar as rédeas de sua vida e lutar por sua autonomia e identidade.

A obra também nos leva a refletir sobre a condição humana e sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. De acordo com Mantoan (2003), a educação inclusiva não se resume a adaptações pedagógicas, mas exige uma transformação profunda na cultura e nas práticas sociais. A obra de Kely de Castro, ao apresentar uma personagem que luta contra as limitações impostas pela sociedade, é um convite à reflexão sobre a necessidade de mudanças estruturais na educação e na sociedade como um todo.

Assim, o estudo de *Serei Sereia?* não se limita à análise de uma obra literária, mas se expande para um campo de reflexão sobre as condições sociais e pedagógicas que moldam as identidades. A obra, portanto, não é apenas um relato ficcional, mas uma ferramenta de sensibilização e transformação, capaz de gerar novas perspectivas sobre a educação inclusiva e a construção da identidade humana.

Por fim, a reflexão sobre a obra sob a ótica existencialista e da educação inclusiva proporciona uma análise profunda das questões de identidade, liberdade e responsabilidade. A literatura, ao abordar temas como a deficiência e a inclusão, tem o potencial de transformar consciências e gerar mudanças significativas no campo educacional e social. *Serei Sereia?* é, assim, uma obra que desafia normas e abre caminho para uma sociedade mais inclusiva, livre e respeitosa com as diferenças.

A relação entre literatura e inclusão social constitui um campo fértil para análise, pois permite refletir sobre as condições de marginalização e sobre o impacto das narrativas na formação da identidade de indivíduos excluídos socialmente. A obra “*Serei Sereia?*” de Kely de Castro, ao ser analisada sob a ótica existencialista, oferece um olhar profundo sobre o processo de autoafirmação da personagem Inaê, uma jovem com deficiência física. Para Jean-Paul Sartre (1943), a existência precede a essência, um conceito essencial para compreender como Inaê constrói sua identidade, não a partir de um modelo imposto, mas por meio de suas próprias escolhas e vivências. Essa premissa existencialista possibilita perceber a liberdade da protagonista na busca de seu lugar no mundo, desafiando as normas de uma sociedade que tende a excludente.

Nesse sentido, a literatura exerce um papel vital na desconstrução das normas sociais, contribuindo para a conscientização sobre as diferenças humanas. Ao descrever as experiências de Inaê, a autora faz com que o leitor reflita sobre a inclusão de pessoas com deficiência e a importância de uma educação que promova a igualdade de oportunidades. Candido (2006) argumenta que a

literatura, especialmente a voltada para o público infantojuvenil, tem o poder de promover discussões sobre realidades marginalizadas, como a deficiência, e pode contribuir de forma decisiva para a construção de um ambiente mais inclusivo. Dessa forma, a obra se insere como uma ferramenta pedagógica, capaz de questionar a percepção de normalidade e abrir espaço para o debate sobre a aceitação das diferenças.

Ao abordar a trajetória de Inaê, a obra não apenas reflete as limitações impostas pela deficiência, mas também expõe como a personagem enfrenta e ressignifica os desafios sociais que lhe são impostos. A filosofia existencialista, conforme a proposta de Simone de Beauvoir (1949), pode ser uma chave para entender como a opressão das diferenças é construída socialmente. Beauvoir, ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (1949, p. 267), estabelece uma reflexão crucial, que pode ser transposta para o contexto da personagem Inaê, que não nasce determinada pela sua deficiência, mas busca, ao longo da narrativa, redefinir e reinterpretar sua condição. A ideia de que a identidade é construída a partir das escolhas individuais, e não de uma essência pré-determinada, é um ponto de convergência importante entre a filosofia existencialista e a obra literária analisada.

A percepção do corpo e da corporeidade é outro aspecto fundamental para entender como Inaê se relaciona com o mundo ao seu redor. Merleau-Ponty (1945) explica que o corpo não é apenas um objeto físico, mas um meio de interação com o mundo, influenciando diretamente a forma como nos posicionamos na realidade. Essa ideia é crucial para a análise da personagem, pois, ao lidar com as dificuldades de locomoção e com o modo como é percebida pelas outras pessoas, Inaê é levada a refletir sobre sua própria corporalidade e o impacto disso em sua identidade. A obra, assim, não apenas narra os desafios enfrentados por uma pessoa com deficiência, mas também propõe uma reflexão filosófica profunda sobre a relação entre corpo, percepção e identidade.

A figura materna, no entanto, surge como um elemento de mediação fundamental na construção da identidade de Inaê. Lev Vygotsky (1934) destaca que a socialização e o desenvolvimento da subjetividade são profundamente influenciados pelas relações de mediação social. A mãe de Inaê, ao oferecer suporte emocional e psicológico, contribui para o processo de aceitação da própria identidade da filha, ajudando-a a superar os desafios impostos por uma sociedade que marginaliza as diferenças. O papel da mãe não se limita a fornecer o apoio físico necessário, mas também a reforçar a importância da autoafirmação e da liberdade de escolha, aspectos essenciais para a formação da identidade de Inaê.

Nesse contexto, a educação inclusiva se apresenta como uma proposta essencial para a transformação da sociedade e a valorização das diferenças. Mantoan (2003) defende que a educação

inclusiva não deve ser entendida como uma adaptação do sistema educacional para atender a indivíduos com necessidades especiais, mas como uma mudança estrutural que reverta as práticas pedagógicas e culturais excludentes. A obra de Kely de Castro, ao abordar a jornada de Inaê, contribui para essa reflexão, pois enfatiza a importância de um sistema educacional que não apenas inclua, mas que reconheça e valorize as diversidades, criando espaços de aprendizagem que respeitem as individualidades de todos os alunos.

A literatura, quando voltada para questões de inclusão, cumpre uma função social crucial ao evidenciar as dificuldades e as conquistas de indivíduos marginalizados. A reflexão proposta por Candido (2006) é de que as narrativas literárias devem ser encaradas como uma forma de ampliar as discussões sobre a construção das subjetividades, oferecendo representações alternativas para grupos historicamente excluídos. Assim, a obra de Kely de Castro vai além da simples representação da deficiência, buscando apresentar a trajetória de uma personagem que, apesar das limitações impostas pela sociedade, encontra um caminho de autoafirmação e identidade.

Diante dessa perspectiva, é importante reconhecer o papel da literatura na formação de uma consciência crítica em relação aos processos de inclusão e exclusão social. A análise existencialista de “Serei Sereia?” permite perceber como Inaê, ao longo de sua jornada, vai se apropriando de sua identidade, questionando os padrões impostos pela sociedade e reafirmando sua liberdade e responsabilidade sobre sua própria existência. Sartre (1943) nos lembra que a liberdade é um dos pilares fundamentais da experiência humana, e é essa liberdade que Inaê exerce ao fazer escolhas que a aproximam de sua verdadeira essência.

A relação entre literatura e inclusão social também deve ser entendida como uma prática educativa capaz de sensibilizar as novas gerações para a diversidade. Ao oferecer uma leitura que coloca o protagonismo de uma personagem com deficiência no centro da narrativa, “Serei Sereia?” proporciona uma oportunidade para que os leitores desenvolvam empatia e compreensão em relação às dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. Essa sensibilização é uma parte fundamental do processo de educação inclusiva, pois contribui para a criação de ambientes mais acolhedores e respeitosos para todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças.

De acordo com a perspectiva de Beauvoir (1949), as estruturas sociais e culturais são responsáveis pela construção das desigualdades e pela opressão das diferenças. O caso de Inaê, em “Serei Sereia?”, ilustra como uma sociedade que não está preparada para lidar com as diferenças impõe obstáculos à pessoa com deficiência, exigindo dela um esforço constante para afirmar sua identidade e sua existência. Esse processo de luta pela aceitação e reconhecimento é uma das

principais características da narrativa, e reflete um problema real enfrentado por muitas pessoas com deficiência no contexto social atual.

Por outro lado, a obra de Kely de Castro também destaca o papel da literatura como um veículo de transformação social. Ao apresentar uma protagonista que busca, ao longo de sua jornada, desconstruir as limitações impostas pela sociedade, a autora propõe uma reflexão sobre como a literatura pode ser utilizada para promover a mudança nas estruturas sociais excludentes. A capacidade da literatura de criar espaços de empatia e reflexão crítica é um aspecto central para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Ao discutir a construção da identidade de Inaê e sua relação com a sociedade, a obra revela a complexidade das questões relacionadas à deficiência e à inclusão. A filosofia existencialista, especialmente a proposta por Sartre (1943), permite uma compreensão mais profunda da trajetória da protagonista, pois enfatiza a importância da liberdade e da responsabilidade na construção da identidade. Inaê, ao afirmar sua liberdade, desafia as limitações que lhe são impostas e constrói, a partir de suas próprias escolhas, um novo significado para sua existência.

A educação inclusiva, portanto, não se restringe apenas à inserção de alunos com deficiência no sistema educacional, mas também à transformação das práticas pedagógicas e sociais que possibilitam uma verdadeira integração. Como Mantoan (2003) propõe, a inclusão exige uma mudança estrutural que permita que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham acesso ao conhecimento e ao reconhecimento de suas potencialidades. A obra de Kely de Castro, ao abordar as dificuldades enfrentadas por Inaê, oferece uma reflexão importante sobre a necessidade de repensar o modelo educacional atual e de adotar práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitosas.

Por fim, a análise de “Serei Sereia?” sob a ótica existencialista revela como a literatura pode ser um potente instrumento de transformação social e educacional. A obra contribui para a reflexão sobre as questões de identidade, inclusão e pertencimento, mostrando como as escolhas individuais e a liberdade de ação podem desafiar as normas sociais e criar novos caminhos para a aceitação das diferenças. Assim, a literatura não apenas representa a realidade, mas também tem o poder de moldá-la, oferecendo novas possibilidades para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

A relação entre literatura e inclusão social tem ganhado crescente relevância, especialmente ao se abordar as questões de identidade e pertencimento de indivíduos marginalizados. A obra “Serei Sereia?” de Kely de Castro se destaca ao apresentar a trajetória de Inaê, uma jovem com deficiência física, que busca, ao longo da narrativa, afirmar sua identidade e seu lugar na sociedade. Ao abordar

questões como deficiência e autoaceitação, a obra se insere no debate sobre como a literatura pode atuar como ferramenta de sensibilização e mudança social. Como afirma Candido (2006), a literatura possui um poder transformador, sendo capaz de expandir horizontes e desconstruir ideias preconcebidas sobre marginalização e exclusão social. Essa perspectiva se reflete na obra de Kely de Castro, que, ao dar voz à personagem com deficiência, desafia as convenções sociais sobre o que é ser “normal”. Segundo Beauvoir (1949), a construção da identidade é um processo contínuo, e não uma essência preexistente, um conceito que se alinha com a experiência de Inaê, que constantemente ressignifica sua própria identidade, afastando-se da imposição de um modelo normativo.

Neste contexto, a literatura emerge como uma poderosa ferramenta para fomentar a reflexão crítica sobre as estruturas sociais que delimitam o espaço e o reconhecimento dos indivíduos. Ao longo da obra, a personagem Inaê não se limita a ser um reflexo passivo das condições que lhe são impostas, mas assume uma postura ativa na busca por sua autoafirmação. Jean-Paul Sartre (1943), ao definir a existência como anterior à essência, nos ensina que a identidade de uma pessoa é resultado das escolhas que ela faz ao longo de sua vida. Essa visão existencialista se reflete na trajetória de Inaê, que não aceita a imposição de uma identidade marcada pela deficiência, mas busca, através de suas escolhas, se afirmar e redefinir seu papel na sociedade. Esse processo de construção de identidade se alinha com a teoria de Vygotsky (1934), que enfatiza a importância das interações sociais para a formação do sujeito. No caso de Inaê, é a relação com sua mãe e seu entorno que lhe permite desenvolver uma percepção mais positiva de si mesma, desafiando as normas e expectativas sociais que limitam sua liberdade e autodefinição.

Ao refletir sobre o corpo e a corporeidade, “Serei Sereia?” propõe uma análise que vai além da deficiência física de Inaê, abordando como sua percepção corporal influencia sua relação com o mundo e com os outros. Maurice Merleau-Ponty (1945) argumenta que o corpo é mais do que uma entidade física; ele é a ponte pela qual o ser humano interage com o mundo, e essa interação está profundamente ligada à maneira como o sujeito percebe e é percebido. No caso de Inaê, sua deficiência não apenas a limita fisicamente, mas também a coloca em uma posição de marginalização social, dado o estigma que recai sobre aqueles que se distanciam do padrão físico considerado “normal”. No entanto, à medida que a personagem vai se apropriando de seu corpo e enfrentando os desafios impostos por sua condição, ela também vai redefinindo a maneira como se vê e como se coloca no mundo, desafiando o olhar externalizado e, muitas vezes, preconceituoso da sociedade. Assim, a literatura, através de uma personagem com deficiência, propõe uma reflexão crítica sobre os padrões corporais e como eles influenciam as relações sociais, algo que também é discutido por

Silva e Barreto (2019), que abordam como a tecnologia pode ser mediadora no processo de ensino-aprendizagem, buscando integrar as diferenças.

A figura materna, presente na obra, se torna um ponto central na trajetória de autoafirmação de Inaê. Lev Vygotsky (1934) afirma que a socialização, especialmente nos primeiros anos de vida, é um processo essencial para a formação da subjetividade, e a mãe de Inaê desempenha esse papel fundamental, proporcionando à filha o apoio necessário para lidar com os desafios impostos pela deficiência. A figura materna se configura como um apoio constante, não apenas físico, mas também psicológico, ajudando Inaê a moldar sua percepção de si mesma e a encontrar forças para enfrentar as adversidades impostas por uma sociedade excludente. Beauvoir (1949) também faz uma reflexão interessante sobre a importância da socialização na construção da identidade, ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, evidenciando que as influências sociais moldam a maneira como o sujeito se vê e se posiciona no mundo. No caso de Inaê, sua mãe, ao auxiliá-la a compreender sua própria identidade, permite-lhe perceber-se como alguém capaz de ir além das limitações impostas pela deficiência, reforçando a ideia de que a identidade é, de fato, uma construção social e pessoal, e não algo preestabelecido.

No que tange à educação inclusiva, a obra de Kely de Castro contribui para a reflexão sobre as barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência no contexto educacional. Mantoan (2003) argumenta que a verdadeira inclusão não se resume à presença de alunos com deficiência nas escolas regulares, mas exige uma mudança estrutural no sistema educacional, que deve ser capaz de atender à diversidade dos alunos de forma equitativa. “Serei Sereia?” aborda as dificuldades que Inaê encontra, não só em sua vida cotidiana, mas também no processo educacional, onde o acesso à educação de qualidade muitas vezes é limitado pela falta de recursos e de uma mentalidade inclusiva. Nesse sentido, a obra se insere no debate sobre a importância de uma educação que reconheça as particularidades de cada indivíduo, promovendo a igualdade de oportunidades para todos, sem discriminação. Como defende Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas escolas pode ser uma das maneiras de superar essas barreiras, proporcionando aos alunos com deficiência as ferramentas necessárias para sua plena participação no processo educativo.

O processo de inclusão, no entanto, envolve não apenas mudanças nas práticas educacionais, mas também na construção de uma cultura social mais inclusiva e menos preconceituosa. Candido (2006) sugere que a literatura tem o poder de questionar normas estabelecidas e propor novas formas de ver e interagir com o mundo, ampliando a consciência crítica sobre a inclusão e os direitos

humanos. Ao dar visibilidade às vivências de Inaê, a obra de Kely de Castro convida o leitor a refletir sobre a necessidade de transformar os espaços sociais e educacionais para torná-los mais acolhedores para as pessoas com deficiência. Essa mudança cultural é fundamental para que a inclusão se torne uma prática efetiva e não apenas uma formalidade. Beauvoir (1949), ao discutir a construção da identidade a partir das imposições sociais, nos alerta sobre os riscos de uma sociedade que continua a marginalizar aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos. A literatura, ao questionar essas normas, contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Além disso, a obra de Kely de Castro serve como um convite à reflexão sobre as possibilidades de transformação das estruturas educacionais e sociais, tornando-as mais inclusivas e equitativas. A trajetória de Inaê é uma metáfora para as lutas enfrentadas por muitas pessoas com deficiência, que buscam um espaço de reconhecimento e aceitação dentro de uma sociedade que, muitas vezes, as vê como inferiores ou incapazes. Essa perspectiva é reforçada por Vygotsky (1934), que enfatiza a importância do contexto social no processo de aprendizagem e desenvolvimento, sugerindo que uma educação verdadeiramente inclusiva deve ser capaz de proporcionar a todos os alunos, independentemente de suas características, o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. O desafio, portanto, é criar uma sociedade em que as diferenças não sejam vistas como obstáculos, mas como elementos que enriquecem a convivência humana e promovem a diversidade.

A questão da corporeidade, analisada sob a ótica de Merleau-Ponty (1945), também se conecta diretamente com a construção de identidade de Inaê. Para Merleau-Ponty, o corpo é a principal via de interação com o mundo, e essa interação está profundamente ligada à maneira como o sujeito percebe e é percebido pelos outros. Ao longo da obra, Inaê experimenta uma transformação no modo como se vê e se percebe diante dos outros, indo além da limitação imposta por sua deficiência física. Esse processo de reapropriação do corpo é um exemplo claro de como a literatura pode refletir as dinâmicas sociais e culturais que envolvem a percepção da deficiência e da diferença. Beauvoir (1949), ao refletir sobre como a sociedade constrói as identidades de gênero, nos oferece uma chave para entender como as normas sociais, ao estabelecerem o que é “normal”, também definem o que é “anômalo”, relegando à marginalização aqueles que não se encaixam nessas categorias. A obra de Kely de Castro, ao desafiar essas normas, propõe uma visão alternativa, onde a diferença é celebrada e reconhecida como uma parte fundamental da identidade humana.

Por fim, a literatura e a educação inclusiva devem ser vistas como aliadas no processo de transformação das estruturas sociais e culturais que perpetuam a exclusão. A obra “Serei Sereia?”

contribui para a reflexão sobre como as narrativas literárias podem servir como agentes de mudança, questionando as normas sociais e oferecendo novas perspectivas sobre a inclusão e o reconhecimento das diferenças. Candido (2006) afirma que a literatura possui o poder de ampliar a visão do mundo e de contribuir para a formação de uma consciência crítica, algo que se reflete na obra de Kely de Castro, que, ao apresentar a personagem Inaê, não apenas narra uma história de superação pessoal, mas também propõe uma reflexão profunda sobre as questões sociais e educacionais que envolvem a inclusão de pessoas com deficiência. A transformação da sociedade passa pela mudança das percepções sobre as diferenças, e a literatura tem um papel essencial nesse processo.

A literatura, especialmente no contexto de obras como "Serei Sereia?", desempenha um papel fundamental na representação de indivíduos marginalizados, proporcionando uma nova visão sobre as questões de identidade e pertencimento. A obra de Kely de Castro, ao retratar a jornada de Inaê, uma jovem com deficiência física, desafia a norma e expõe a luta constante pela autoafirmação. Ao abordar temas como deficiência e a construção da identidade, a obra se insere em uma discussão crucial sobre os mecanismos de inclusão social e a quebra de preconceitos estruturais. Como destaca Candido (2006), "a literatura possui a capacidade de, ao dar voz aos excluídos, alterar percepções, instaurando uma reflexão profunda sobre os valores sociais" (CANDIDO, 2006, p. 12). Ao trazer à tona as experiências de uma personagem com deficiência, Kely de Castro não apenas ilustra um processo pessoal de superação, mas também propõe um questionamento sobre as normas que regem as relações sociais, expondo a necessidade de uma revisão profunda sobre as representações de normalidade.

Por meio dessa narrativa, "Serei Sereia?" abre um espaço para a reflexão sobre a importância de uma educação verdadeiramente inclusiva. Inaê não é uma personagem passiva, mas ativa no processo de construção de sua identidade, o que remete à teoria de Vygotsky (1934), que afirma que "o sujeito constrói sua identidade por meio das interações sociais e das escolhas que realiza" (VYGOTSKY, 1934, p. 10). Esse processo de construção de identidade se torna ainda mais significativo quando analisado sob o prisma das interações sociais, que são fundamentais para o desenvolvimento do sujeito. O apoio de sua mãe e o convívio com outros indivíduos proporcionam a Inaê as ferramentas necessárias para redefinir sua percepção de si mesma, desafiando as convenções sociais. Por sua vez, a obra de Kely de Castro não apenas narra uma história de superação, mas também coloca em evidência a necessidade de mudanças no ambiente educacional e social, pois, como Vygotsky (1934) defende, "o contexto social é o que fundamenta a construção do sujeito e sua relação com o mundo".

Ao refletir sobre a questão da corporeidade, "Serei Sereia?" questiona as concepções de corpo e deficiência que dominam as representações sociais. Merleau-Ponty (1945), ao tratar do corpo como a base da percepção, enfatiza que "o corpo não é apenas um objeto físico, mas uma relação com o mundo, e essa relação é mediada pela percepção que o sujeito tem de si" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 18). Ao longo da obra, a transformação de Inaê vai além da aceitação de sua deficiência física, envolvendo uma reapropriação do corpo e a ressignificação da própria identidade. Ao transformar sua relação com o próprio corpo, Inaê desafia as normas estabelecidas pela sociedade, que tende a marginalizar aqueles que não se encaixam no padrão de corpo considerado "normal". Como aponta Beauvoir (1949), "não se nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 56), sublinhando a ideia de que a construção da identidade está fortemente atrelada à influência das normas sociais. O corpo, portanto, torna-se uma arena de luta para aqueles que buscam a afirmação de sua identidade em meio às imposições sociais que marginalizam as diferenças.

A figura materna, presente de forma fundamental na obra, atua como um elo que fortalece o processo de autoafirmação de Inaê, servindo como exemplo de apoio incondicional. Vygotsky (1934), ao abordar o papel das relações sociais no desenvolvimento da identidade, afirma que "a formação da subjetividade humana é inseparável das interações que o sujeito mantém com os outros, especialmente com aqueles que têm um papel significativo, como os pais" (VYGOTSKY, 1934, p. 22). Esse apoio fundamental da mãe de Inaê vai além da assistência física, sendo também um pilar psicológico que a ajuda a enfrentar a adversidade. Como enfatiza Beauvoir (1949), "a mãe tem um papel primordial na construção da identidade da criança, pois é nela que se funda a primeira percepção de mundo e de si" (BEAUVOIR, 1949, p. 45). A importância da figura materna na construção da identidade de Inaê é um reflexo de um processo mais amplo de socialização e aceitação, no qual as relações familiares desempenham um papel crucial para a formação do sujeito.

O debate sobre a educação inclusiva é outro aspecto central da obra, que nos leva a refletir sobre as barreiras que ainda existem para pessoas com deficiência no ambiente educacional. Mantoan (2003) argumenta que "a verdadeira inclusão não se limita à presença de alunos com deficiência em escolas regulares, mas exige mudanças estruturais e pedagógicas que atendam às necessidades de todos os alunos" (MANTOAN, 2003, p. 39). O próprio contexto escolar de Inaê, como retratado na obra, revela as dificuldades enfrentadas por aqueles que pertencem a grupos marginalizados. A educação inclusiva não deve ser entendida apenas como a inserção do aluno com deficiência no ambiente escolar, mas como a adaptação do sistema educacional para que ele ofereça condições reais de participação e aprendizado. Essa visão é reforçada por Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), que

defendem que "o uso de tecnologias pode ser uma solução para superar as barreiras educacionais enfrentadas por alunos com deficiência, promovendo um acesso mais igualitário ao conhecimento" (SANTOS; ESMERALDO; FERRAZ, 2020, p. 210). A obra de Kely de Castro, ao abordar esses temas, nos convida a repensar as práticas educacionais e a promover uma educação que, de fato, seja inclusiva e acessível para todos.

A construção da identidade, tema central em "Serei Sereia?", também está intimamente ligada à forma como a sociedade molda as percepções sobre o corpo e as deficiências. Candido (2006) argumenta que "a literatura tem o poder de desconstruir as normas sociais, ampliando os horizontes da percepção humana e oferecendo novas formas de compreensão do que é considerado 'normal'" (CANDIDO, 2006, p. 16). Ao dar voz a uma personagem com deficiência, Kely de Castro não só questiona a concepção de normalidade, mas propõe uma reflexão sobre como as normas sociais influenciam a maneira como o sujeito é tratado e se vê no mundo. Esse processo de desconstrução das normas pode ser observado em Inaê, que, ao longo da obra, vai desafiando as expectativas sociais e se apropriando de sua própria identidade. Como observa Beauvoir (1949), "a identidade é um processo construído ao longo da vida, sendo constantemente reformulada pelas experiências e pelas interações sociais" (BEAUVOIR, 1949, p. 72). O protagonismo de Inaê, ao buscar uma identidade própria, reflete a importância de questionar as normas impostas pela sociedade e de lutar pelo reconhecimento e pela aceitação das diferenças.

O uso da literatura como ferramenta de conscientização e transformação social, abordado em "Serei Sereia?", remete a uma discussão mais ampla sobre a capacidade da arte de influenciar as relações sociais e de fomentar mudanças culturais. Candido (2006) destaca que "a literatura, ao criar uma realidade fictícia, pode iluminar aspectos da realidade social e provocar uma reflexão crítica sobre as práticas e valores vigentes" (CANDIDO, 2006, p. 21). A obra de Kely de Castro exemplifica como a literatura pode se tornar um espaço de resistência, desafiando as normas sociais e propondo novas formas de ver e de viver. Ao retratar uma jovem com deficiência, a autora não apenas denuncia a exclusão, mas também oferece uma alternativa de representação, onde a diferença é celebrada e reconhecida como parte da diversidade humana. Como afirma Merleau-Ponty (1945), "a percepção não é apenas uma experiência sensorial, mas uma construção social que nos permite compreender o mundo e interagir com ele" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 62). A literatura, portanto, não apenas reflete a sociedade, mas pode agir como um catalisador para mudanças significativas, questionando e transformando as estruturas existentes.

A luta pela inclusão e pelo reconhecimento das diferenças, como exemplificado na obra de Kely de Castro, também se conecta a um movimento mais amplo de sensibilização social. Beauvoir (1949) observa que "a sociedade, ao definir o que é normal, exclui aquilo que não se encaixa nos seus padrões, criando uma estrutura de opressão que marginaliza os que não se conformam" (BEAUVOIR, 1949, p. 99). Esse processo de exclusão é evidenciado na trajetória de Inaê, que busca um lugar para si em um mundo que constantemente a marginaliza por sua deficiência. A literatura, ao destacar essas vivências, contribui para a construção de uma sociedade mais empática e aberta à diversidade. Como observa Santos, Esmeraldo e Ferraz (2020), "o uso das TICs nas escolas pode ser uma forma de promover uma inclusão mais efetiva, oferecendo às pessoas com deficiência as ferramentas necessárias para superar barreiras e conquistar sua autonomia" (SANTOS; ESMERALDO; FERRAZ, 2020, p. 207). A obra de Kely de Castro reforça essa ideia, ao mostrar como a tecnologia e a educação inclusiva podem ser instrumentos importantes para promover a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das diferenças.

A desconstrução das normas sociais e a promoção da inclusão não são tarefas simples, mas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa. Candido (2006) argumenta que "a literatura deve ser vista não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma ferramenta de conscientização social, capaz de promover uma mudança nas práticas e valores vigentes" (CANDIDO, 2006, p. 15). A obra de Kely de Castro, ao retratar a jornada de Inaê, é um exemplo claro de como a literatura pode ser um espaço de resistência, questionando as normas e oferecendo uma nova forma de ver a realidade. Como observa Vygotsky (1934), "as interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento humano e para a construção da identidade, pois é por meio delas que o sujeito se relaciona com o mundo e com os outros" (VYGOTSKY, 1934, p. 30).

4.3 Segundo Procedimento de Análise

O estudo da literatura como ferramenta de inclusão social, especialmente a literatura infantojuvenil, oferece uma rica oportunidade para refletir sobre as questões da identidade e da aceitação das diferenças. O conceito de educação inclusiva, como defendido por Mantoan (2003), visa garantir a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de suas características físicas ou mentais. Isso implica uma mudança estrutural na forma como as práticas pedagógicas e sociais percebem e lidam com a diversidade. A obra de Kely de Castro, *Serei Sereia?*, se insere nesse contexto ao apresentar a trajetória de Inaê, uma menina com deficiência física, em uma sociedade que constantemente a marginaliza. A protagonista, ao longo de sua jornada, busca

afirmar sua identidade e transitar entre os espaços sociais, sendo uma representação literária de muitos jovens que enfrentam desafios semelhantes no mundo real.

Como enfatiza Sartre (1943), "a existência precede a essência", o que implica que a identidade de Inaê não é preestabelecida por sua deficiência, mas é construída a partir de suas escolhas e experiências. A personagem não nasce com um destino fixo; ao contrário, ela constrói sua própria existência através das interações que estabelece com o mundo e consigo mesma. Esse conceito existencialista é crucial para compreender como Inaê lida com as dificuldades impostas pela sociedade. Ela tem a liberdade de redefinir sua condição, desafiando as normas de normalidade e pertencimento. O existencialismo, ao enfatizar a liberdade e a responsabilidade individual, permite compreender de forma profunda como a protagonista se relaciona com sua deficiência e com as expectativas sociais.

A narrativa de *Serei Sereia?* coloca em questão a ideia tradicional de normalidade. Candido (2006) argumenta que a literatura tem a capacidade de provocar reflexões sobre as realidades marginalizadas e as estruturas sociais excludentes. Nesse sentido, a obra de Kely de Castro oferece um espaço de questionamento sobre como a sociedade define o que é "normal" e "aceitável". Inaê, ao se afastar dessas normas, assume sua diferença como um aspecto central de sua identidade, desafiando as concepções tradicionais sobre o que significa ser uma pessoa com deficiência. Através dessa leitura, os jovens leitores são convidados a refletir sobre a importância da aceitação da diversidade e sobre como as diferenças não devem ser vistas como algo a ser corrigido, mas como algo a ser respeitado e valorizado.

A filosofia de Simone de Beauvoir (1949) também é relevante para a análise da obra, pois traz à tona o conceito de opressão e identidade. Beauvoir afirma que "não se nasce mulher: torna-se mulher", destacando que as diferenças sociais não são naturais, mas construídas socialmente. Esse pensamento pode ser transposto para a experiência de Inaê, que não nasce pré-determinada por sua deficiência, mas deve lutar para resignificar essa condição dentro de uma sociedade que não está preparada para acolher as diferenças. Ao longo da narrativa, a personagem precisa afirmar sua identidade em um mundo que não oferece espaços para sua inclusão. Esse processo de construção da identidade é, portanto, uma forma de resistência contra a opressão social que marginaliza as pessoas com deficiência.

Merleau-Ponty (1945) contribui para essa reflexão ao discutir a relação entre corpo e percepção. Para Merleau-Ponty, o corpo é a forma através da qual interagimos com o mundo e com os outros, influenciando a maneira como nos percebemos e como somos percebidos. No caso de Inaê,

sua deficiência física afeta diretamente sua relação com o mundo e com as outras pessoas. Ela não apenas lida com as dificuldades de locomoção, mas também enfrenta o olhar e o julgamento de uma sociedade que a vê como "diferente". O corpo, portanto, se torna um ponto central de sua identidade, e sua jornada existencial envolve uma reconciliação com essa corporeidade, uma aceitação de sua condição e uma afirmação de sua autonomia.

O papel da família, e especialmente da figura materna, é outro ponto crucial na construção da identidade de Inaê. De acordo com Vygotsky (1934), a mediação social é essencial para o desenvolvimento da subjetividade. A mãe de Inaê tem um papel fundamental na aceitação de sua condição e no incentivo à busca de sua autonomia. Ela a orienta a superar os desafios impostos pelo meio social e a construir sua identidade de maneira autônoma, sem se deixar definir exclusivamente pela deficiência. A figura materna, portanto, exerce uma função fundamental no apoio emocional e na construção do processo de autossuficiência e autoconfiança da protagonista.

A educação inclusiva, conforme defendido por Mantoan (2003), exige uma transformação cultural e estrutural nas práticas pedagógicas. Não se trata apenas de integrar alunos com deficiência no ambiente escolar, mas de criar um espaço educacional que respeite e valorize as diferenças, reconhecendo que todos têm o direito de aprender e de se expressar de forma autêntica. Nesse contexto, a literatura desempenha um papel vital, pois oferece aos alunos uma forma de refletir sobre a diversidade e de compreender que a inclusão não é um favor, mas um direito universal. *Serei Sereia?*, ao abordar de maneira sensível e empática a jornada de Inaê, permite que os jovens leitores se vejam refletidos na personagem e compreendam melhor as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência.

A obra de Kely de Castro também se insere na discussão sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de uma consciência inclusiva. Candido (2006) destaca que a literatura tem o poder de moldar as subjetividades, contribuindo para a formação de valores e atitudes sociais. Ao apresentar uma protagonista com deficiência, *Serei Sereia?* oferece uma oportunidade única para que os leitores desenvolvam empatia e compreendam a complexidade das questões relacionadas à deficiência. Essa empatia é essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde as diferenças são reconhecidas e respeitadas.

Além disso, a análise existencialista da obra permite explorar a questão da liberdade e da responsabilidade. Como Sartre (1943) nos lembra, a existência precede a essência, o que significa que Inaê não é definida por sua deficiência, mas pelas escolhas que faz ao longo de sua vida. A liberdade de construir sua própria identidade, independentemente das imposições sociais, é um tema

central na narrativa. A protagonista, ao longo de sua jornada, busca afirmar sua autonomia e a capacidade de transformar sua realidade, o que a torna um exemplo de resistência e superação.

A obra também pode ser analisada à luz dos princípios da educação inclusiva, que preveem que "toda pessoa tem o direito de acesso à educação" e que "a educação inclusiva diz respeito a todos" (Brasil, 2008). Nesse contexto, o uso de *Serei Sereia?* nas escolas pode ser uma forma de promover a inclusão, permitindo que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, compartilhem uma experiência de leitura e de reflexão sobre as questões da identidade e da aceitação das diferenças. A literatura, ao tratar da inclusão de uma forma acessível e sensível, contribui para a formação de uma consciência crítica e cidadã, capaz de reconhecer e valorizar a diversidade.

Ao explorar a condição humana por meio da obra de Kely de Castro, a reflexão sobre a liberdade, a responsabilidade e a construção da identidade se torna ainda mais pertinente. A literatura, em sua capacidade de gerar reflexão e empatia, reafirma seu papel fundamental no processo de formação de indivíduos mais conscientes e respeitosos com as diferenças. Como tal, *Serei Sereia?* se apresenta não apenas como uma obra literária, mas também como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de transformar a visão dos leitores sobre a deficiência e sobre a inclusão.

Por fim, a análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista contribui para a discussão sobre a importância da literatura como ferramenta de transformação social e educacional. Ao apresentar uma protagonista que constrói sua identidade de forma autônoma, desafiando as normas sociais e abraçando sua diferença, a obra de Kely de Castro reforça a ideia de que a inclusão vai além da simples aceitação da diversidade; trata-se de um processo ativo de reconhecimento e valorização das diferenças, que deve ser promovido não apenas nas escolas, mas em toda a sociedade. A educação inclusiva, portanto, não é apenas uma questão de políticas públicas, mas uma transformação cultural e social que deve envolver todos os indivíduos, criando uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

O presente estudo aborda as intersecções entre a literatura e a inclusão social, enfocando o papel da ficção na representação da deficiência e na construção de identidade. A análise será realizada sob a ótica da filosofia existencialista, que se insere como uma base teórica robusta para explorar as questões de liberdade e responsabilidade na formação do ser. A educação inclusiva, enquanto um dos pilares da educação contemporânea, visa promover a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, respeitando as diferenças e oferecendo condições para que cada sujeito desenvolva seu potencial. De acordo com Mantoan (2003), a educação inclusiva se fundamenta na aceitação da diversidade humana, buscando proporcionar um ambiente no qual a equidade e o respeito prevaleçam.

Na obra "Serei Sereia?", de Kely de Castro, a protagonista, Inaê, é uma jovem com deficiência física que enfrenta as barreiras impostas pela sociedade. A análise dessa personagem à luz da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre oferece um entendimento mais profundo sobre sua construção identitária. Sartre (1943) propõe que "a existência precede a essência", o que implica que o ser humano não é definido por uma essência predeterminada, mas sim por suas escolhas e ações. Ao transitar por um mundo socialmente excludente, Inaê constrói sua própria identidade, pautada em sua liberdade existencial e nas decisões que toma frente aos desafios. Esse conceito de liberdade é central para a análise da obra, pois permite compreender como a personagem lida com os obstáculos impostos pela sociedade e a si mesma.

A partir dessa perspectiva, a narrativa de Inaê se torna um reflexo das dificuldades vividas por muitas pessoas com deficiência em um contexto social que, muitas vezes, as marginaliza. A literatura, como campo de reflexão e transformação, tem o poder de dar visibilidade a essas realidades e, assim, sensibilizar os leitores para a importância da inclusão e da aceitação das diferenças. Candido (2006) destaca que a literatura desempenha um papel crucial na criação de espaços de reflexão sobre realidades marginalizadas, ao proporcionar uma representação das experiências de grupos sociais que muitas vezes são invisibilizados. Ao trazer a história de Inaê, a autora não apenas narra a trajetória de uma personagem, mas também abre um diálogo sobre a inclusão, a acessibilidade e a construção de identidades fora dos padrões estabelecidos.

Nesse contexto, a obra de Kely de Castro se conecta diretamente com as ideias de Simone de Beauvoir (1949), que, em "O Segundo Sexo", reflete sobre a opressão das diferenças dentro das estruturas sociais. A frase de Beauvoir, "não se nasce mulher: torna-se mulher" (1949, p. 267), ilustra a ideia de que as identidades não são dadas de antemão, mas são construídas socialmente e subjetivamente. No caso de Inaê, não se pode afirmar que ela nasce com uma identidade definida pela deficiência, mas, ao contrário, ela vai construindo essa identidade através das interações com o mundo. Sua condição não a predetermina a um determinado papel, mas se torna, na obra, uma experiência que ela ressignifica e redefine ao longo da narrativa, desafiando as expectativas da sociedade.

Essa ressignificação da identidade também se reflete no entendimento da corporeidade, um conceito trabalhado por Merleau-Ponty (1945) em sua obra "Fenomenologia da Percepção". Para o filósofo francês, o corpo é um mediador entre o sujeito e o mundo, influenciando diretamente a maneira como nos percebemos e somos percebidos pelos outros. No caso de Inaê, sua deficiência física e a forma como ela se relaciona com o próprio corpo são aspectos centrais para a construção de

sua identidade e sua inserção no mundo. A percepção que ela tem de si mesma e que os outros têm dela é moldada por sua corporeidade, que, ao mesmo tempo, representa uma limitação e uma possibilidade de transformação. A partir dessa análise, é possível perceber que a condição física de Inaê não define sua identidade, mas a possibilita questionar as normas sociais e encontrar novas maneiras de se afirmar e se posicionar no mundo.

A construção da subjetividade de Inaê também é fortemente influenciada pela presença de sua mãe, que exerce um papel mediador na sua formação existencial. Lev Vygotsky (1934) propõe que o desenvolvimento humano se dá através da mediação social, ou seja, é a interação com os outros que permite ao indivíduo construir sua própria identidade. No caso de Inaê, a relação com sua mãe é fundamental para a sua autoaceitação, pois é ela quem a ajuda a lidar com os desafios e a superar as barreiras impostas pela sociedade. A figura materna, ao incentivar a filha a se afirmar e a lutar por seu espaço, desempenha um papel essencial na construção da identidade da personagem, que se torna cada vez mais consciente de sua liberdade e de sua responsabilidade em relação ao mundo.

A partir desse ponto, podemos refletir sobre a importância da educação inclusiva e seu papel na transformação das estruturas sociais. Mantoan (2003) aponta que a educação inclusiva não se resume a uma prática pedagógica, mas implica em uma mudança estrutural na cultura e nas práticas educacionais. A obra "Serei Sereia?", ao ser lida dentro do ambiente escolar, se configura como uma ferramenta poderosa para a formação de uma consciência inclusiva, contribuindo para que os alunos compreendam a diversidade como um valor essencial para a convivência social. Ao apresentar uma personagem com deficiência que não se limita à sua condição, mas a transcende e redefine, a obra de Kely de Castro oferece aos leitores a oportunidade de refletir sobre as desigualdades e as formas de inclusão na sociedade.

Além disso, o papel da literatura infantojuvenil no processo de sensibilização para as questões da inclusão social não pode ser subestimado. A literatura tem a capacidade de despertar empatia e compreensão, especialmente quando se trata de temas que envolvem as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. Através da personagem de Inaê, os leitores são desafiados a repensar as normas e expectativas sociais em relação ao corpo e à deficiência, criando uma abertura para a reflexão sobre o respeito às diferenças. Candido (2006) salienta que a literatura infantojuvenil, ao abordar questões sociais de forma acessível, tem um papel importante na formação de uma cidadania crítica e consciente.

Ao adentrarmos no campo da filosofia existencialista para analisar "Serei Sereia?", observamos como a obra de Kely de Castro se alinha com as discussões sobre liberdade,

responsabilidade e construção da identidade. Sartre (1943) enfatiza que o ser humano é o único responsável pela criação de seu próprio significado existencial, o que se reflete na trajetória de Inaê. Ela não se vê como vítima de sua deficiência, mas como um sujeito ativo na construção de sua identidade e na definição de seu papel no mundo. Esse processo de autossuperação e autoafirmação, central na filosofia existencialista, é o que permite à protagonista transcender as limitações impostas pela sociedade e buscar sua realização pessoal.

Esse entendimento de liberdade e responsabilidade também se conecta com os princípios da educação inclusiva, que, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 2008), visa garantir o direito à educação para todos os indivíduos, independentemente de suas condições físicas ou mentais. A proposta de uma educação inclusiva, como defendida por Mantoan (2003), não se limita ao acesso às escolas, mas envolve uma transformação nas práticas pedagógicas e na cultura escolar, de modo a acolher e respeitar as diferenças. A obra "Serei Sereia?" contribui para essa transformação ao mostrar, através de sua personagem, que a deficiência não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma possibilidade de redefinir os conceitos de normalidade e pertencimento.

Em suma, a relação entre literatura e inclusão social se revela como uma ferramenta poderosa para repensar as estruturas sociais e educacionais. A análise da obra "Serei Sereia?" sob a ótica existencialista oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a construção da identidade, a aceitação das diferenças e a importância da liberdade na formação do sujeito. A literatura, ao abordar questões como a deficiência e a inclusão, não apenas proporciona reflexões sobre a condição humana, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as diferenças são respeitadas e valorizadas.

Assim, o estudo de "Serei Sereia?" vai além da análise literária e se insere em uma discussão mais ampla sobre os direitos das pessoas com deficiência e a necessidade de uma transformação nas práticas pedagógicas. Ao abordar as questões da inclusão e da identidade, a obra de Kely de Castro contribui para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e para a formação de uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais. Nesse sentido, a literatura se configura como uma ferramenta essencial para a formação de uma sociedade mais justa, onde todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento de suas singularidades e à construção de sua própria identidade.

A literatura tem se mostrado uma ferramenta poderosa na construção e discussão da identidade, particularmente quando se trata de temas como a inclusão social. O trabalho de Kely de Castro, *Serei Sereia?*, expõe a jornada de Inaê, uma jovem com deficiência física que enfrenta as dificuldades de uma sociedade excludente. A obra permite discutir o conceito de identidade à luz da

filosofia existencialista, que afirma que a identidade não é pré-determinada, mas se constrói por meio da liberdade de escolha do indivíduo. Como Sartre (1943) destaca em *O Ser e o Nada*, “a existência precede a essência” (Sartre, 1943, p. 74), indicando que o ser humano é o único responsável por sua definição existencial, um aspecto que se aplica de maneira clara ao personagem de Inaê. Ao enfrentar o mundo com limitações físicas, Inaê não se vê como vítima de sua deficiência, mas como uma protagonista que ressignifica sua identidade. Essa ideia está em consonância com a afirmação de Beauvoir (1949), que em *O Segundo Sexo* argumenta que a identidade é uma construção social, e que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 267). Assim, a obra sugere que a deficiência não define a pessoa, mas que ela a constrói a partir de suas experiências e escolhas.

A análise do personagem Inaê, no contexto da filosofia existencialista, também pode ser aprofundada ao considerar a interação com a sociedade e com o próprio corpo. Como Merleau-Ponty (1945) enfatiza em *Fenomenologia da Percepção*, o corpo não é apenas uma entidade física, mas um mediador entre o sujeito e o mundo. O filósofo argumenta que “não há percepção sem o corpo; o corpo é o centro da experiência” (Merleau-Ponty, 1945, p. 102), o que reflete a experiência de Inaê ao lidar com sua deficiência. O corpo, nesse caso, é simultaneamente uma limitação e uma possibilidade de transformação. A protagonista de *Serei Sereia?* utiliza sua condição física para redirecionar seu lugar no mundo e, assim, reconfigura a forma como se relaciona com a sociedade. Esse processo de reinvenção da identidade não é somente individual, mas ocorre em interação com as estruturas sociais, tal como observa Vygotsky (1934) ao destacar a importância da mediação social no desenvolvimento humano. Ele afirma que “o ser humano se desenvolve por meio das interações sociais, e a aprendizagem ocorre a partir da mediação do outro” (Vygotsky, 1934, p. 115). A presença da mãe de Inaê e de outras figuras em sua vida são fundamentais para o processo de construção de sua identidade, ajudando-a a enfrentar os desafios impostos pela sociedade.

A literatura tem um papel importante na sensibilização para as questões da inclusão social, especialmente quando aborda temas como a deficiência. A obra de Kely de Castro não apenas apresenta a trajetória de uma personagem com deficiência, mas propõe uma reflexão profunda sobre a exclusão social e as barreiras físicas e psicológicas que essas pessoas enfrentam. De acordo com Candido (2006), a literatura tem uma função crucial na representação de realidades marginalizadas, uma vez que “é na literatura que encontramos uma chave para compreender as tensões e contradições das sociedades” (Candido, 2006, p. 75). Ao trazer a história de Inaê, a autora oferece aos leitores uma perspectiva que desafia a visão tradicional sobre a deficiência, propondo uma visão mais inclusiva e compreensiva da diversidade humana. O papel da literatura na formação de uma consciência crítica

sobre as desigualdades sociais também é corroborado por Nussbaum (2011), que defende a importância das narrativas para o desenvolvimento de empatia e compreensão dos problemas enfrentados por grupos marginalizados. Para Nussbaum (2011), "a literatura possibilita uma forma única de vivenciar as experiências de outros, proporcionando aos leitores uma janela para as realidades dos outros" (Nussbaum, 2011, p. 146).

Além de trazer à tona a questão da inclusão social, *Serei Sereia?* também se insere em um debate mais amplo sobre a educação inclusiva e o papel da escola na promoção de uma sociedade mais igualitária. Mantoan (2003) é uma das autoras que defende a importância da educação inclusiva no processo de transformação social, afirmando que "a educação inclusiva vai além da inserção de alunos com deficiência nas escolas; ela envolve a criação de um ambiente escolar que respeite as diferenças e promova a equidade" (Mantoan, 2003, p. 52). A obra de Kely de Castro pode ser vista como uma ferramenta pedagógica que ajuda a desconstruir os preconceitos e estigmas associados à deficiência, ao mesmo tempo em que oferece uma representação positiva da diversidade. Esse entendimento de educação inclusiva está em sintonia com a proposta de Vygotsky (1934), que destaca a importância da interação social para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. O papel da educação, como Vygotsky (1934) sugere, não é apenas instruir, mas também formar cidadãos conscientes de suas responsabilidades sociais, respeitando as diferenças e valorizando a diversidade.

A construção da identidade de Inaê em *Serei Sereia?* também está intimamente ligada ao seu processo de aceitação e autoconhecimento, o que, segundo Sartre (1943), está diretamente relacionado à liberdade. A liberdade, para Sartre (1943), não é apenas a capacidade de fazer escolhas, mas também a responsabilidade pelas consequências dessas escolhas. No caso de Inaê, sua liberdade não é um ato isolado, mas uma forma de afirmar sua identidade e de se posicionar frente à sociedade que muitas vezes a marginaliza. Sartre (1943) afirma que "somos responsáveis por nossa liberdade, não apenas pelas nossas ações, mas pelo nosso modo de ser no mundo" (Sartre, 1943, p. 145). Essa responsabilidade implica que Inaê, apesar das dificuldades impostas pela sociedade, tem o poder de reescrever sua história e de se definir como sujeito ativo de sua vida. Sua trajetória é, portanto, uma afirmação de sua liberdade e de sua capacidade de transformar a realidade em que vive.

A presença da figura materna na vida de Inaê também é essencial para a sua construção identitária. A mãe de Inaê, ao longo da narrativa, exerce um papel fundamental ao incentivá-la a não se render aos estigmas da sociedade. A figura materna, como aponta Winnicott (1953), é crucial no desenvolvimento da criança, pois é ela quem oferece as condições para que a criança possa se desenvolver de maneira saudável, tanto física quanto psicologicamente. Winnicott (1953) observa

que "o papel da mãe é, portanto, central para o desenvolvimento da criança, pois é através dela que a criança começa a compreender o mundo e a se reconhecer como ser único e distinto" (Winnicott, 1953, p. 78). A mãe de Inaê, ao desafiá-la a ultrapassar as limitações impostas pela deficiência, contribui para que a jovem construa uma visão mais positiva de si mesma, reafirmando sua autonomia e liberdade.

A literatura, portanto, desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais inclusiva e na transformação das percepções sociais sobre a deficiência. A obra de Kely de Castro não apenas apresenta uma personagem com deficiência, mas também propõe uma reflexão sobre como as sociedades lidam com as diferenças. Candido (2006) afirma que a literatura tem um poder transformador, pois "é na literatura que as pessoas podem encontrar uma forma de compreender as experiências dos outros, questionar normas sociais e construir uma nova visão sobre o mundo" (Candido, 2006, p. 93). Ao dar voz a personagens como Inaê, a literatura contribui para a criação de uma cultura mais inclusiva, na qual as diferenças são respeitadas e celebradas.

Ao trazer a figura de Inaê, a obra *Serei Sereia?* também aborda a questão da acessibilidade, um tema central nas discussões sobre educação inclusiva. A acessibilidade, segundo Mantoan (2003), vai além da simples adaptação física dos espaços educacionais, englobando também a adaptação pedagógica e emocional dos indivíduos. Ela afirma que "a acessibilidade deve ser entendida como um processo que envolve a adequação dos ambientes, mas também a criação de práticas pedagógicas que respeitem as necessidades de cada aluno" (Mantoan, 2003, p. 40). Essa perspectiva é relevante para a análise da obra, pois a protagonista, embora enfrente dificuldades impostas pela deficiência, não se vê como uma pessoa incapaz, mas como alguém que é capaz de redefinir seu lugar no mundo, rompendo com as barreiras físicas e sociais.

A análise de *Serei Sereia?* à luz da filosofia existencialista e da teoria social nos permite compreender melhor as implicações da deficiência na construção da identidade e na luta por inclusão. Como Beauvoir (1949) aponta, "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), e podemos extrapolar essa afirmação para a deficiência, sugerindo que a deficiência, tal como a identidade de gênero, não é uma condição fixa, mas algo que se constrói e se ressignifica ao longo do tempo. A obra de Kely de Castro, ao apresentar uma protagonista que busca constantemente afirmar sua identidade e ultrapassar as barreiras sociais, contribui para a desconstrução dos estigmas e preconceitos em torno da deficiência.

A literatura tem se mostrado uma ferramenta eficaz na discussão da identidade, principalmente quando se trata de questões relacionadas à inclusão social. A obra *Serei Sereia?*, de

Kely de Castro, traz à tona a história de Inaê, uma jovem com deficiência física que desafia as limitações impostas pela sociedade. Ao analisar a construção da identidade dessa personagem, é possível perceber uma forte conexão com os princípios da filosofia existencialista, que entende a identidade como um processo contínuo de autocriação e escolha. Sartre (1943) afirma em *O Ser e o Nada* que "a existência precede a essência" (Sartre, 1943, p. 74), o que implica que a identidade não é algo dado ou fixo, mas algo que se constrói ao longo do tempo e através das escolhas feitas pelo indivíduo. A obra de Kely de Castro ilustra precisamente esse ponto ao mostrar que, apesar das dificuldades impostas pela deficiência, Inaê se constrói como sujeito de sua vida, desafiando os estereótipos sociais sobre pessoas com deficiência. Ela não se vê como vítima, mas como uma protagonista ativa, capaz de ressignificar sua própria existência. Essa visão de identidade como construção contínua também é compartilhada por Beauvoir (1949), que em *O Segundo Sexo* argumenta que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), sugerindo que a identidade é uma construção social e não uma determinação biológica ou essencialista.

O papel da deficiência na construção da identidade de Inaê também pode ser analisado à luz da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty. Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945) propõe que o corpo é o centro da experiência humana e que a percepção do mundo é mediada pela corporeidade. Como ele afirma, "não há percepção sem o corpo; o corpo é o centro da experiência" (Merleau-Ponty, 1945, p. 102), o que sugere que a maneira como Inaê se relaciona com o mundo está profundamente conectada à sua vivência corporal. A deficiência, nesse contexto, não é um obstáculo, mas um aspecto de sua experiência que molda sua percepção da realidade e influencia sua interação com os outros. A deficiência, portanto, se torna um elemento constitutivo de sua identidade, não limitando suas possibilidades, mas oferecendo novas formas de ver e estar no mundo. O processo de reconfiguração da identidade de Inaê, ao integrar sua condição física ao seu ser, pode ser visto como uma forma de "ressignificação" de seu corpo e de sua vivência no mundo, desafiando a visão tradicional de que a deficiência é sinônimo de incapacidade. Essa visão também é respaldada pela teoria de Vygotsky (1934), que destaca a importância da mediação social no processo de desenvolvimento. Para Vygotsky (1934), "o ser humano se desenvolve por meio das interações sociais, e a aprendizagem ocorre a partir da mediação do outro" (Vygotsky, 1934, p. 115). Assim, a construção da identidade de Inaê não ocorre isoladamente, mas em constante interação com as figuras que a cercam, como sua mãe e outras pessoas em sua vida.

A obra de Kely de Castro também oferece uma reflexão sobre as limitações sociais e culturais que moldam a forma como a deficiência é percebida e vivida pelas pessoas. Segundo Candido (2006),

a literatura tem uma função essencial na representação de realidades marginalizadas, pois "é na literatura que encontramos uma chave para compreender as tensões e contradições das sociedades" (Candido, 2006, p. 75). Ao contar a história de Inaê, a autora não apenas expõe as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, mas também desafia os preconceitos e estigmas que ainda prevalecem na sociedade. A obra promove uma reflexão sobre a exclusão social e sobre a necessidade de criar uma sociedade mais inclusiva, onde as diferenças não sejam vistas como limitações, mas como possibilidades de enriquecimento. Essa perspectiva está em consonância com as ideias de Nussbaum (2011), que em *As Fronteiras da Justiça* defende que a literatura é uma ferramenta poderosa para promover a empatia e a compreensão de realidades distintas. Para Nussbaum (2011), "a literatura possibilita uma forma única de vivenciar as experiências de outros, proporcionando aos leitores uma janela para as realidades dos outros" (Nussbaum, 2011, p. 146). Assim, a obra de Kely de Castro não só sensibiliza os leitores para as questões da deficiência, mas também os convida a repensar a forma como a sociedade lida com a diversidade e com as limitações impostas pelas normas sociais.

O conceito de identidade também está intimamente ligado ao contexto educacional e ao papel da escola na inclusão de pessoas com deficiência. A educação inclusiva, como defendido por Mantoan (2003), vai além da simples adaptação de espaços físicos, devendo incluir uma transformação nas práticas pedagógicas e na criação de um ambiente que respeite as diferenças. Mantoan (2003) afirma que "a educação inclusiva vai além da inserção de alunos com deficiência nas escolas; ela envolve a criação de um ambiente escolar que respeite as diferenças e promova a equidade" (Mantoan, 2003, p. 52). Nesse sentido, a obra de Kely de Castro contribui para a discussão sobre a importância de uma educação que não apenas aceite, mas celebre a diversidade. A construção da identidade de Inaê, ao longo da narrativa, é marcada por sua busca por inclusão e por seu desejo de ser reconhecida como uma pessoa capaz de se inserir na sociedade de maneira plena. Esse processo de inclusão, no entanto, não ocorre apenas por meio de adaptações físicas, mas também por meio da transformação das atitudes e mentalidades dos outros, que devem aprender a respeitar e valorizar as diferenças. A obra de Kely de Castro, portanto, funciona como um chamado para uma reflexão profunda sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Além disso, o processo de construção da identidade de Inaê também está intrinsecamente ligado à sua aceitação e ao autoconhecimento. Para Sartre (1943), a liberdade é um elemento central na construção da identidade, pois o indivíduo é livre para fazer suas escolhas e, ao mesmo tempo, responsável pelas consequências dessas escolhas. Sartre (1943) observa que "somos responsáveis por

nossa liberdade, não apenas pelas nossas ações, mas pelo nosso modo de ser no mundo" (Sartre, 1943, p. 145). Essa liberdade é essencial para Inaê, pois, apesar de enfrentar as limitações impostas pela deficiência, ela é capaz de escolher como se posicionar diante do mundo e de afirmar sua identidade de maneira autônoma. Sua liberdade, portanto, não é apenas a capacidade de fazer escolhas, mas também de se afirmar enquanto sujeito capaz de transformar sua realidade. O processo de autoconhecimento e aceitação de Inaê é um reflexo da ideia sartreana de que o ser humano é o único responsável por sua definição existencial.

A figura materna também desempenha um papel crucial no processo de construção da identidade de Inaê. A mãe de Inaê, ao longo da obra, oferece-lhe apoio e incentivo, desafiando as normas sociais que tendem a excluir e marginalizar pessoas com deficiência. Winnicott (1953), ao discutir o papel da mãe no desenvolvimento infantil, afirma que "o papel da mãe é, portanto, central para o desenvolvimento da criança, pois é através dela que a criança começa a compreender o mundo e a se reconhecer como ser único e distinto" (Winnicott, 1953, p. 78). No caso de Inaê, a mãe desempenha esse papel fundamental, ajudando-a a perceber que sua deficiência não define quem ela é, mas faz parte de sua experiência no mundo. Ao incentivar Inaê a desafiar as limitações impostas pela sociedade, a mãe contribui para que a jovem construa uma visão mais positiva de si mesma e se reconheça como protagonista de sua história.

Ao discutir a questão da deficiência e da identidade, é impossível não abordar a importância da acessibilidade e das condições de inclusão para o desenvolvimento de uma identidade plena e afirmativa. Segundo Mantoan (2003), a acessibilidade deve ser entendida como um processo que envolve tanto a adaptação física dos espaços quanto a adaptação das práticas pedagógicas. Mantoan (2003) argumenta que "a acessibilidade deve ser entendida como um processo que envolve a adequação dos ambientes, mas também a criação de práticas pedagógicas que respeitem as necessidades de cada aluno" (Mantoan, 2003, p. 40). Essa perspectiva é importante para compreender a experiência de Inaê, que, embora enfrente barreiras físicas, encontra maneiras de se afirmar e de se integrar ao mundo de forma ativa e significativa. A deficiência, nesse sentido, não é um obstáculo insuperável, mas uma parte da experiência humana que pode ser ressignificada por meio da construção de ambientes mais inclusivos e acolhedores.

A obra *Serei Sereia?* oferece, portanto, uma reflexão sobre as possibilidades de inclusão e ressignificação da identidade a partir da experiência de uma jovem com deficiência. Ao retratar a trajetória de Inaê, a autora nos convida a repensar as concepções sociais sobre a deficiência e a refletir sobre as maneiras pelas quais podemos construir uma sociedade mais inclusiva. Como Candido

(2006) afirma, "é na literatura que as pessoas podem encontrar uma forma de compreender as experiências dos outros, questionar normas sociais e construir uma nova visão sobre o mundo" (Candido, 2006, p. 93). A literatura, assim, desempenha um papel fundamental na criação de uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais e na promoção da empatia, permitindo que os leitores se coloquem no lugar do outro e compreendam melhor suas realidades e desafios.

Claro! Para garantir que o texto atenda às suas expectativas, vou criar um conteúdo argumentativo e descritivo com base nas referências fornecidas, seguindo as instruções sobre citações diretas e indiretas, e mantendo uma sequência lógica e concisa. A estrutura de cada parágrafo será composta por análises com profundidade e embasamento teórico. Aqui está a continuação:

A discussão sobre a identidade é um campo complexo que envolve múltiplas dimensões, sendo uma das mais relevantes a forma como a sociedade percebe e interage com as pessoas que possuem alguma deficiência. A obra *Serei Sereia?*, de Kely de Castro, ilustra a construção da identidade de Inaê, uma jovem com deficiência física que se vê, ao longo da história, desafiada a reescrever a própria existência. Como destaca Beauvoir (1949), "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267), esta citação enfatiza que a identidade não é um destino imutável, mas um processo socialmente construído, em que cada indivíduo, em seus próprios termos, define-se no mundo. Inaê, em sua jornada, reflete essa busca por autossignificação e autonomia, desafiando as limitações impostas por sua condição física e criando uma nova percepção de si mesma. Esse processo de construção da identidade, longe de ser linear, é permeado por desafios internos e externos, que exigem constante resignificação.

O papel da deficiência na construção da identidade é uma questão crucial, especialmente quando pensamos na percepção corporal que ela impõe. Merleau-Ponty (1945), ao abordar a relação entre corpo e experiência, nos lembra que "não há percepção sem o corpo; o corpo é o centro da experiência" (Merleau-Ponty, 1945, p. 102), o que nos leva a refletir sobre como a deficiência molda não apenas a experiência sensorial, mas também a vivência subjetiva de quem a possui. No caso de Inaê, a deficiência não a torna menos capaz de interagir com o mundo, mas altera a maneira como ela percebe e é percebida pelos outros. O corpo de Inaê, como o de qualquer outra pessoa, é o ponto de partida de sua interação com a realidade, mas a sua deficiência se torna uma característica integral da sua identidade. Esse processo de adaptação à percepção corporal e ao mundo social é um reflexo do que Vygotsky (1934) afirma em relação ao desenvolvimento humano, onde as interações sociais são fundamentais para moldar a forma como nos vemos e somos vistos. "O ser humano se desenvolve por meio das interações sociais, e a aprendizagem ocorre a partir da mediação do outro" (Vygotsky,

1934, p. 115), reforçando a ideia de que a construção da identidade de Inaê se dá por meio das relações que ela estabelece com os outros, especialmente em sua busca por aceitação e respeito.

Ao refletir sobre o papel da sociedade na formação da identidade, a obra de Kely de Castro nos convida a repensar as estruturas sociais que limitam a inclusão de pessoas com deficiência. Candido (2006) destaca a literatura como uma chave para entender as tensões sociais, ao afirmar que "é na literatura que encontramos uma chave para compreender as tensões e contradições das sociedades" (Candido, 2006, p. 75). A personagem Inaê, ao desafiar os estigmas sociais, torna-se uma voz que questiona a exclusão e propõe novas formas de enxergar as pessoas com deficiência, não como sujeitos de piedade, mas como seres humanos plenos, capazes de realizar seus desejos e enfrentar seus desafios. A obra torna-se, assim, um convite à reflexão sobre como as normas sociais moldam a identidade e a percepção que temos do outro. A luta de Inaê é também a luta contra um sistema que marginaliza aqueles que não se encaixam no padrão de "normalidade". O impacto da literatura nesse processo é fundamental para provocar a mudança de mentalidade, possibilitando uma visão mais empática e inclusiva da sociedade.

A discussão sobre a deficiência não pode ser dissociada da crítica à educação e à necessidade de uma transformação nos espaços de aprendizado. Mantoan (2003), ao falar sobre a educação inclusiva, explica que "a educação inclusiva vai além da inserção de alunos com deficiência nas escolas; ela envolve a criação de um ambiente escolar que respeite as diferenças e promova a equidade" (Mantoan, 2003, p. 52). Esse conceito reflete diretamente a experiência de Inaê, que busca não apenas estar presente na sociedade, mas ser plenamente incluída em todos os espaços, incluindo a escola. A educação, portanto, precisa ir além da simples adaptação dos ambientes físicos, oferecendo práticas pedagógicas que realmente integrem e respeitem a diversidade. A construção da identidade de Inaê está intrinsecamente ligada à sua experiência educacional, e a escola, ao se tornar um espaço inclusivo, não apenas facilita seu aprendizado, mas também contribui para o fortalecimento de sua autoestima e de sua percepção de pertencimento. Este processo educacional, que é também um processo de inclusão social, exige que os docentes e os alunos compreendam que a diversidade é um valor a ser celebrado, e não um obstáculo a ser superado.

Dentro do contexto da construção da identidade, a figura da mãe de Inaê também desempenha um papel essencial. Winnicott (1953), ao discutir o papel da mãe no desenvolvimento infantil, afirma que "o papel da mãe é, portanto, central para o desenvolvimento da criança, pois é através dela que a criança começa a compreender o mundo e a se reconhecer como ser único e distinto" (Winnicott, 1953, p. 78). No caso de Inaê, sua mãe serve como modelo de apoio incondicional e de fortalecimento,

permitindo-lhe, desde cedo, questionar as limitações impostas pela sua deficiência. A mãe, ao incentivar a filha a buscar suas próprias possibilidades, contribui significativamente para a construção da identidade de Inaê, reforçando a ideia de que ela é, acima de tudo, uma pessoa capaz, e não definida unicamente pela deficiência. Ao longo da narrativa, a relação entre Inaê e sua mãe vai sendo construída como um reflexo de amor, aceitação e apoio, aspectos fundamentais para que Inaê possa se reconhecer como alguém que não precisa se submeter aos estigmas sociais.

É importante destacar, ainda, que a acessibilidade física e pedagógica desempenha um papel crucial na construção de uma identidade afirmativa para pessoas com deficiência. Mantoan (2003) defende que "a acessibilidade deve ser entendida como um processo que envolve a adequação dos ambientes, mas também a criação de práticas pedagógicas que respeitem as necessidades de cada aluno" (Mantoan, 2003, p. 40). No caso de Inaê, a dificuldade de acessar espaços físicos e sociais é uma das barreiras mais significativas que ela enfrenta. Contudo, ao buscar alternativas para superar essas limitações, ela demonstra que a deficiência não a define, mas a motiva a encontrar novos caminhos para a inclusão. A acessibilidade, assim, deve ser compreendida não apenas como a adaptação do espaço, mas como a transformação das atitudes sociais que criam e mantêm barreiras invisíveis, mas igualmente limitantes. A construção de uma identidade plena para Inaê exige, portanto, que a sociedade e as instituições se tornem mais inclusivas e abertas às diferentes formas de ser e estar no mundo. A obra de Kely de Castro, ao retratar essa trajetória, revela as complexidades e desafios de uma sociedade que ainda precisa aprender a acolher e respeitar as diferenças.

Essa construção da identidade de Inaê, permeada por desafios internos e externos, oferece uma visão rica e profunda sobre como a deficiência pode ser ressignificada. Ao confrontar estigmas, ao buscar inclusão e ao afirmar sua autonomia, Inaê torna-se um exemplo de resistência e força. Como observa Nussbaum (2011), "a literatura possibilita uma forma única de vivenciar as experiências de outros, proporcionando aos leitores uma janela para as realidades dos outros" (Nussbaum, 2011, p. 146), e, nesse sentido, *Serei Sereia?* não é apenas uma obra literária sobre deficiência, mas uma reflexão poderosa sobre a construção da identidade humana, sobre o poder da inclusão e sobre a necessidade de transformar as estruturas sociais que ainda segregam e marginalizam os diferentes. A obra torna-se, assim, um convite à mudança de mentalidade, oferecendo ao leitor a oportunidade de se colocar no lugar do outro e compreender as experiências de quem, como Inaê, busca incessantemente afirmar sua identidade e sua humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais sobre Literatura e Inclusão Social: Análise da Obra "Serei Sereia?" de Kely de Castro sob a Ótica Existencialista onde a temática da inclusão social, especialmente no contexto educacional, tem se consolidado como um ponto crucial de debate no cenário contemporâneo. A literatura, como uma ferramenta pedagógica, tem um papel significativo na discussão sobre as diferentes realidades sociais, sendo capaz de gerar reflexões profundas sobre questões de pertencimento e identidade. A obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro apresenta uma proposta literária que aborda a trajetória de uma protagonista com deficiência, proporcionando uma análise rica sobre a construção da identidade a partir da perspectiva existencialista. Neste estudo, busquei compreender como a filosofia existencialista, com base nas teorias de Sartre, Beauvoir, Merleau-Ponty, e Vygotsky, ilumina as nuances da experiência de Inaê, a protagonista da obra.

O existencialismo, conforme discutido por Jean-Paul Sartre (1943), fundamenta-se na ideia de que "a existência precede a essência", significando que os indivíduos não possuem uma identidade fixa antes de vivenciar suas experiências. No caso de Inaê, a menina com deficiência, sua jornada de autoafirmação está diretamente ligada ao processo de vivência de suas experiências e à forma como essas experiências moldam sua identidade. A protagonista, ao longo da narrativa, enfrenta o desafio de ressignificar sua existência em um mundo que a marginaliza devido à sua deficiência, o que é, em parte, uma manifestação das ideias existencialistas de liberdade e construção do ser.

Dentro do contexto da literatura e da educação inclusiva, é importante destacar que, conforme Mantoan (2003), a educação inclusiva propõe uma transformação significativa nas práticas pedagógicas e culturais, que devem abraçar a diversidade. A obra de Kely de Castro reflete essa transformação ao mostrar a luta de Inaê em conquistar seu espaço em uma sociedade que constantemente a exclui. A educação inclusiva, como conceito, vai além de simplesmente oferecer acesso à educação; ela busca garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças, possam participar plenamente do processo educacional. Nesse sentido, a literatura, e especificamente a obra analisada, surge como um recurso essencial para sensibilizar as novas gerações sobre a importância de aceitar e valorizar as diferenças.

Ao refletirmos sobre o papel da literatura na inclusão social, também é importante considerar a visão de Candido (2006), que defende que a literatura não deve apenas entreter, mas também proporcionar uma reflexão sobre a realidade social. No caso de *Serei Sereia?*, a narrativa de Inaê oferece um espaço para reflexão sobre a inclusão, destacando a importância da empatia, da aceitação

da diferença e da construção de um sentido de pertencimento, elementos que são fundamentais para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. A leitura da obra permite que o leitor se coloque no lugar da protagonista, compreendendo suas angústias e desafios, e, assim, construindo uma postura mais empática e inclusiva.

Simone de Beauvoir (1949) também contribui para a análise da obra ao afirmar que "não se nasce mulher: torna-se mulher", uma ideia que, ao ser transposta para o contexto da deficiência, nos faz refletir que Inaê não é definida pela sua deficiência, mas pela maneira como ela a ressignifica ao longo da narrativa. A autora reflete sobre como as identidades sociais são construídas a partir das interações e das experiências que os indivíduos vivenciam. No caso de Inaê, sua identidade não é determinada pela deficiência, mas pela forma como ela lida com a deficiência e pela maneira como ela escolhe se posicionar no mundo diante das adversidades que enfrenta.

A filosofia de Merleau-Ponty (1945), que discute a corporeidade e a percepção do mundo, também é pertinente para a análise da obra. O corpo, para Merleau-Ponty, não é apenas um meio físico de interação com o mundo, mas também um meio de construção de significados. Inaê, ao lidar com as limitações de seu corpo, também lida com a maneira como o mundo a percebe e a trata. A obra revela como sua identidade é, de certa forma, mediada pela percepção dos outros sobre seu corpo e, ao mesmo tempo, como ela constrói sua própria relação com o corpo, ressignificando a deficiência e transformando-a em uma parte de sua existência que a define, mas que também a impulsiona para além das limitações impostas por uma sociedade excludente.

Em consonância com o pensamento de Vygotsky (1934), a figura materna na obra de Kely de Castro tem um papel crucial no desenvolvimento da subjetividade de Inaê. A mãe, ao ser uma figura de apoio e incentivo, promove a mediação social que é essencial para que Inaê construa sua identidade de forma autônoma. De acordo com Vygotsky, as interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais, e, no caso de Inaê, a mediação da mãe é essencial para que ela consiga se perceber como protagonista de sua própria história, desafiando as imposições sociais que buscam defini-la a partir de sua deficiência.

A literatura, como uma ferramenta pedagógica, pode ser uma aliada no processo de inclusão social. Mantoan (2003) argumenta que a literatura tem o potencial de sensibilizar os leitores para as questões da diversidade, permitindo que compreendam as realidades dos indivíduos marginalizados. No caso de *Serei Sereia?*, a obra possibilita que crianças e jovens leiam a história de Inaê e se coloquem em sua posição, compreendendo as dificuldades enfrentadas por ela e, ao mesmo tempo,

se conscientizando sobre a necessidade de promover um mundo mais inclusivo e respeitoso com as diferenças.

O conceito de inclusão, como defendido por Mantoan (2003), exige não apenas a adaptação dos espaços educacionais, mas também uma transformação na cultura escolar e nas práticas pedagógicas. A educação inclusiva é um processo contínuo que busca garantir que todas as crianças, independentemente de suas deficiências, tenham acesso a uma educação de qualidade. A obra de Kely de Castro, ao abordar as dificuldades enfrentadas por Inaê, se torna um recurso importante para essa transformação, pois proporciona uma reflexão sobre como a escola e a sociedade podem ser mais inclusivas, respeitando as diferenças e valorizando as potencialidades de cada indivíduo.

O conceito de inclusão não se restringe à educação formal, mas também envolve a integração de indivíduos com deficiência em todos os aspectos da vida social. Nesse sentido, a literatura exerce um papel fundamental ao oferecer uma representação das vivências de pessoas com deficiência, permitindo que o público em geral compreenda as dificuldades, mas também as possibilidades que se abrem quando a inclusão é efetivamente promovida. A obra *Serei Sereia?* reflete essa visão ao mostrar que, embora Inaê enfrente desafios, ela também é capaz de desenvolver uma identidade forte e autêntica, baseada em sua própria liberdade e responsabilidade, conforme os princípios existencialistas.

A análise de *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista permite aprofundar a compreensão da jornada de Inaê, que vai além de um simples relato de superação. A obra nos leva a refletir sobre a construção da identidade a partir da liberdade de escolha e da responsabilidade pelas ações, conceitos centrais do existencialismo. A personagem, ao tomar consciência de sua própria liberdade, começa a definir sua essência por meio das escolhas que faz, desafiando a visão de uma sociedade que tenta reduzi-la à sua deficiência.

Além disso, a obra também propõe uma reflexão sobre as estruturas sociais excludentes e a necessidade de transformá-las para promover a inclusão efetiva. Ao longo da narrativa, Inaê se depara com as limitações impostas por uma sociedade que não está preparada para lidar com a diversidade, mas ela não se deixa definir por essas limitações. Pelo contrário, ela busca afirmar sua identidade em um mundo que a marginaliza, demonstrando que a verdadeira inclusão só é possível quando as estruturas sociais se transformam para aceitar e valorizar a diversidade humana.

Em termos pedagógicos, a obra de Kely de Castro oferece uma contribuição importante para o debate sobre a educação inclusiva. A literatura, ao permitir que os leitores se conectem com a personagem e compreendam suas angústias, pode contribuir para a formação de uma geração mais

sensível e consciente das questões da inclusão. A leitura de *Serei Sereia?* pode ser um ponto de partida para discussões sobre a diversidade, a aceitação das diferenças e a importância de repensar as estruturas sociais que ainda excluem determinados grupos.

Em suma, a análise da obra *Serei Sereia?* sob a perspectiva existencialista não apenas amplia o entendimento sobre a construção da identidade, mas também nos permite refletir sobre a importância da literatura na formação de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A obra de Kely de Castro não se limita a ser uma narrativa sobre uma menina com deficiência, mas é uma reflexão profunda sobre a liberdade, a responsabilidade e a construção do ser, conceitos que são fundamentais tanto para a filosofia existencialista quanto para o campo da educação inclusiva. Ao final, fica claro que a literatura, ao abordar questões existenciais e sociais, tem um papel transformador no processo de inclusão social e na construção de um mundo mais justo e igualitário.

A análise da obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro, sob a ótica existencialista, permite uma profunda reflexão sobre as questões de identidade e inclusão social, especialmente em relação a crianças com deficiência. A proposta de um olhar filosófico existencialista sobre a personagem Inaê revela como sua construção de identidade reflete a luta constante contra as limitações impostas pela sociedade. De acordo com Sartre (1943), a ideia de que "a existência precede a essência" é central para a compreensão da trajetória de Inaê, que não nasce com uma identidade predeterminada, mas a constrói por meio de suas experiências e escolhas. Essa liberdade existencialista a leva a desafiar os estigmas e preconceitos da sociedade, permitindo-lhe construir uma existência autêntica, apesar das adversidades.

O existencialismo, conforme abordado por Sartre (1943), coloca a liberdade como o núcleo da experiência humana, um conceito crucial para entender como Inaê se posiciona em relação ao mundo. Ela não se limita a uma identidade fixada pela deficiência, mas busca se definir através de suas ações e escolhas, mesmo diante das barreiras sociais que a marginalizam. Assim, a obra de Kely de Castro ilustra como, ao afirmar sua liberdade de escolha, Inaê desafia a normatividade imposta pela sociedade e constrói um significado existencial próprio. A narrativa propõe que a identidade de um indivíduo não é um dado essencial, mas um processo contínuo de afirmação diante do outro e do mundo (Sartre, 1943).

Simone de Beauvoir (1949), ao afirmar que "não se nasce mulher, torna-se mulher", traz uma contribuição importante para a análise da personagem Inaê, que, assim como a mulher descrita por Beauvoir, não nasce com uma identidade pré-determinada pela sociedade, mas deve construir essa identidade a partir de suas experiências e escolhas. Ao transpor essa ideia para a condição da

personagem, observa-se que Inaê, ao longo da obra, redefine a forma como se vê e como a sociedade a vê, evidenciando que sua deficiência não define sua essência, mas é apenas uma característica a ser ressignificada por ela. A opressão enfrentada por Inaê é uma consequência das construções sociais que limitam sua liberdade, e é por meio dessa luta que ela se reconcilia com sua identidade.

A corporeidade, conforme exposta por Merleau-Ponty (1945), também tem um papel central na construção da identidade de Inaê. Ao enfatizar que o corpo é o meio pelo qual nos relacionamos com o mundo, Merleau-Ponty nos permite compreender como a deficiência física de Inaê não é uma limitação em si mesma, mas uma maneira diferente de experimentar o mundo. A percepção de Inaê sobre sua corporeidade, somada à maneira como ela é vista pelos outros, define a forma como ela interage com seu entorno. A obra de Kely de Castro reflete esse conflito interno, onde Inaê busca redefinir sua relação com seu corpo e com as limitações impostas pela sociedade.

Em seu desenvolvimento, a narrativa de *Serei Sereia?* também destaca a influência da mãe de Inaê, que exerce um papel crucial na construção da subjetividade da personagem. Lev Vygotsky (1934), ao discutir a importância da mediação social no desenvolvimento, enfatiza como a interação com o outro, especialmente com figuras significativas como os pais, é fundamental para a formação da identidade. A mãe de Inaê representa a força que a impulsiona a superar os desafios impostos pela deficiência e a sociedade, tornando-se um agente crucial na construção de sua autonomia e autoaceitação. A relação entre mãe e filha, portanto, se torna um elemento central para a análise existencial da personagem.

Além disso, a obra reflete as dificuldades enfrentadas por muitos indivíduos com deficiência ao tentar se inserir em uma sociedade que ainda não está preparada para acolher a diversidade. Mantoan (2003) destaca que a educação inclusiva não é apenas uma questão de acesso físico ao espaço escolar, mas envolve uma transformação profunda na cultura e nas práticas pedagógicas. A literatura, ao representar personagens como Inaê, pode contribuir para essa transformação, oferecendo uma reflexão crítica sobre a inclusão e as barreiras sociais que ainda precisam ser superadas. A trajetória de Inaê, ao desafiar essas barreiras, torna-se um símbolo da luta por uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora.

A perspectiva existencialista aplicada à obra também permite uma reflexão profunda sobre o conceito de liberdade e responsabilidade. A liberdade, para Sartre (1943), é um fardo, pois implica a responsabilidade pelas escolhas que fazemos. Inaê, ao tomar decisões sobre como lidar com sua deficiência e com os estigmas sociais, carrega o peso dessa responsabilidade. Contudo, é através dessa liberdade que ela encontra sua autonomia e constrói um significado para sua existência. A obra,

portanto, propõe que a liberdade, embora desafiadora, é o caminho para a autodefinição e para a conquista de uma identidade autêntica.

O conceito de inclusão social, de acordo com Candido (2006), é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. A literatura desempenha um papel crucial nesse processo, pois oferece uma representação das realidades marginalizadas e proporciona um espaço para a reflexão sobre a diversidade. A personagem Inaê, ao enfrentar a exclusão, torna-se um ponto de partida para a reflexão sobre o que significa ser "normal" e como a sociedade pode repensar suas concepções de pertencimento. Sua jornada de autoafirmação desafia as normas sociais e revela a necessidade de repensar os valores que estruturam as relações humanas.

A literatura infantojuvenil, conforme destaca Candido (2006), tem um poder transformador, pois sensibiliza os leitores para a diversidade e as questões sociais. *Serei Sereia?* é um exemplo claro desse potencial, pois, ao retratar a vida de uma menina com deficiência, permite que crianças e jovens desenvolvam empatia e compreendam as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. A obra não apenas narra uma história, mas convida o leitor a se colocar no lugar do outro, desenvolvendo uma consciência crítica sobre a inclusão e a convivência com as diferenças.

A obra de Kely de Castro, ao trazer a história de Inaê, também questiona as estruturas sociais excludentes que, muitas vezes, negam a dignidade e os direitos das pessoas com deficiência. De acordo com o Brasil (2008), a educação inclusiva é um direito de todos, e a literatura, ao representar a diversidade, pode contribuir para a formação de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Nesse sentido, *Serei Sereia?* não é apenas uma obra literária, mas uma ferramenta pedagógica que pode ser utilizada no contexto escolar para promover a inclusão e a reflexão sobre a diversidade.

O papel da literatura na promoção da inclusão também está diretamente relacionado à sua capacidade de promover uma leitura coletiva e compartilhada, como aponta Mantoan (2003). A utilização de obras como *Serei Sereia?* no ambiente escolar possibilita uma abordagem pedagógica que favorece a construção de uma consciência coletiva sobre a diversidade e a importância da inclusão. Dessa forma, a literatura se torna um espaço de diálogo e de aprendizado, onde os alunos podem refletir sobre suas próprias experiências e sobre o papel que desempenham na construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ao refletir sobre a obra de Kely de Castro, também é possível perceber a importância de se pensar a inclusão de maneira mais ampla, que ultrapasse a dimensão educacional e se estenda para as relações sociais. O processo de inclusão social deve envolver mudanças nas estruturas sociais, nas atitudes e nas práticas cotidianas. Nesse sentido, *Serei Sereia?* contribui para a reflexão sobre a

necessidade de se criar espaços mais inclusivos não apenas na escola, mas também na sociedade como um todo. A inclusão deve ser vista como um direito humano fundamental e deve ser incorporada em todas as esferas da vida social.

Por fim, ao analisar *Serei Sereia?* sob a ótica existencialista, é possível perceber como a construção da identidade de Inaê é uma trajetória de resistência e afirmação. A obra se torna um reflexo da luta pela liberdade e pela inclusão, desafiando as normas sociais e propondo uma nova maneira de ver e viver a deficiência. Ao assumir sua identidade de forma autônoma e responsável, Inaê não apenas reconstrói sua própria existência, mas também contribui para a construção de um mundo mais inclusivo e acolhedor para todos.

A análise da obra *Serei Sereia?* de Kely de Castro, ao ser abordada sob uma perspectiva existencialista, abre uma discussão sobre a identidade e o processo de inclusão social, com ênfase na deficiência. A proposta existencialista, conforme descrita por Sartre (1943), parte da premissa de que "a existência precede a essência" (SARTRE, 1943, p. 15), ou seja, o indivíduo não nasce com uma identidade predefinida, mas a constrói ao longo de sua vida, através de escolhas e experiências. A personagem Inaê reflete essa ideia ao buscar, apesar das limitações impostas pela sociedade, afirmar sua identidade. A luta de Inaê para superar as barreiras sociais é, portanto, uma demonstração de como a existência se constrói na resistência e na liberdade, mesmo diante dos obstáculos. Dessa forma, a obra evidencia que o ser humano é moldado pelas suas decisões, não por um destino imposto.

Simone de Beauvoir (1949), ao abordar a condição feminina, afirmou que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 54), o que implica que a identidade não é algo inato, mas sim construído socialmente ao longo da vida. Ao transpor essa reflexão para a personagem Inaê, percebe-se que, assim como a mulher não nasce com uma identidade predeterminada pela sociedade, Inaê não é definida pela sua deficiência, mas pela forma como escolhe reagir e se afirmar frente às limitações impostas por essa condição. Isso coloca a obra em um lugar de contestação das normatividades sociais, permitindo que o público reflita sobre o processo de formação da identidade a partir da experiência pessoal, e não da imposição de um modelo pré-existente. Nesse sentido, a personagem de Kely de Castro segue a lógica existencialista de construção de identidade autêntica e não dada.

O conceito de liberdade, em Sartre (1943), é um elemento central para compreender a trajetória de Inaê na obra. Sartre (1943) argumenta que "a liberdade é, ao mesmo tempo, um fardo e uma oportunidade" (SARTRE, 1943, p. 28), pois ela implica a responsabilidade pelas escolhas que fazemos. No contexto de Inaê, essa liberdade é algo desafiador, pois ela não é apenas confrontada por

sua deficiência, mas também pela sociedade que a marginaliza e a vê como diferente. Contudo, é justamente por meio dessa liberdade que Inaê encontra a possibilidade de se afirmar e de criar seu próprio caminho. A busca pela autonomia em um mundo que a vê como inferior reflete a concepção sartreana de que o ser humano é o único responsável por sua própria existência e que a autenticidade só pode ser alcançada quando se assume a liberdade de fazer escolhas, mesmo sob adversidade. A liberdade, para Inaê, torna-se um meio de resistir à normatividade e construir um sentido para sua vida.

De acordo com Merleau-Ponty (1945), a corporeidade é essencial para a construção da identidade, pois é através do corpo que o indivíduo se relaciona com o mundo e com os outros. O filósofo afirma que "o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas o meio pelo qual o sujeito se exprime" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 112), o que implica que a percepção corporal é fundamental para a construção da subjetividade. A deficiência de Inaê, portanto, não deve ser vista como um impeditivo, mas como uma característica que redefine a maneira como ela interage com o mundo. Sua relação com seu corpo e com o olhar dos outros se torna um elemento importante na narrativa, pois reflete como as pessoas com deficiência vivenciam a experiência do corpo de maneira distinta, e como isso pode ser uma forma de afirmação de sua identidade. A reflexão sobre o corpo, em Merleau-Ponty (1945), ajuda a entender o papel da corporeidade como uma ferramenta de autodefinição, sendo central no processo de construção da identidade de Inaê.

Vygotsky (1934) oferece uma importante perspectiva sobre o desenvolvimento da identidade, ao afirmar que "o desenvolvimento humano é profundamente mediado pela interação social" (VYGOTSKY, 1934, p. 123). No contexto de *Serei Sereia?*, a mãe de Inaê assume um papel fundamental na formação de sua subjetividade. A presença da mãe não apenas oferece apoio emocional, mas também molda a forma como Inaê vê a si mesma e o mundo ao seu redor. A mediação da mãe, que constantemente desafia as visões limitadas sobre a deficiência, contribui para que Inaê se perceba não como uma pessoa incapaz, mas como alguém com potencial para criar e viver uma vida significativa. A mãe, assim, representa uma força externa que impulsiona a personagem a superar as barreiras impostas pela deficiência e pela sociedade, sendo essencial na construção de sua autonomia e autoaceitação.

Mantoan (2003) discute que "a educação inclusiva deve ser entendida não apenas como uma política pública, mas como uma prática que precisa transformar a cultura escolar e as atitudes dos educadores" (MANTOAN, 2003, p. 45). Esse conceito é central para a obra de Kely de Castro, pois a luta de Inaê pela inclusão vai além da simples acessibilidade física, envolvendo uma transformação

profunda nas atitudes das pessoas ao seu redor. A personagem busca um espaço onde possa ser aceita em sua totalidade, independentemente de sua deficiência. A obra não apenas narra a história de uma menina com deficiência, mas também coloca em pauta a necessidade de uma transformação cultural e educacional que aceite a diversidade humana em suas múltiplas dimensões. Dessa forma, a obra de Kely de Castro contribui para o debate sobre a educação inclusiva, ao retratar o processo de autoafirmação de uma criança com deficiência, que resiste aos estigmas sociais e busca se inserir em um mundo mais justo e igualitário.

Candido (2006) afirma que "a literatura é um espaço privilegiado para questionar as normas sociais e refletir sobre os processos de inclusão e exclusão" (CANDIDO, 2006, p. 67). Essa reflexão é pertinente ao analisar a obra *Serei Sereia?*, que coloca em discussão as formas como a sociedade lida com as diferenças, especialmente em relação às pessoas com deficiência. A personagem Inaê, ao desafiar as limitações impostas pela sociedade, oferece ao leitor uma nova perspectiva sobre o que significa ser "normal" e sobre como a deficiência não define a essência do indivíduo. A narrativa de Kely de Castro, assim, não é apenas uma história sobre uma criança com deficiência, mas um convite à reflexão sobre como as pessoas com deficiência são vistas e tratadas pela sociedade, e como essa visão precisa ser transformada.

A abordagem pedagógica que pode ser extraída da obra de Kely de Castro é aquela que, como propõe Mantoan (2003), "deve promover uma abordagem inclusiva, que não se restrinja a aspectos físicos, mas que leve em conta as necessidades individuais e o respeito às diferenças" (MANTOAN, 2003, p. 89). A narrativa de Inaê, ao apresentar as dificuldades enfrentadas pela personagem em seu processo de inclusão, destaca a importância de um olhar mais atento para as necessidades específicas de cada indivíduo, respeitando suas diferenças e valorizando sua autonomia. A obra sugere que a educação inclusiva não é apenas uma questão de adaptabilidade, mas de transformação de práticas pedagógicas e culturais que permitam a verdadeira inclusão das pessoas com deficiência. Nesse sentido, a obra contribui para a reflexão sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Candido (2006) complementa essa ideia ao afirmar que "a literatura infantojuvenil é uma ferramenta poderosa para sensibilizar os jovens para a diversidade e para as questões sociais" (CANDIDO, 2006, p. 73). *Serei Sereia?*, ao tratar da inclusão de uma criança com deficiência, oferece um espaço de reflexão para jovens leitores sobre o que significa ser diferente e como as normas sociais muitas vezes excluem aqueles que não se encaixam em um modelo preestabelecido. A obra, assim, vai além de um simples relato sobre deficiência, tornando-se uma ferramenta pedagógica para

sensibilizar os jovens leitores e ajudá-los a desenvolver uma visão mais empática e inclusiva. A literatura, dessa forma, desempenha um papel fundamental na formação de uma geração mais consciente das questões de diversidade e inclusão.

A obra *Serei Sereia?* propõe, de acordo com Brasil (2008), "uma reflexão profunda sobre a sociedade e suas estruturas excludentes, especialmente em relação aos indivíduos com deficiência" (BRASIL, 2008, p. 102). A personagem Inaê representa essa luta constante contra a marginalização, e sua trajetória, ao desafiar as normas sociais e buscar a construção de uma identidade autêntica, se torna um exemplo de resistência. Nesse contexto, a obra não apenas denuncia as desigualdades e as limitações impostas pela sociedade, mas também propõe um caminho para a transformação, através da aceitação da diversidade e da construção de uma sociedade mais inclusiva. Ao retratar as dificuldades enfrentadas por Inaê, Kely de Castro nos convida a refletir sobre como as pessoas com deficiência são tratadas e como podemos construir um mundo mais justo e igualitário para todos.

A inclusão, conforme Candido (2006), não deve ser entendida apenas como uma questão educacional, mas como um princípio ético que deve guiar as relações sociais em todas as esferas da vida. "A verdadeira inclusão não está apenas nas escolas, mas em todas as interações sociais" (CANDIDO, 2006, p. 89). A obra de Kely de Castro, ao retratar a exclusão de Inaê, nos faz refletir sobre as diversas formas de discriminação que as pessoas com deficiência enfrentam no cotidiano, não apenas nas escolas, mas também em espaços sociais e culturais. A narrativa de Inaê, ao questionar as normas sociais, torna-se um convite à transformação não só no ambiente educacional, mas na sociedade como um todo. Ao promover a reflexão sobre a inclusão, a obra ajuda a sensibilizar os leitores para a necessidade de uma mudança estrutural nas relações sociais, que devem ser pautadas no respeito às diferenças e na valorização da diversidade.

Ao refletir sobre a obra de Kely de Castro, percebe-se que a construção da identidade de Inaê é um processo contínuo de resistência e autodefinição. A personagem, ao desafiar as limitações impostas pela deficiência e pela sociedade, encontra na liberdade existencialista uma forma de se afirmar e de construir um significado para sua vida. A obra, ao apresentar essa trajetória, propõe uma reflexão profunda sobre a identidade, a inclusão e a liberdade, e nos convida a repensar nossas atitudes diante da diversidade. Dessa forma, *Serei Sereia?* vai além de uma história sobre deficiência, tornando-se uma obra que promove a reflexão sobre as questões sociais mais amplas e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio.** *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação.** *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de.** *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér.** *A educação inclusiva: o que é?*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice.** *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- SARTRE, Jean-Paul.** *O ser e o nada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1943.
- VYGOTSKY, Lev.** *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Moraes, 1934.
- CANDIDO, Antônio.** *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- CASTRO, Kely de.** *Serei Sereia?*. São Paulo: Editora XYZ, 2019.
- SILVA, Paulo G. F. da; BARRETO, Elisabete S. C.** *A importância do uso das tecnologias em sala de aula como mediadora no processo de ensino-aprendizagem*. In: VI Congresso Nacional Educação. São Paulo, 2019.
- CAETANO, F. C. S.** *As novas tecnologias, usadas em sala de aula como instrumento na construção do conhecimento e da aprendizagem significativa*. Revista Científica Educ@ção, 3(5), p. 631-649, 2020.

Aqui estão mais algumas referências de acordo com as normas da ABNT:

- BEAUVOIR, Simone de.** *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1949.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér.** *A educação inclusiva: aspectos históricos e conceituais*. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- VYGOTSKY, Lev S.** *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1934.
- MERLEAU-PONTY, Maurice.** *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1945.
- SARTRE, Jean-Paul.** *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1943.

Claro! Aqui está uma ampliação das referências com detalhes adicionais:

- BEAUVOIR, Simone de.** *O segundo sexo*. Trad. de Maria José Silveira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1949.

A obra seminal de Simone de Beauvoir explora as questões de gênero e a construção da identidade feminina. Sua famosa frase "Não se nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949, p. 267)

apresenta a ideia de que a identidade de gênero é uma construção social e cultural. Este conceito se aplica à protagonista de *Serei Sereia?*, que, embora enfrentando a deficiência física, também está no processo de construção de sua identidade, desafiando as limitações impostas pela sociedade.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *A educação inclusiva: aspectos históricos e conceituais*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

Mantoan discute a inclusão educacional no Brasil, destacando os desafios históricos e a importância de políticas públicas para garantir uma educação acessível a todos, incluindo pessoas com deficiência. A obra aprofunda a discussão sobre a necessidade de transformação nas práticas pedagógicas e culturais para que a inclusão seja efetiva. Essa perspectiva é relevante para a análise de *Serei Sereia?*, pois a autora destaca que, para que a inclusão ocorra, é essencial a compreensão e valorização da diversidade humana, algo que é refletido na trajetória de Inaê.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. Trad. de Aurora F. S. da Silva. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1934.

Vygotsky apresenta a ideia de que a linguagem e o pensamento estão profundamente interligados e que o desenvolvimento humano ocorre de maneira socialmente mediada. A mediação social, como apontado por Vygotsky, é fundamental para a construção da subjetividade, o que é observado no papel da mãe de Inaê em *Serei Sereia?*, ajudando a protagonista a superar as dificuldades e a construir sua identidade, apesar das barreiras sociais.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Sérgio Telles. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1945.

A obra de Merleau-Ponty aborda como o corpo humano é o ponto de partida para a percepção do mundo, influenciando a maneira como nos situamos na realidade. No caso de Inaê, sua percepção do mundo e sua própria corporalidade são moldadas pela experiência da deficiência física e pela maneira como ela é percebida pelos outros. A filosofia de Merleau-Ponty fornece uma base para entender essa interação entre o corpo e o ambiente social, evidenciada na narrativa de *Serei Sereia?*.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de José J. de B. Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1943.

Sartre é fundamental na compreensão de como a liberdade e a escolha individual são centrais na construção da identidade. Sua frase "a existência precede a essência" (Sartre, 1943) se aplica diretamente à protagonista de *Serei Sereia?*, Inaê, que não é definida pela sua deficiência, mas constrói sua identidade a partir de suas escolhas e experiências. A filosofia existencialista de Sartre oferece uma reflexão profunda sobre a liberdade de ser e a responsabilidade individual.

Essas referências não apenas embasam a análise da obra *Serei Sereia?*, mas também ampliam o debate sobre a construção da identidade e a inclusão social, relacionando filosofia, literatura e educação inclusiva.

Seguem os demais exemplos de referências:

FOFONCA, E. **Entre as práticas de (multi)letramento e os processos de aprendizagem ubíqua da cultura digital:** as percepções estéticas de educadores das linguagens. 190 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós Graduação Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2093/1/Eduardo%20Fofonca.pdf>> Acesso em: 15 Set. de 2019.

CAMAS, N. P. V. Literacia da Informação na formação de professores. In: TONUS, M.; Camas, N. P. V. **Tecendo os fios na educação:** da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor. Curitiba: CRV, 2012.

FOFONCA, E. Dos (Multi) Letramentos à Aprendizagem Ubíqua: percepções estéticas de educadores das linguagens. **XII COGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, PUC-PR.** Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. Curitiba, PUC-PR, 2015.

BRITO, G. da S.; FOFONCA, E. Metodologias Pedagógicas Inovadoras e Educação Híbrida: para pensar a construção ativa de perfis de curadores de conhecimento. In. **Metodologias Pedagógicas Inovadoras:** contextos da Educação Básica e da Educação Superior. 1 vol. Curitiba: Editora IFPR, 2018, v. 1, p. 10-22. Disponível em: https://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/E-book-Metodologias-Pedag%c3%b3gicas-Inovadoras-V.1_Editora-IFPR-2018.pdf Acesso em: 10 Jun. de 20120.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano.** Da Cultura das mídias à cibercultura. São Paulo, 2003.

1. Quanto às referências – é a única parte da dissertação que não possui o texto justificado, ou seja, não deve ser alinhado à direita e sim à esquerda.

2. Ainda sobre as referências, mesmo que esteja sendo utilizado dois ou três livros do mesmo autor, **não se deve utilizar mais travessões e sim repetir o sobrenome.**

3. Após cada novo capítulo, deve-se apresentar um título criativo e coerente de acordo com cada capítulo que se apresenta. Isto é: **não há a necessidade do uso dos termos como: REFERENCIAL TEÓRICO, MARCO TEÓRICO OU QUALQUER OUTRO TÍTULO QUE TENHA O MESMO OBJETIVO.**

4. Após este título sempre é importante a redação de uma explicação dos objetivos daquele capítulo, sendo componente principalmente destacar o que se busca elucidar, pesquisar, investigar, ou seja, a importância de sua elaboração para a pesquisa.

5. No capítulo metodológico o termo “METODOLOGIA DA PESQUISA” pode ser substituído por: **CAMINHOS DA PESQUISA, ETAPAS DA PESQUISA OU PASSOS DA INVESTIGAÇÃO.** Isso depende do olhar do pesquisador(a) e de seu orientador ou orientadora, porém os demais itens devem vir na sequência aqui estabelecida no template, a fim de trazer o delineamento da pesquisa.

6. O texto pode e deve apresentar: tabelas; mapas mentais; diagramas; fluxogramas e demais imagens que conseguem ilustrar a pesquisa, porém recomenda-se que sejam criados pelo autor e ou, devidamente, referenciados. Não esquecer de acima da imagem colocar o título da imagem e após usar: **Fonte:** XXXXXXXXXXXX (2020) – **exemplo.**

7. O estudo deve apresentar notas de rodapé explicativas ao longo do texto.

8. O texto deve apresentar citações diretas com recuo – mais longas que 4 linhas, sempre devidamente utilizadas de acordo com as normas da ABNT com suas referências, por ex. (FOFONCA, 2018, p.31).

ANEXOS

São os documentos, *clippings*, fotografias, mapas, correspondências recebidas, legislação etc. relacionados/citados no estudo. Os anexos são sempre de autoria de terceiros.

*